

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado



Délcia Pereira Pombo

**Educação, memórias e saberes amazônicos:
vozes de vaqueiros marajoaras**

Belém – Pará
2014

Délcia Pereira Pombo

EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS:
VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares.

Belém – Pará
2014

Dados Internacionais de Catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Pombo, Délcia Pereira

Educação, memórias e saberes amazônicos: vozes de vaqueiros marajoaras/ Délcia Pereira Pombo, Josebel Akel Fares, Belém, 2014

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2014.
Orientação de: Josebel Akel Fares

1. Marajó, Arquipélago do (PA). 2. Vaqueiros – Arquipélago do Marajó (PA). 3. Marajó, Arquipélago do (PA) – Cultura. I. Fares, Josebel Akel (Orientadora). II. Título.

CDD: 21 ed. 305.56

Délcia Pereira Pombo

**EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS:
VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Josebel Akel Fares – Orientadora

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Edil Silva Costa – Examinadora Externa – UNEB

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Denise de Souza Simões Rodrigues – Examinadora Interna – UEPA

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará

Prof^a. Dr^a. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos – Examinadora Convidada – UEPA

Doutora em Ciências Sociais – Antropologia pela Universidade Federal do Pará

Examinada em: 05/ 08/ 2014.

Belém – Pará

2014

Aos Vaqueiros do Marajó.
Em memória de
Ricardo Teixeira de Barros
Vaneida Chagas Azevedo.

“A memória é a primeira realidade do espírito,
a partir da qual se originam o pensar e o querer.”
(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ouviu no tempo favorável e será sempre minha confortadora esperança de que tudo é possível porque nele confio.

À minha família, porto seguro entre embarques e desembarques: Júnior, grande companheiro, sempre se fez presente durante minhas viagens, dedicando-se à pequena Paola que ficou sob seus cuidados, só o Amor é capaz de expressar minha gratidão; Carolina, Erick, Paola, meus filhos; Érika e Leonardo, meus netos, grata por existirem e serem pontos de luz, faróis a iluminar minha vida; meu pai, Rocildo Gaia Pombo, comandante da embarcação, laço afetivo que me liga ao tema desta pesquisa; minha mãe, Maria Irene, que seguiu em outra direção, mas permitiu que navegássemos em busca de nossas próprias conquistas; à Consolação Moraes, que se uniu à tripulação e é a mão estendida na calmaria e também quando as ondas se encontram mais turbulentas; aos irmãos Sávio, Sandro, Orlando Júnior, Robson, Gregório Neto; e às irmãs Dilcirene, Samia, Sirley, Sandra, Susi, Shalena, Samilly, Tatiana e Valéria, que a vida me deu de presente e não mais se surpreendem com a alteração inusitada das minhas rotas. À Gisa, Raissa, Gabrielle, Luzieny e Leandro, ora foram vento em popa, ora lançaram âncora para me ajudarem a avançar na pesquisa. Com atenção e cuidado tia Cezarina, tio Mário Moreira e vó Sabá foram meus lemes durante certo tempo, a vocês o reconhecimento pela acolhida e apoio. Aos demais familiares incentivadores do/no processo de construção de conhecimento, obrigada por fazerem parte da minha vida e história.

Aos vaqueiros marajoaras Erandir, Ernani, Fabrício, Erandir Filho e demais integrantes da família Vasconcelos, especialmente a Dona Ana Maria, Edna, Elizabeth, Eida, Eloísa e Rosicleia, pelo ensinar e aprender constantes cujas histórias permitiram conhecer trajetórias de vidas singulares e enriquecedoras em uma troca prazerosa de experiência.

À Josebel Akel Fares, orientadora e conselheira, o meu afeto e apreço pelo conhecimento partilhado e participação efetiva na pesquisa, o que permitiu navegar em rumo certo, agradeço pela imersão nas águas da memória e a descoberta de um campo de saberes.

À Nathália Cruz, Anjo que Deus colocou em minha vida e está presente em meus pensamentos e orações, com quem é possível dar risada em meio à tensão (“a Lel já beu”) e não poupou esforços na cuidadosa leitura e revisão ponto a ponto deste trabalho.

À Maria de Lourdes, Cinthia Neves, Loyana, Daiana, Francisca Palheta, Ronilsa, Selda, Angélica, Gilson, Maurício, Clébia, Penha, Elicleuma, Irmã Olinda, Irmã Socorro, Antônia Costa, Deise, Michele, Vânia e demais amigos e amigas que perfumam minha vida, um cheiro especial que durará para o resto de nossas vidas.

À Kezya e Zaline, com quem dividi casa, comida e o prazer da companhia no decorrer dos estudos do mestrado e ao nosso exercício de alteridade, que refletiu no estabelecimento de sólidas relações de amizade.

À Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, em especial, à Coordenadora Professora Tânia Lobato pela oportunidade do mestrado-sanduiche na PUC/RJ, dentro do Projeto PROCAD; aos docentes pela prazerosa aprendizagem e aqui ressalto as contribuições da Professora Nazaré Cristina Carvalho; aos carinhosos e sempre prestativos funcionários da secretaria do Programa, Mauro, Jorge e Raíssa; aos colegas da 8ª turma/2012, pelas experiências, sonhos, inquietações, a força em diversos momentos e pelas informações disponibilizadas individual ou coletivamente.

À Professora Denise Simões Rodrigues, que mesmo na firmeza de suas convicções epistemológicas, revela uma aura envolvente de ternura. E, ao Professor Agenor Sarraf Pacheco, incentivador da produção de conhecimento sobre a Amazônia marajoara. Profissionais que deram indicativo de leituras e apontamentos relevantes por ocasião do exame de qualificação.

À Professora Maria do Socorro Simões pela ousadia em permitir a defesa de minha dissertação, a primeira defendida a bordo do Campus Flutuante, no XVII Encontro Internacional do IFNOPAP.

À CAPES pela concessão de bolsa de estudo o que contribuiu positivamente no compromisso e desenvolvimento da pesquisa.

À Secretaria de Educação do Estado do Pará pelo apoio e investimento na certeza de colaborar em minha formação profissional estimulando o aprimoramento ao longo da carreira.

À Secretaria Municipal de Educação de Concórdia do Pará, nas pessoas do Prefeito Elias Santiago e da Secretária de Educação Carmem Santiago, por fornecerem os meios para progressão profissional com estudos que valorizam e reconhecem o trabalho docente.

Às gestoras Ana Célia e Elisabeth, da Escola Barão do Rio Branco; à Luzia Matos, Coordenadora do Espaço Acolher; e às alunas vítimas de escarpelamento, do Programa da Classe Hospitalar; e ao Diretor da Escola Dom Mário/Bujaru-PA, Francisco Teixeira, juntos enfrentamos grandes desafios e cada dia consiste em um aprendizado mútuo.

Aos fazendeiros, por permitirem o acesso às suas terras e lá fazer o registro dos lugares onde trabalha o vaqueiro e demais dependências da propriedade e área rural.

Às pessoas especiais que passaram pela minha vida e fizeram desses dois anos ainda mais proveitosos, deixo aqui impresso meus profundos agradecimentos.

Velho Mané Grigório

A febre do Arari matou meu amigo Mané Grigório...
Mané Grigório me contava histórias
De fazendeiros ricos e honrados
Que iam, de noite, marcar o gado
Das “fazendas nacionais...”

Aquela sua mão dura como o couro
Quebrou muito boieco nos dias de ferra!
Peiou garrotes que faziam medo pro “seu” Guimar!
Curou bicheira dos bezerros
E puxou peito de vaca braba como onça,
que enchia as cuias de leite espumoso,
gostoso como luar na hora quieta
da gente, trepada nos paus da porteira,
comer carne com pirão de leite
E ouvir histórias da Mãe do Fogo...

Mestre das malhadas,
Chefe dos embarques,
Chefão na condução,
Sarado na castração!
Novilho ergueu a cabeça na ponta do gado
Vera, diabo, vera!
Que nada, é teimoso!
Trepida o alazão nas terroadas
Atrás do novilho!
Velho Mané Grigório finca o pé no vazio do seu cavalo
e laça o bruto só na mão virada!

Vaqueiro de brio, feitor como poucos
Lhe dessem a fazenda pra tomar conta
O gado aumentava que nem um milagre!
Cansado, já velho, fez um *chalet* em Cachoeira...
Era longa a sua carreira!
Fazia, devagar, no remanso das tardes,
os relhos e esticando as cordas com seus netos
Contava pra gente histórias:
Ferras!
Embarques!
Malhadas!
Patrões unhas de fome
Branças de estimar...

Velho Mané Grigório:
Você foi um santo de tanto vaqueirar!
S. Sebastião lhe deu o lugar que merece,
Muito bezerro chorão pedia por você quando ficava bom das bicheiras...
Você que rezava pro santo na tiração das esmoladas.
Beijava, benzendo-se, as fitas azuis, verde, cor de rosa do santo...
S. Sebastião, S. Sebastião, santo dos vaqueiros!
O senhor bem sabe a fama do velho Mané Grigório
por estes campos, S. Sebastião!

(Dalcídio Jurandir, 25/12/1932)

RESUMO

POMBO, Délcia Pereira. **Educação, memórias e saberes da Amazônia: vozes de vaqueiros marajoaras**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado do Pará, Belém – Pará, 2014.

O arquipélago do Marajó, localizado ao norte do Estado do Pará, reúne diversidade de culturas, formas de vida e organização social ao longo de dezesseis municípios entrecortados por numerosos rios, pelo oceano Atlântico e pela Baía de Marajó. Possui uma área com extensão territorial de 104.139,30 Km² e sua população de 487.010 habitantes detém um dos mais elevados percentuais de residentes no campo, já que desse montante 277.108 (56,9%) vivem na área rural num cenário cultural que configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Numa superfície coberta por extensos campos, propícios para o criatório, o homem do campo adquiriu lição da natureza e implantou um gênero de atividade corrente – a pecuária. Como representante do lugar surge o vaqueiro marajoara, em um cenário multifacetado e polissêmico, que nos leva a mergulhar na pluralidade cultural amazônica. Nesse trabalho, pretendem-se inscrever, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o reconhecimento social dessa profissão para se entender as relações sociais e como patrimônio cultural inerente à sociedade dos campos do Marajó. Os vínculos que surgem com o tema permitem vislumbrar e adentrar em novas searas da vida marajoara considerando suas leis costumes, representações por meio da coleta *in loco* de informações socioeconômicas, culturais e dos saberes do vaqueiro marajoara. Para tanto, utilizam-se as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, tendo a memória como objeto da história oral propícia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e, assim, identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários, decorrentes dos cotidianos por meio dos quais o homem marajoara constrói o seu saber. A pesquisa em si reside na necessidade de se registrar o que já foi vivido, a experiência da voz do narrador, para que não se percam os valores culturais do homem marajoara em vista da relevância do vaqueiro no contexto não somente marajoara, mas universal, pois sua voz ecoa em diversas áreas do conhecimento e viaja nos estirões imensos dos nossos rios e desemboca em outros afluentes.

Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.

ABSTRACT

POMBO, Délcia Pereira. **Education, knowledge and memories of the Amazon marajoaras voices of cowboys.** 2014. 146 f. Dissertation (Master of Education), University of Pará, Belém – Pará, 2014.

The Marajo's archipelago, located in the north of Para's State, gathers a diversity of cultures, ways of life and social organization along sixteen municipalities intersecting by many rivers, by Atlantic Ocean and by Marajo's Bay. It has an area with territorial extension of 104,139.30 km² and its population of 487.010 habitants that holds one of the highest percentages of residents in the field, since this total 277.108 (56,9%) lived in rural areas in a cultural scenario that configures the map of the own possibility of social life. In a surface covered by extensive fields, propitious for the breeding, the man of the field acquired nature's lesson and implemented a gender of current activity – the livestock. As a representative of the place arises the marajoara's cowboy, in a multifaceted and polysemic scenario, that takes us to dive in the amazon cultural plurality. In this work, intends to enroll, from the concepts of culture, memory, orality and education, the processes of identity construction of the cowboy and contribute to stimulate reflection about the aspects connected to their knowledge, as the social recognition of the profession to understand the social relation and as a cultural heritage inherent to the Marajo's field society. The ties that arises with the theme enable visualizing and entering in to the news crops of Marajo's life considering their laws, mores, representations. This work involves the on the spot collection of socioeconomic information, cultural and from the knowledge of marajoara's cowboy. For this, are used the life's trajectories as methodological procedure, based on the use of narratives, having the memory as object of this favorable oral history, making an autobiographic snip of the oral sources, by consider that they are relevant analysis's tools and like this, identify the intrinsic phenomena to the livestock, whether real or imaginary, arising of the multiple daily whereby the marajoara's man builds his knowledge. The research lies in the necessity of register what was lived, the experience of the narrator's voice, to not be lose the cultural values of the marajoara's man, from the memory remains by the functionality and charm and in order of the relevance of the cowboy in a context not just marajoara, but in the universal because his voice echoes in many knowledge's areas and travels in to immense spurts from ours rivers and flows in other affluents.

Keywords: Memories. Amazon Knowledge. Voices. Cowboys Marajó.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Da minha janela, o sol	14
Figura 2 – Embarque de gado	16
Figura 3 – Vaqueiro, laço e animal, inseparáveis	23
Figura 4 – Mapa do Arquipélago do Marajó	24
Figura 5 – Três gerações de vaqueiros: hábitos que os unem e diferenciam	25
Figura 6 – Metendo o pé na lama – Fazenda São Lourenço	32
Figura 7 – Às proximidades da Fazenda Tapera	40
Figura 8 – Caiçara da Fazenda Santo André	41
Figura 9 – Registro de vaqueiros em atividade com o gado – Fazenda São Lourenço	43
Figura 10 – Vaqueiros tangendo gado do curral para a balança	44
Figura 11 – Vaqueiros das Fazendas São Lourenço e Matinadas, tripulação da canoa e visitantes	44
Figura 12 – Cinco gerações de Vaqueiros da Família Vasconcelos	46
Figura 13 – Búfalos Carabao e Rosilho – Fazenda Bom Jesus	48
Figura 14 – Tangas de barro – indumentária feminina	49
Figura 15 – Preto Juvêncio, Vaqueiro do Marajó	51
Figura 16 – Dançarinos de lundu da Fazenda Tapera	52
Figura 17 – Curral de gado – Fazenda Bom Jesus	53
Figura 18 – Casa-grande – Fazenda Tapera	55
Figura 19 – Casa de vaqueiro – Fazenda Tapera	56
Figura 20 – Seja bem vindo a Soure – a capital do Marajó	59
Figura 21 – Villa de Soure – 1874	61
Figura 22 – Luis Andrônico de Vasconcelos	63
Figura 23 – Roque Vasconcelos	66
Figura 24 – Carteira de Trabalho de Roque Vasconcelos	67
Figura 25 – Erandir Vasconcelos	69
Figura 26 – Carteira de Trabalho de Erandir Vasconcelos	70
Figura 27 – Ernani Vasconcelos	73
Figura 28 – Carteira de Trabalho de Ernani Vasconcelos	73
Figura 29 – Fabrício Vasconcelos	76
Figura 30 – Carteira de Trabalho de Fabrício Vasconcelos	77

Figura 31 – Erandir Vasconcelos – Vaqueiro do Marajó	86
Figura 32 – Agenda de Erandir Vasconcelos	96
Figura 33 – Pala da camisa marajoara bordada em ponto cruz	97
Figura 34 – “Pai e filho na cabeça”	99
Figura 35 – Chapéu do Vaqueiro Erandir Vasconcelos	99
Figura 36 – Capa do livro <i>Os dez Brasis</i>	100
Figura 37 – O escritor Jorge Baleeiro e Erandir Vasconcelos	101
Figura 38 – E o Marajó abre suas porteiras	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Densidade demográfica dos municípios da Região de Integração Marajó 1991/2010	26
Tabela 2 – Municípios, população, extensão territorial e densidade demográfica do Marajó	26
Tabela 3 – Dados demográficos com acréscimo das populações urbanas e rurais do Marajó	26

SUMÁRIO

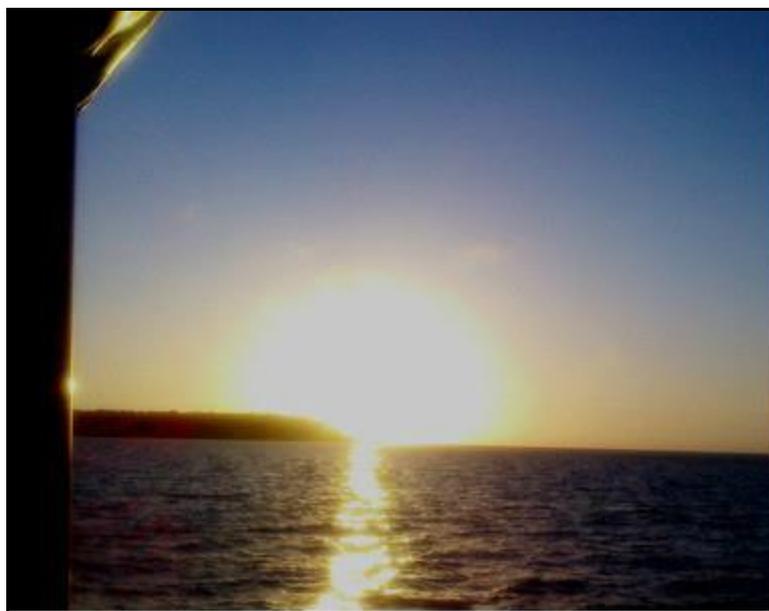
ERA 1 EMBARQUE. ASSIM TUDO COMEÇOU	14
1.1 Travessias: as rotas traçadas no circuito das águas da Amazônia paraense	15
ERA 2 BOI DE REDE: O CONDUZIR DA MALHADA	23
2.1 A investigação: encaminhamento das ações	24
2.2 A condução: as diferentes técnicas de manejo	29
2.3 A revisão: as buscas sobre o assunto em campo	34
2.4 A seleção: da liberdade dos campos ao corredor da caiçara	39
ERA 3 IDENTIDADES DO VAQUEIRO MARAJOARA: RÉDEAS DE SABERES E VIVÊNCIAS CULTURAIS	46
3.1 Mapeamento identitário: contexto histórico-narrativo	47
3.2 Em solo marajoara o formato de outra paisagem, o desenho de um novo ofício	53
3.3 Cinco gerações de vaqueiros: as histórias de vida constituem o sujeito	62
3.3.1 1ª geração: Luis Andrônico de Vasconcelos	63
3.3.2 2ª geração: Roque Vasconcelos	66
3.3.3 3ª geração: Erandir Vasconcelos	69
3.3.4 4ª geração: Ernani Vasconcelos	73
3.3.5 5ª geração: Fabrício Vasconcelos	75
3.4 Uma voz feminina em relatos de cura nos campos do Marajó	79
ERA 4 NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: A VOZ TRADUZ SABERES	86
4.1. Contar histórias sobre si: um ato de conhecimento	87
4.2. Tio Iranda: um intérprete de sua cultura	89
4.2.1 <i>“Daquele tempo de menino, ainda tenho no meu peito muita saudade...”</i>	91
4.2.2 O difícil transpor da infância à juventude	92
4.2.3 <i>Naquele tempo... Ah! Naquele tempo!</i>	93
4.2.4 A memória para o homem marajoara	94
4.2.5 Memorabilia de Erandir Vasconcelos: o estar no mundo é ser vaqueiro	95
4.3 Movência narrativa: eco de vozes se propaga e ressoa na educação	102
ERA 5 DESEMBARQUE	107
5.1 Das experiências e saberes do vaqueiro do Marajó: novo olhar, outros campos	108
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	120

ERA 1¹ EMBARQUE. ASSIM TUDO COMEÇOU

O sol deu-me bons dias através da janela
E me disse baixinho: Reza a oração da luz às árvores, irmão
E ouve os pássaros...
A manhã teceu com seus dedos de sol
A perfeição do som e da luz...
Alegria!

Valcídio Jurandir

Figura 1 – Da minha janela, o sol²



Fonte: Arquivo da autora.

¹ Cada ERA corresponde a um número referente ao ano de nascimento do animal (os nascidos, por exemplo, em 2014 recebem a ferra com o nº 4). Neste estudo empregarei o termo “ERA” para dividir os capítulos do texto, a saber: ERA 1 = bezerro; ERA 2 = mamote; ERA 3 = novilho; ERA 4 = garrote; ERA 5 = boi, ou seja, os diferentes estágios de vida do animal desde o nascimento até a época de ir para o abate. O gado da ERA 1, que inicia este trabalho, se refere ao bezerro, animal com menos de um ano de idade, sua carne é macia, de cor clara e pouco gordurosa. Tem as mesmas propriedades nutritivas que a carne de boi, mas o marajoara não tem o hábito de consumi-la.

² As imagens não são apenas ilustrativas, mas suporte de uma leitura imagética com introdução de elementos que conduzem o leitor na construção e compreensão da realidade local além de outras representações pertinentes ao entorno do sujeito da pesquisa.

1.1 Travessias: as rotas traçadas no circuito das águas da Amazônia paraense

Embarque³. A marca do imperativo teve o tom brando da voz do meu pai naqueles idos anos de 1976, ao saltar para a proa da Canoa Itabaiana no Porto do seu Aurélio em Bujaru⁴. O destino era a cidade de Soure, no arquipélago⁵ do Marajó. Aos dez anos de idade deu-se início à minha aventura pelos mares, rios, furos, baías da Amazônia paraense.

A viagem de Bujaru a Belém⁶ foi tranquila, o Rio Guamá era calmo se comparado à fúria do Canal do Maraú, na baía do Marajó, que balança a embarcação quando passa nessa rota. E a pequena embarcação boeira, movida à vela, era sacudida pela força violenta das ondas no casco. Tive medo, muito medo, mas aí de mim se expressasse meu temor. Adeus, viagens! Após a tormenta avistar o farol de Salvaterra parecia miragem e a navegação ao entardecer pelo Rio Paracauari, que banha Soure, até a Fazenda Bom Jardim, ocorreu sem incidentes. Enfim, terra firme.

Na cabeceira da ponte estava o feitor da Fazenda, Senhor Ulisses, que após as saudações e conversas de costume nos levou ao Rancho para uma refeição composta de iguarias da cozinha marajoara: frito de vaqueiro, costelas de porco, caldeirada de peixe, coalhada, e um recipiente com farinha. Após a comida enlatada servida na canoa desde a saída do porto, a visão da mesa farta era um verdadeiro banquete. É costume e consiste em uma característica comum nas fazendas servir com mesa farta desde o café da manhã: “A mesa estava composta de carne assada na brasa, frito, linguiça assada, leite fresco e farinha de mandioca. Após esse desjejum que mais parecia um farto almoço foi servido café” (FEIO JÚNIOR, 2004, p. 45).

Depois, seguimos até a Casa Grande onde o proprietário já aguardava para os últimos acertos do embarque⁷. A princípio, não entendia como se procedia a atividade de embarque do gado e cabe aqui a interpretação de Dalcídio Jurandir (2008, p. 328):

³ Do verbo embarcar, 3ª pessoa do singular, modo imperativo afirmativo. Subida a bordo.

⁴ Bujaru pertence à Mesorregião Metropolitana de Belém e à Microrregião de Castanhal. O principal rio é o Guamá, para onde vertem os rios que o atravessam e em cuja margem esquerda localiza-se a sede municipal.

⁵ Nesta pesquisa optei pelo uso de arquipélago em substituição ao termo Ilha, por entender este último como ideia limitada e que não alcança o todo da Amazônia brasileira, diferente da visão de arquipélago, mais consolidada. Outro fator incide em que cada município da região tem uma infinidade de ilhas, logo, o Marajó se constitui um arquipélago.

⁶ Capital paraense é o portão de entrada da Amazônia, assim diz Benedito Nunes (2006, p 17) “Belém era desde o século XVIII, uma cidade cêntrica: centralizava a paisagem do estuário amazônico num cenário, entre rio e floresta; boca de sertão e porto centralizava as atividades produtivas das demais cidades e vilas do interior na moldura do intercâmbio comercial com o estrangeiro e com o resto do país”.

⁷ Carregamento de gado a bordo da canoa para seguir viagem.

O embarque continuou. Ormindá viu aquele boi grande laranja suspenso pelos cabos, ficou num momento, junto ao mastro do barco, imenso e largado. Somente os olhos saltados pareciam vivos como os de um homem. Naquele instante no alto a cabeça apertada nos cabos, a baba escorrendo, imóvel e mudo, o boi falava com aquele olhar lúcido e triste em que se refletia um pedaço da nuvem e de azul do céu que lhe trazia a saudade verde dos campos, velhos currais distantes, as primeiras carreiras de garrote entre as novilhas suas noivas e cordas, muitas cordas, o golpe do laço o arrancara do chão e o levava para o ar. O boi ficou com olhar fixo para o alto, fixo e profundo como se quisesse absorver o céu, tivesse compreendido o seu destino.

No dia 23 de abril de 2014 participei de um embarque na Fazenda São Lourenço e lá consegui a imagem que tanto busquei para referendar essa fala da personagem Ormindá⁸. Quando vi “aquele boi grande laranja” na balança imediatamente fui para dentro da canoa e acompanhei o momento em que o animal despontou na cabeceira da caçara e foi suspenso pelos cabos até o porão da embarcação.

Figura 2 – Embarque de gado.



Fonte: Arquivo da autora.

Não era – e nem é! – algo bonito de se ver, sentia dó dos animais que mugiam sem parar enquanto ficavam pendurados pelo pescoço até alcançarem o chão da canoa. Mas, da mesma forma que Ormindá, via ali um mundo desconhecido e admirava o trabalho dos vaqueiros que corriam ao lado das reses, estalavam os lábios e giravam a corda sobre as cabeças, seus movimentos em sintonia com os do cavalo que obedeciam ao toque das rédeas e ao ritmo cadenciado do galope pareciam, às vezes, um único ser.

⁸ Personagem feminina do romance *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (2008).

Entre idas e vindas, eu e minha família nos mudamos em definitivo para o município de Soure, no Marajó, em 1978. O contato com fazendas e vaqueiros se dava de forma esporádica, já estava mocinha para andar para cima e para baixo em um meio predominantemente masculino, e passei às visitas apenas durante as férias escolares na Fazenda Prazeres. Não importava que as cenas fossem as mesmas, era interessante e divertido frequentar o barracão e assistir à tiração de leite, aprender a andar a cavalo e conhecer os retiros, observar o preparo do queijo do Marajó e, vez ou outra, lambuzar as mãos ao tentar encher linguiça.

À noitinha, no pátio das casas, punha-me a ouvir as histórias dos vaqueiros, um “dedo de prosa” que até hoje me fascina e instiga a imaginação. A partir daí, penso, se traçaram minhas primeiras aproximações com o tema da pesquisa e, com eles, “aprendi um bocado de coisas naquelas conversas sem fim, conversas feitas de nada” (GALLO, 1980, p. 17). As palavras do escritor italiano de origem e marajoara de coração na própria linguagem do povo corroboram às minhas a respeito desse aprendizado informal.

Já na vida acadêmica, a curiosidade em torno do vaqueiro marajoara prosseguiu pelo fato de continuar circulando constantemente no espaço rural, o que motivou minha aproximação com o tema que se deu de forma afetiva e casual, e, posteriormente, como objeto de estudo. Seguir o “distanciamento”, preceito da ciência Positivista para a prática da pesquisa estava em risco, no entanto, consola-me saber que na atualidade os preceitos são outros nos quais é possível uma aproximação entre sujeito e objeto, especialmente quando o pesquisador está imerso na cultura local.

O desejo de retomar o estudo sobre o universo cultural do cotidiano do vaqueiro do Marajó se realizou por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, um espaço privilegiado de discussões teóricas, onde aclarei as experiências vividas por mim frente aos inúmeros aspectos que constituem esses sujeitos, de forma a exaltá-los em sua simplicidade e fragilidade, sem recorrer a uma narrativa romantizada. Há que se considerar, no entanto, a impossibilidade de evitar, em alguns trechos, um olhar mais sensível às disposições que coligam memória, cultura e identidade, dado que, vez ou outra, também vivencio, integro e (com)partilho dessa mesma realidade, enquanto moradora da cidade de Soure – Marajó.

O *locus* deste trabalho, com vaqueiros, se insere no mesmo espaço de pesquisa de Giovanni Gallo (1980), com os pescadores, ambos no Marajó e os percalços assemelham-se e nossas vozes uma vez ou outra se juntam em uníssonos, como agora: “Desde o começo fiquei à espreita, para captar todas as mensagens, mesmo as mais insignificantes, uma palavra de gíria,

uma estória antiga, um jeito de ser, sobretudo aquelas coisas que não valem a pena contar” (GALLO, 1980, p. 17).

Assim, a primeira pesquisa que desenvolvi acerca do vaqueiro marajoara foi o resultado de muitas conversas rumo às fazendas e no retorno também. Sempre tinha como companheiros de viagem pessoas do campo que gostavam de conversar e, como as viagens eram longas⁹ tínhamos bastante tempo. Em nossos diálogos, percebi que muitos termos, por eles empregados, tinham uma singularidade que me despertou para registrá-los. Inicialmente sem nenhuma intenção enquanto objeto de estudo, mas já na Graduação a curiosidade tomou forma e deu origem ao “Léxico do vaqueiro marajoara: aspecto do falar nos campos de Soure”, pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Língua Portuguesa, com finalização em maio de 2004, desenvolvido por mim em coautoria com a companheira de estudos Vaneida Chagas Azevedo. Para minha amiga o sonho acabou. “Deus lhe dê o reino da glória/ e o céu por salvação”¹⁰. Quanto a mim, retomei o projeto no Mestrado em nova versão: “A voz de um vaqueiro do Marajó: evocação dos saberes, memórias, culturas e educação amazônica”, título ainda em processo, hoje nomeado “Educação, memórias e saberes amazônicos: vozes de vaqueiros marajoaras”.

Reporto-me ao texto de Fares (2012, p. 174) para a ciência do dizer que justifica emprego de apenas uma voz a de Erandir Vasconcelos, já que no título da Dissertação aparece o termo no plural, vozes de vaqueiros marajoaras:

Importa ratificar que ao mesmo tempo em que se constrói a imagem particular, esse personagem metaforiza o plural, o vaqueiro dos campos marajoaras, com seus saberes impregnados de uma cultura de raiz tradicional, mas que atravessa os processos de mundialização existentes nas áreas rurais do Brasil. Saliento também que a ciência do dizer não exige comprovações, nem dúvidas ao narrado, a narrativa do intérprete é a verdade com que reflete seu universo.

Ou ainda quando interrogarem sobre a veracidade dos fatos narrados, quem sabe, responder à maneira Portelli (1997, p. 25):

Nosso problema não se limita a aliar nosso compromisso como historiadores à objetividade daquilo “que realmente aconteceu” nem a consciência pós-moderna de que, na realidade, jamais chegaremos a descobri-lo. Também estamos cientes, a esta altura, de que muito aconteceu na mente das pessoas, em termos de sentimentos, emoções, crenças, interpretações – e, por esse motivo, até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade.

⁹ O tempo percorrido de barco a motor de Soure em direção à fazenda mais próxima, que tem caiçara, e é utilizada para embarque de gado é de aproximadamente três horas de viagem.

¹⁰ Trecho do cântico de agradecimento entoado pelos foliões – cantadores e rezadores que fazem longas viagens pelos campos do Marajó – por ocasião da recolha das esmolhas do Santo de devoção. Após o ato, os romeiros seguem seu itinerário.

Ao mesmo tempo entende-se a epistemologia da prática, segundo Menegat (2008, p 14), como um campo de investigação que permite o estudo da ciência tanto no seu aspecto atual como no seu devir histórico e não há como dissociá-las. Principalmente porque falibilistas como Popper (1989 apud MENEGAT, 2008, p. 20) embora sustente sua teoria no racionalismo crítico na atividade científica, exigindo formas de conhecimento mais válidas e legítimas, ele admite também “que podemos de fato conhecer algo e o nível de regressão infinita que aplicamos a esse conhecimento depende de onde queremos chegar”. O que se justifica quando se tem em vista a problematização da pesquisa, a análise e a compreensão de elementos epistemológicos e históricos, e por vezes, torna-se necessário ir às fontes primárias para se entender as percepções dos autores citados na pesquisa.

Daí a questão central: como a identidade do vaqueiro marajoara se constrói e em que condições históricas e socioculturais? Há de se analisar as mudanças sociais que ocorreram desde a primeira geração da família Vasconcelos na profissão de vaqueiros que se iniciou com Luis Andrônico, seguido, respectivamente, do filho Roque, neto Erandir, bisneto Ernani, tataraneto Fabrício. Os três últimos se configuram como portadores de vozes polifônicas, instrumentos para (re)produzir saberes que emergiram durante a investigação.

As reflexões de Josebel Akel Fares (2003) na Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica visaram à elaboração de “**Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**”. Membro do grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas além de coordenar o projeto “**A épica do vaqueiro marajoara**” nada mais natural que esta pesquisa de Dissertação de Mestrado com foco no mesmo objeto, embora em outra perspectiva de análise, se constituísse em ancoragem para os meus escritos. Para a pesquisadora, as narrativas orais compõem o registro poético, nas vozes dos aedos o contar pelas frestas da memória do Marajó de ontem e de hoje. Os saberes se entrelaçam no contexto regional e são fundamentais para mapear os elementos da cultura e da comunicação da Amazônia marajoara, com a preocupação evidente “em fazer conhecer o que é conhecer” (MORIN, 2007, p. 14).

Entre céu e mar, campos e florestas, tesos e baixios, terroadas e alagados, saberes empíricos e científicos, e outros eixos norteadores deste trabalho o delimito em quatro eras:

Na **ERA 1 – Embarque. Assim tudo começou**, estabeleço minha relação com o tema da pesquisa. A partir da realidade local e das relações epistemológicas se promovem a articulação dentro de um espaço de aprendizagem bastante diferenciado onde busco ressaltar a trajetória de vida do vaqueiro marajoara constituído em seus múltiplos contornos.

ERA 2 – Boi de rede: o conduzir da malhada, consta a organização metodológica que constitui a base dos critérios estabelecidos para realização da investigação, condizente

com os objetivos propostos. Consiste numa combinação de diferentes técnicas, a revisão da literatura sobre o assunto assim como emprego de conceitos que embasam a pesquisa referem-se à abordagem e justificam minha opção. Para tanto, utilizam-se as trajetórias de vida como procedimento metodológico (SÁNCHEZ GAMBOA, 2012; MARCONDES, TEIXEIRA, OLIVEIRA, 2010), pautado no emprego de entrevistas narrativas (BERTAUX, 2010), o que a memória como objeto da história oral propicia (FREITAS, 2002; ABRAHÃO, 2006; ATAÍDE, 2006; FERREIRA, 1997; PORTELLI, 1997; LOZANO, 1996; BOURDIEU, 1996) na identificação dos elementos culturais comuns na construção do sujeito histórico dessa pesquisa. Quanto aos eixos estruturantes, percebi um dado interessante nas conversas trocadas com os vaqueiros durante a pesquisa de observação: a vontade que eles têm de relatar suas experiências. Narrar, para esses homens, acredito ser uma estratégia que empregam a fim de aprimorar e registrar suas narrativas nas quais imprimem, normalmente, uma espécie de conselho (BENJAMIN, 1994). Uma performance (ZUMTHOR, 2007) imersa em vivências históricas presentes na construção dos saberes locais.

Na **ERA 3 – Identidade do vaqueiro marajoara: rédeas de saberes e vivências culturais** traço um perfil do vaqueiro marajoara e lá apresento o lócus do homem dos campos do Marajó, as notas iniciais se voltam ao arquipélago para situar o trabalho em virtude de ser o roteiro a partir do qual se insere os demais *habitats* do vaqueiro marajoara. Soure, enquanto espaço urbano e espaço rural, e a Fazenda Tapera são locais onde o vaqueiro estabelece relações com o meio o que implica em uma verificação mais atenta sobre os fazeres comuns da vida cotidiana. Uma vez que o sujeito da pesquisa se autointitula “*cria da Fazenda Tapera*” faz-se um registro desse local onde viveu Erandir Maciel de Vasconcelos e a caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa. Ao mergulhar nas memórias, penso que não é possível esquivar-me da identidade do ser vaqueiro (CANDAU, 2012; HALL, 2011, 2013) e a inclusão da formação identitária desse sujeito social tanto para o campo sociológico, com suporte da memória social, quanto para o educacional, para que não se percam os valores culturais do homem marajoara, do conhecimento que adquiriu na experiência. A necessidade de se registrar o vivido possibilita o mapeamento identitário do vaqueiro do Marajó (FARES, 2003, 2012; OLIVEIRA, 2008). Antes de enveredar por outras direções, resolvi percorrer os campos da Ilha de Marajó e posteriormente, a cidade de Soure, em descrição no contexto histórico, mais objetivo (BAENA, 1969; BARROSO, 1953; CRUZ, 1987, 1999; PEREIRA, 1956; JURANDIR, 1942; TEIXEIRA, 1953; GALLO, 1980; MIRANDA NETO, 1993, LACERDA, 1998; PACHECO, 2006; MORAIS, 1936) e, no ficcional atento à literatura brasileira de expressão amazônica (JURANDIR 2008; STEINER, 2005; VIANNA 1998;

FEIO JÚNIOR, 2004) entre outros autores cujo foco centra nas produções estéticas em um processo de tradução cultural de quem vive/viveu na região.

Na **ERA 4 – Narrativa (auto)biográfica: a voz se traduz em saberes** quando o vaqueiro começa a contar histórias sobre si fazendo um recorte (auto)biográfico (ABRAHÃO, 2006; PASSEGGI, VICENTINI, SOUZA, 2013; SOUZA, PASSEGGI, 2008; ABRAHÃO, 2012). Trabalha-se, portanto, na perspectiva da escuta da voz (ZUMTHOR, 1993) e de um novo olhar para esses sujeitos, seja pelo lugar que ocupam no seu espaço-tempo (THOMPSON, 1995; BEAUVOIR, 2013) ou quando transitam em territórios da memória individual e coletiva (LE GOFF, 2012; HALBWACHS, 1990) dos vaqueiros marajoaras, que permanece pela funcionalidade e encanto; nos seus esquecimentos, propiciadores da criação (ZUMTHOR, 1997; FERREIRA, 2003), e nas suas lembranças (BOSI, 2003, 1994), são os pilares que sustentam e justificam esse estudo. Na experiência do narrador (BENJAMIN, 1994; SOUZA, ABRAHÃO, 2006; BOSI, 1994) desponta um sujeito, intérprete de sua cultura (THOMPSON, 1995; TÁVORA, 2008; CANCLINI, 2008), e nele refletem formas de viver e de pensar. Um reflexo disso são os objetos biográficos (BOSI, 1994) que Erandir Vasconcelos coletou enquanto trabalhador dos campos do Marajó e se incorporam à sua vida, um elo familiar que procura manter como se fossem uma representação da experiência enquanto vaqueiro.

Nesse sentido, o eixo central da pesquisa gira em torno da memória, educação/saberes e identidade, em diálogo constante que se evidenciam no interior de um terreno ativo de produção e criação cultural no cotidiano dos sujeitos da pesquisa (BRANDÃO, 2003; 1982; BRASIL, 2009; FREIRE, 2007, 2000, 1993, 1991), mas que se encontram distantes dos currículos escolares. São saberes que se pronunciam através das vozes dos vaqueiros marajoaras e como esses saberes se materializam por meio da movência da narrativa (ZUMTHOR, 2010).

Retomo, no **ERA 5 – Desembarque**, alguns pontos discutidos nos capítulos anteriores para poder melhor compreender as configurações pertinentes à profissão do vaqueiro e os aspectos ligados aos seus saberes e como se dá a transmissão desse conhecimento em um ambiente educativo não formal, o ambiente das comunidades na educação voltada para a formação do sujeito, do seu estar no mundo dentro de um contexto cuja abordagem visa a atender às especificidades da região do Marajó. Seguem as referências que deram suporte ao trabalho, um levantamento bibliográfico com instantes de leitura às vezes prazerosa, outras mais difíceis, outras realmente obrigatórias, em todas, aproveitei-me de rabiscos, notas, marcação de página, confronto de opiniões, fichamentos, dúvidas nos métodos, metodologias,

técnicas que a busca nos matérias disponíveis acalmaram, em parte, tais anseios e nortearam a escrita que ora se apresenta.

Nas águas em que navego e nos campos onde trafego e que, em certas épocas os dois espaços se juntam, pretendo mapear os saberes do vaqueiro marajoara por meio da observação das práticas sociais. Nos deslocamentos de Belém a Soure e fazendas fiz anotações, fotos, filmagens, o registro dessas observações em que busco subsídios para composição das histórias dos vaqueiros do Marajó. E, sendo ribeirinha, posso dizer que cada viagem se constitui uma verdadeira odisséia, com encontros e despedidas, turbulência e tranquilidade, vontade de ir e de ficar. Assim é o Marajó, um arquipélago abarrotado de contradições que o fazem tão singular.

Quer conhecê-lo? Então, venha. Dirija-se ao primeiro porto às margens do Rio Guamá na Estação das Docas do Pará rumo ao arquipélago do Marajó pela baía de igual nome. Após três horas de viagem, desembarca-se no segundo porto, em Camará. A viagem prossegue, tem uma hora na estrada, até o terceiro porto na localidade de Caldeirão, em Salvaterra; se for atravessar para Soure, meia hora basta; agora, se for direto à fazenda, o tempo é... a paciência. Depois é seguir viagem, afinal, você está no Marajó e “navegar é preciso”. Então, a rota prossegue pelo Rio Paracauari, e depois pelo Rio São Lourenço em direção às fazendas. Chega-se ao campo. Os cavalos estão selados e um guia conduzirá à morada de um sujeito que vale a pena conhecer, o vaqueiro do Marajó e também a “Criaturada grande de Dalcídio”, expressão empregada por Eneida de Moraes ao povo do Marajó, esse mundão de gente “sem eira nem beira” que vive à margem da História.

De repente, se desperta a curiosidade de alguém com esses escritos e quem sabe queira percorrer a mesma rota ou descubra outras tantas ainda inexploradas nessa imensidão de águas, campos e florestas do Marajó.

ERA 2¹¹ BOI DE REDE: O CONDUZIR DA MALHADA

Missunga distinguiu, na lonjura, os vaqueiros a galope rompendo o aguaçal, atravessando as lagunas, tocando os rebanhos para os tesos. A luta para salvar o gado se tornava mais difícil. Trabalhavam nos atoleiros, famintos, estropeados, doentes. Os jacarés, os sucurijsus, as arraias tocaiavam. No Lago Arari, Orminda viu de repente a água crescer em torno da palhoça e em toda a beirada. Viu seu rosto refletido ondulando, naquela água de inundação, seu corpo, seus cabelos, pareciam morurés e olhava tanto para as águas que Ramiro falou: Eh, pequena, tu acaba flechada¹² (JURANDIR, 2008, p. 338)¹³.

Figura 3 – Vaqueiro, laço e animal, inseparáveis.



Fonte: Arquivo da autora.

¹¹ É a idade do mamote, está na fase de crescimento, período de engorda para desenvolver, seus os testículos ainda não arriaram, não tem idade para isso, quando arriarem muda de fase.

¹² Segundo Maués (1995, p. 194-196), flechada é uma ação maléfica dos encantados que vivem no fundo e na mata. Concebidos como seres perigosos, podem provocar doenças nos seres humanos, além de outros males, como a “flechada de bicho” podendo atingir qualquer parte do corpo, exceto a cabeça e as cruzes, provocando fortes dores e, mesmo eventualmente, a morte.

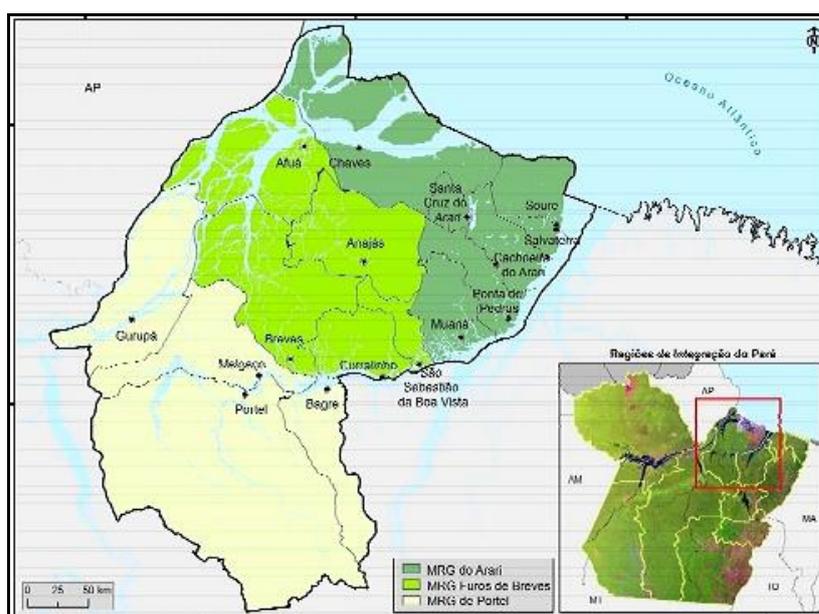
¹³ Extraí este excerto por entender que estabelece uma analogia com a metodologia desenvolvida por mim durante a pesquisa seja durante o inverno com os campos alagados, chuvas constantes, as viagens de barco... ou no verão muita poeira, sol a pino, viagens de carro que sacoleja sem parar... Em cada uma os encantos e as dificuldades de acesso aos campos do Marajó.

2.1 A investigação: encaminhamento das ações

O princípio da investigação se dá no arquipélago do Marajó por ser o espaço onde transita o homem dos campos marajoaras ao longo de sua carreira profissional se trabalha na perspectiva etnossociológica que propõe, segundo Bertaux (2010, p. 25–26), “uma forma de pesquisa empírica adaptada à identificação das lógicas próprias de cada mundo social, ou de cada tipo de situação”. Um dos objetos de estudo da pesquisa etnossociológica diz respeito ao mundo social que se constrói em torno de um tipo de atividade específica, neste caso, os espaços por onde circula o vaqueiro marajoara.

Localizado ao norte do Estado do Pará, o arquipélago do Marajó reúne diversidade de culturas, formas de vida e organização social ao longo de dezesseis municípios entrecortados por numerosos rios, pelo oceano Atlântico e pela Baía de Marajó.

Figura 4 – Mapa do Arquipélago do Marajó.



Fonte: GeoPARÁ (2007).

Possui uma área com extensão territorial de 104.139,30 Km² disposta em torno de em cinco regiões: a) Nordeste – Cachoeira do Arari, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure; b) Sudeste – São Sebastião da Boa Vista, Muaná e Curralinho; c) Sudoeste – Breves, Bagre, Gurupá, Melgaço e Portel; d) Noroeste- Chaves e Afuá; e) Central – Anajás.

Na concepção de Barroso (1953, p. 77) o arquipélago do Marajó divide-se em duas partes: “a sudoeste é coberto por exuberante, fecunda e espessa floresta tropical; e ao nordeste é formada por opulentas e verdes pastagens”. Divisão que Pacheco (2006, p. 23) resumiu em

Marajó dos campos e das florestas. A pesquisa que ora apresento focará o sujeito no Marajó dos campos de Soure.

Assim, surge como representante do lugar, o vaqueiro marajoara, reconhecido pelo seu modo desconfiado de ser. Para se conseguir ter um diálogo com um deles, precisa antes de tudo, conquistar sua confiança¹⁴. Este é, possivelmente, um comportamento proveniente de uma herança cultural dos índios que assim procediam. A indumentária também o caracteriza, de acordo com a estação há um tipo específico de vestimenta “pois se compõe de calça e blusa, chapéu de palha e, no inverno, uma manta de baeta; monta descalço colocando apenas um ou dois dedos dos pés no estribo” (MIRANDA NETO, 1993, p. 74).

Ressalta-se que os vaqueiros mais antigos atendem a essa descrição, mas os vaqueiros da nova geração seguem nova tendência: a calça de brim foi substituída pelo jeans, o chapéu de palha pelo boné, e a manta de baeta¹⁵ cedeu lugar às capas plásticas, ainda permanece o hábito de se montar descalço, quanto ao estribo¹⁶ não há um tamanho padrão, coloca-se o número de dedos que lá comportam desde que deem firmeza ao vaqueiro.

Figura 5 – Três gerações de vaqueiros: hábitos que os unem e diferenciam.



Fonte: Arquivo da autora.

¹⁴ A garantia de minha aceitação na pesquisa de campo. Para Marcondes (2010, p. 30) quando há garantia dessa aceitação “o pesquisador terá acesso a dados e informações. Poderá participar de diferentes atividades. Isso garantirá sua participação no contexto mais amplo e o acesso privilegiado. Esse processo de negociação deve envolver uma relação de confiança, ética e compromisso com o que se vê e ouve”.

¹⁵ Lacerda (1998, p. 41) justifica o nome dado a capa vermelha utilizada pelo vaqueiro: “baeta vem do passarinho homônimo, cujo peito é encarnado (vermelho) comum nos campos, ao lado do tetéu”.

¹⁶ Estribo é um aro de metal, suspenso por uma correia de cada lado da sela e sobre o qual o cavaleiro apoia o pé. No léxico do vaqueiro marajoara há uma variação para estrivo ou balança, sendo esta última a forma mais usual (POMBO & AZEVEDO, 2004, p. 51).

Na intenção de estabelecer um diálogo com alguém que se supõe desconfiado, apresento o vaqueiro marajoara Senhor Erandir Vasconcelos, ou Tio Iranda, como é conhecido em toda a região. Descubro que ele é de prosa fácil, deixa transparecer em sua fala o conhecimento que tem sobre os campos, pois lá vivia, nas fazendas, à margem de rios e igarapés e tem enorme prazer em relatar suas experiências e os saberes que adquiriu ao longo de sua vida em contato diário com a natureza. São saberes legados pelas gerações que o antecederam na profissão e dos companheiros com quem compartilha a vivência do dia a dia na labuta do serviço, no jogo de dominó. Aparecem também nas festas de Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião, seus padroeiros, pois “não são somente os lugarejos, vila e cidade que têm o seu santo padroeiro e protetor; também as fazendas o têm e quão majestosa e bela é a sua festividade” (BARROSO, 1953, p. 208). Além da devoção aos santos, outras manifestações culturais são vivificadas nas extensões de terra a perder de vista que compõem o cenário das fazendas no Marajó.

Em muitas terras se pensa em muitas gentes, para confirmar essa hipótese importa saber: Qual o número de habitantes do campo? Há uma aproximação com os resultados obtidos na cidade? Os últimos censos verificam alguma alteração na relação campo/cidade? Se caso positivo, quais os fatores que influenciaram esse deslocamento? O IBGE, segundo Barbosa (2012), traz os dados que ajudam a esclarecer tais questionamentos.

Tabela 1 – Densidade demográfica dos municípios da Região de Integração Marajó (1991/2010).

MRG/ Município	Área Km ²	População 1991	População 2000	População urbana 2000	População rural 2000	Dens. Demog.	Taxa crescimento anual 1991/2000	Taxa Urbana (0%)	População 2005
Soure	3.513	7.481	19.958	17.302	2.655	5,68	1,48	86,7	21.510

Fonte: IBGE (2000).

Tabela 2 – Municípios, população, extensão territorial e densidade demográfica do Marajó.

Município	População Geral-2010 (habitantes)	Extensão territorial (Km ²)	Densidade demográfica (hab/Km ²)
Soure	22.995	3.513	6,55

Fonte: IBGE (2010).

Tabela 3 – Dados demográficos com acréscimo das populações urbanas e rurais do Marajó.

Município	Total da Pop.	Total de Homens		Total de mulheres		Total da Pop. Urbana		Total da Pop. Rural	
Soure	22.995	11.477	49,91%	11.518	50,09%	21.009	91,36%	1.986	8,64%

Fonte: IBGE (2010).

O total da população no Marajó em 2010 era de 487.010 habitantes, com 56,9% de residentes nos campos, o que na época se considerou um dos mais elevados percentuais segundo o IBGE (2010), enquanto a média a média do país é de 18%. Observando dados de 2000 verificou-se que no município de Soure 13,3% residiam nos campos, na cidade 86,7%; em 2010 a taxa da população rural diminuiu para 8, 64%, enquanto da zona urbana passou para 91, 36%. Há, portanto, uma saída da zona rural em direção à urbana que se acentua a cada censo. Dados que se refletem em mais dois municípios Breves e Salvaterra com população urbana superior à rural.

No “Relatório Analítico do Território do Marajó” sob a coordenação de Maria José de Souza Barbosa (2012, p. 23) se explicam as causas para a referida situação:

No caso de Soure, um dos fatores que pode explicar o inchaço populacional na área urbana, ocorrido na última década, se deve ao fato da atuação do Ministério do Trabalho junto aos fazendeiros da região devido aos mesmos não regularizarem a situação trabalhista dos vaqueiros e de suas famílias. Neste sentido o que se observa é um processo de migração destes para a cidade com a formação das chamadas ‘invasões’ de terrenos próximos às áreas de periferia, muitas vezes, sem qualquer planejamento, o que vem incorrendo em casos de intensa vulnerabilidade social dessa população¹⁷.

Quando li o relatório pareceu-me estar diante de um fato já ocorrido antes e fui à busca das minhas anotações, até que encontrei nos escritos de Antônio Emílio Vieira Barroso (1953, p. 202-203, grifo do autor) um fragmento relativo às considerações da Comissão Especial de Justiça sobre o vaqueiro do Marajó. Diz o autor,

O MARAJOARA que vive nas fazendas, ao contrário do que a Comissão Especial de Legislação Social¹⁸ disse e fez publicar na imprensa, vive modestamente, mas bem [...] Aquela Comissão apresentou uma série de sugestões para aplicá-la aos nossos “vaqueiros”, dentre as quais: carteira profissional, a obrigatoriedade do seguro, salário mínimo, lei de acidentes, etc, etc. Acho que essa Comissão não percorreu toda a ilha, ou ao menos uma certa parte apenas, pois, se o tivesse feito veria o modo com que são tratados, as garantias que possuem, os socorros que têm durante os acidentes, etc. Trabalhemos mais e falemos menos.

Não tenho aqui a pretensão de me opor às considerações do Relatório, mas ressalto que a atitude de invasor mencionada não corresponde ao que se conhece desses sujeitos. Existe sim um grande número de vaqueiros sem carteira assinada e eles se ressentem da ausência de direitos. Em conversa¹⁹ com eles, um revelou: “*nós não temos carteira assinada,*

¹⁷ Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br/download/ra/ra129.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

¹⁸ Em 1920 foi criada a Comissão Especial de Legislação Social da Câmara dos Deputados, com a função de analisar toda e qualquer iniciativa legislativa na área trabalhista.

¹⁹ Sempre que se referir à voz, haverá alteração na fonte.

mas a matalugem²⁰ não é cobrada nem nosso rancho e, se caso precise ir a Soure ou Belém os dias que passou fora não é descontado, o salário é limpo, mas não tem carteira assinada não". Outro vaqueiro, de fazenda vizinha, apresentou procedimento diferente: *"o meu patrão assina a carteira, paga sindicato, faz tudo direitinho, só tem um problema: tudo é descontado, é carne, rancho, se faltar então aí que ele desconta"*.

Uma realidade a se considerar, visto que o cidadão de direitos fica a maioria das vezes sem saldo nenhum para suprir outras necessidades além da comida; e o que não têm direitos sempre recebe o salário integral. Qual dos dois profissionais é mais reconhecido economicamente, o primeiro ou o segundo? E socialmente? Importa um modelo que siga os contornos da realidade de modo que a "Criaturada grande de Dalcídio" (re)desenhe um espaço livre da exploração do homem onde ele é mais suscetível de ser ferido – a ausência de direitos – e, por isso, exposto as mais diversas formas de vulnerabilidades sociais.

Deve-se ter consciência de que o ser humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Esta tripla realidade conta o caráter da condição humana (MORIN, 2010) e associado à ética deve ser o eixo que conduz ao exercício pleno da cidadania. Um procedimento esperado pelo vaqueiro marajoara em qualquer situação, pois em sua maioria, são homens honestos, honrados, responsáveis com profundo respeito ao Outro que ainda tem por hábito tocar aba do chapéu ao cruzar com os demais, ou retirá-lo da cabeça para pedir a bênção dos mais velhos, ou em sinal de consideração, de reverência.

Independente dos fatores que ocasionam o êxodo rural é fato que essa população vem reduzindo consideravelmente e a falta de condição de trabalho digno nos campos, a desestrutura familiar – a ausência da mulher que levou os filhos para estudar²¹ na cidade –, a ausência de garantias trabalhistas, entre outros, contribuem para reduzir, ao longo do tempo, o número de habitantes nos campos do Marajó.

Erandir Vasconcelos aponta outra situação que afasta o trabalhador da fazenda:

casar com parceiros da cidade é um sério problema para quem é vaqueiro: as mulheres que acompanham os maridos são aquelas que são crias da fazenda porque as da cidade não querem sair do seu lugar e se meter nas fazendas. Agora, por exemplo, pintou um lugar para o Dênis, filho da Edna com o Murrão, na Fazenda

²⁰ "Nas fazendas, a matalutagem (abate de rês para consumo próprio) se realiza de quinze em quinze dias, aproximadamente, afora os extras por ocasião da ferra e outros serviços, quando a vaqueirama das redondezas se reúne para ajudar e fazer jus ao pedaço de carne" (MIRANDA NETO, 1993, p. 113).

²¹ Das inúmeras fazendas na região apenas quatro têm dependência escolar e funcionam em regime de convênio com a Prefeitura Municipal de Soure: Fazenda Cuieiras "Escola Guilherme Pereira Afilhado" (1982); Fazenda Desterro "Escola Gregória Lobato" (2005); Fazenda Araraquara "Escola: Virgílio Oliveira dos Santos" (2006); Fazenda Muruci: "Escola Muruci" (2007).

Desterro, mas não aceitou porque a mulher é da cidade e não quis acompanhar o marido. Resultado: Ele não aceitou o cargo.

As implicações teórico-metodológicas dessa pesquisa ilustram a contribuição das histórias de vida em perfil (auto)biográfico para a compreensão dos saberes do homem dos campos e permite a abordagem epistemológica, construída por meio da voz desse profissional com o auxílio de instrumentos de pesquisa diferenciados.

2.2 A condução: as diferentes técnicas de manejo

Os instrumentos de pesquisa em História Oral consistem numa combinação de diferentes técnicas. Os atos, as relações, os sentimentos, as imagens, as memórias, os eventos, se operacionalizam por meio da modalidade descritiva que, neste caso, é a história de vida do vaqueiro marajoara.

As histórias de vida como técnicas de coleta implicam pensar nas histórias familiares, nas atividades cotidianas de trabalho, nas conversas no curral, no tempo da ferra, na tiração do leite, nas lidas diárias na fazenda, cujas tradições passaram de geração a geração por meio de vozes poéticas nas quais foram repassados ensinamentos e lições de vida, uma versão do narrador de Benjamin (1994).

São técnicas que se articulam com outros mecanismos e as potencializam, como a observação participante e as conversas de convivência originadas pelo fato de morar em Soure. Da interação com os intérpretes obtive informações que não são entrevistas “a minha fonte de informação é geralmente a palavra solta no ar numa conversa informal ou escutando algum caso” (GALLO, 1980, p. 199) que se deu em momentos paralelos às entrevistas formais. Ainda que a academia muitas vezes não reconheça essa inserção nas coletas, o registro se deu no decorrer da pesquisa.

Conforme já exposto, a escolha da trajetória de investigação se deu na perspectiva etnossociológica “forma na qual se inscreve a utilização das narrativas de vida” (BERTAUX, 2010, p. 23). E, como tipo de pesquisa empírica, tem amparo na pesquisa de campo. O apoio incidiu no levantamento *in loco* de informações que materializam a dinâmica das relações e interações do vaqueiro como um ser social e se traz as carteiras profissionais para anexar às informações já adquiridas anteriormente por outras técnicas, e também o acréscimo de novos aspectos, efetuando uma leitura mais atenta para observar os conteúdos matérias lá dispostos dos cargos ocupados pelos participantes da pesquisa.

Traz em seu bojo um método de procedimento focado no estudo de caso concebido por meio da voz do próprio sujeito da pesquisa tendo por base a descrição fundamentada na linguagem oral, “a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...], seus ardis, até mesmo suas emboscadas” (BOURDIEU, 1996, p. 183). Não aquela noção científica do senso comum que a narrativa conduz, da ficção unificadora que discrimina o caráter científico das histórias de vida como o autor expõe na “Ilusão biográfica”, mas a linguagem que entrelaça os saberes dos atores sociais no seu contexto sócio-histórico-cultural, imersos no seu tempo e espaço.

A observação decorrente da experiência de vida do narrador, às condições de vida em seu *habitat* natural se deu em entrevistas narrativas em que “a experiência do real toma forma humana, vida e voz” (BERTAUX, 2010, p. 69) no intuito de se fazer o registro da memória individual e coletiva desse indivíduo.

Caso haja interesse em se aproximar da esfera que resiste ao formato social devem-se registrar as entrevistas e prestar atenção “as hesitações e silêncios do narrador. Os lapsos e as incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade” (BOSI, 2003, p. 63-64). A autora recomenda no tópico “Sugestões para um jovem pesquisador”, do cuidado dispensado à narrativa, técnica adequada ao estilo biográfico “Quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncios, ele [o pesquisador] não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que escutou, ou de preencher as pausas” (BOSI, 2003, p. 64-65).

Cabe ao narrador encadear os fatos à sua maneira, os momentos passados são seus e como esta pesquisa evoca lembranças de um velho vaqueiro concorda-se com Bosi (2004, p. 64, grifo do autor) frente ao fato de que “nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser *trabalhos da memória*” onde o autor revela passagens de sua vida que não seguem uma estrutura linear, não há um encadeamento lógico dos fatos em virtude de que:

a expressão oral da memória de vida tem a ver mais com a música do que com o discurso escrito. Há componentes musicais inerentes à expressão oral. Os sons compõem um reino flutuante e o pensamento decompõe a superfície da água em vagas e ondulações... frases, palavras... (BOSI, 2003, p. 45-46).

E isso só pode ser captado nas gravações e no que se ouve depois e posterior transcrição, atentando para cada mudança de expressão, ao som, às pausas, do que ficou retido, o timbre da voz, do silêncio... Para Bertaux (2010, p. 90) é necessário “considerar a operação de retranscrição como um trabalho em si, destinado a reter não só todas as palavras,

mas uma parte das entonações”. Nas digressões se evidencia a maneira como as lembranças são seletivas e das quais se vale para dizer e manter aquilo que convém. Uma seleção oportuna a serviço da construção da identidade do sujeito. São acontecimentos recordados de uma história de vida em que há uma seleção ao qual Joel Candau (2012, p. 74) qualifica como estética, pois,

permite ao narrador transformar a seus próprios olhos a narrativa de si próprio em uma “bela história”, quer dizer, uma vida completa, rica em experiências de toda natureza. Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade.

Mas, entre o chão e o mundo das ideias há um limite da construção teórica da experiência de vida. Assim, o método qualitativo da pesquisa com base metodológica da história oral é descrito por Lozano (1996, p. 16, grifo do autor) como:

um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações *qualitativas* de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e na *versão* que brotam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.

Em se tratando de pesquisa qualitativa, há mais reflexão e interação com o sujeito participante uma vez que o interesse maior é compreendê-lo enquanto membro de uma sociedade com valores, crenças, costumes, hábitos e práticas. O que significa, literalmente, “meter o pé na lama”, ou a variação “meter o pé na várzea”, também pertinente, para conhecer o homem dos campos do Marajó:

Só vivendo aqui, em contato com a realidade do dia a dia, é possível descobrir o que de fato é novo aqui, exclusivo. Não somente a natureza (bichos e flores se encontram em toda parte): é o relacionamento, uma dimensão nova, uma espécie de trama de conexões misteriosas que associam homens e coisas, formando um mundo à parte, fora dos padrões, das categorias gastas e habituais (GALLO, 1980, p. 29).

Mas as leituras intermitentes não me permitiam seguir o cronograma devidamente planejado. Apesar das bases conceituais serem consistentes, as demais leituras paralelas me confundiam ao correlacioná-las com o objeto em face da construção, da vivência o que emerge da experiência do vaqueiro do Marajó. Atender a premissa “só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar” (GOLDENBERG, 2004, p. 14) ainda estava longe para se concretizar de fato, por se tratar de um percurso que poderia ser alterado a cada etapa.

Figura 6 – Metendo o pé na lama – Fazenda São Lourenço.



Fonte: Arquivo da autora.

A recomendação de Sánchez Gamboa (2012, p. 65, grifo do autor) acerca dos métodos na pesquisa em educação e suas implicações epistemológicas suavizaram meus anseios: “querer traçar o caminho, antes de definir os pontos de partida e de chegada, de conhecer as condições do trajeto, os recursos e os meios, é, como diz a expressão popular, ‘colocar a carroça na frente dos bois’”.

Daí os estudos de Fares (2011, p. 83) ao traçar cartografias para representar o espaço onde o vaqueiro vive e também se desloca visto que “o mapa iconiza o espaço” e “arquiva conhecimentos de um grupo humano, memoriza a história, articula os espaços em uma globalidade, projeta e direciona um itinerário. Renega o nômade, toma partido pela estabilidade” A intenção era que, de fato, se pudesse compreender e analisar o fenômeno com foco no percurso metodológico desde o ponto de partida ao ponto de chegada, a fim de uma compreensão mais elaborada do objeto.

Porém, o que se entendeu de imediato foi que as múltiplas atividades do vaqueiro marajoara movimentaram os eixos da pesquisa. No entanto, faltava pensar as estratégias para responder, nesse *corpus*, às indagações inerentes à pesquisa e estabelecer vínculos com os processos de constituição, transmissão de conhecimentos e saberes e as aproximações com a educação não formal que se constrói no âmbito da sociedade e da cultura marajoara. Em sua obra *Combates pela História*, Febvre (1985, p. 249) auxilia o entendimento desse processo:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com

tudo o que o engenheiro do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninha. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

E as palavras se constituíram em fontes para a análise das narrativas de vida com abordagem (auto)biográfica. O uso e o potencial das histórias de vida assim como as críticas a elas associadas se compuseram em relevante recurso das interações originadas durante o processo investigativo. Como, então, sistematizá-las?

A proposta se fundamentou nas entrevistas narrativas de Bertaux (2010, p. 80-81) encorajando o vaqueiro a contar sua vida com temas ou assuntos que fluíssem livremente e, atenta a um eventual assunto diferenciado, que por ventura surgisse, ter habilidade para introduzir questões com possibilidade de exemplos, confirmando o exposto por ele. É certo que um roteiro com listas de questões, já previamente elaboradas, norteia o contexto de ação, mas, no meu caso, recorri a Sônia Freitas (2002) e fiz uma adaptação do questionário preparado por ela e o procedimento não atingiu meu propósito a contento, ao aplicá-la tive a impressão de que o vaqueiro estava peiado.

A entrevista com tipos de perguntas estruturadas segue “um roteiro padronizado, com perguntas previamente estabelecidas, com o objetivo de obter, dos entrevistados, resultados uniformes às mesmas perguntas” (OLIVEIRA; FONSECA; SANTOS, 2010, p. 45) O roteiro pré-estabelecido apresentou falhas, era um roteiro engessado. Coitado! O homem, acostumado às conversas informais, não sabia o que responder. Em um intervalo técnico da filmagem, ele virou-se para mim e perguntou: “*O que a senhora quer que eu responda?*”. Na ânsia de ajudar, por ocasião da gravação das entrevistas, ele temia pouco contribuir por achar-se aquém do esperado. Sem dúvida “não é consciente da riqueza de que é dono e ao mesmo tempo artífice. Não querendo vender bagaço, se tranca”, como diz Gallo (1980, p. 173).

A partir da complexidade da metodologia do trabalho no campo, refiz a condução investigativa e, dentre outros autores, destaco a inclusão das leituras Bertaux (2010, p. 12, grifo do autor) para pontuar o trabalho com narrativas de vida, pois “elas constituem um método que permite estudar a ação *durante* seu curso”. Nesse âmbito, sigo o preceito de Denise Simões Rodrigues (2013, p. 14), pois que é “fundamental estabelecer como ponto de partida a elucidação do conceito de cultura, até mesmo para entender as postulações dos atores sociais em busca do espaço socialmente reconhecido”.

Um discurso inicial acerca do estudo de cultura requer amparo seguro e Thompson (1995, p. 165) tem interesse no homem enquanto ser produtor de cultura e rubrica o conceito com cuidado especial:

Embora possa haver pouco consenso em relação ao significado do conceito em si, muitos analistas concordam que o estudo dos fenômenos culturais é uma preocupação de importância central para as ciências sociais como um todo. Isto porque a vida social, não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural: ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem. Em sentido mais amplo, o estudo dos fenômenos culturais pode ser pensado como o estudo do mundo sócio histórico constituído como um campo de significados. Pode ser pensado como o estudo das maneiras como expressões significativas de vários tipos são produzidas, construídas e recebidas por indivíduos situados em um mundo sócio histórico. Pensado desta maneira, o conceito de Cultura se refere a uma variedade de fenômenos e a conjunto de interesses que são, hoje, compartilhados por estudiosos de diversas disciplinas.

Foi o que se observou com o Estado da Arte realizado com diferentes abordagens sobre o mesmo assunto em disciplinas diversas que tem a cultura como temática comum. A seguir, uma pequena amostra na mesma vertente dessa pesquisa em áreas distintas do conhecimento.

2.3 A revisão: as buscas sobre o assunto em campo

Minhas buscas começaram com um mergulho inicial em trabalhos que contemplem a temática relacionada ao vaqueiro, ou pelo menos visibilizam sua presença e importância. Os títulos dos trabalhos por si só já constituíam um convite para que se fizesse uma leitura para além do resumo devido à similitude com aspectos da educação, saberes, cultura e memória do/no Marajó. Por se tratar de uma investigação com foco nos sujeitos, especificamente os vaqueiros do Marajó, entendi que uma leitura superficial dos textos não seria suficiente, que precisava mesmo ir mais além, como recomenda Paulo Freire (1982, p 135-136) em relação ao sujeito e ao objeto:

Daí a necessidade que temos, de um lado, de ir mais além da mera captação da presença dos fatos, buscando assim, não só a interdependência que há entre eles, mas também o que há entre as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um e, de outro lado, a necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante.

Um pensar que, segundo Bosi (2003, p. 121), “é um relacionamento entre sujeito e objeto. É só nessa relação com o objeto que nos faz passar da opinião para o conhecimento [e]

deve voltar-se para o mundo e prover com objetos os seus conceitos”. A sinuosidade dos rios da Amazônia, por exemplo, requer de quem os trafega conhecimento e atenção constantes. Por isso, os navegantes que aqui aportam, independente dos conhecimentos científicos e tecnológicos dos quais dispõem, precisam da presença de um prático que os conduza pelos canais e atraque a embarcação em segurança.

A maneira desse procedimento se dá também na construção do objeto de pesquisa, com a valorização das práticas produtivas de um conhecimento focado no universo particular com evidente estímulo à reflexão sobre os aspectos ligados aos saberes dos vaqueiros do Marajó. O que se pode averiguar nas Teses, Dissertações, e Projetos de Pesquisa delineados a partir de interlocuções e investigações que incidiram sobre o sujeito na práxis.

Nas **“Cartografias da Educação na Amazônia Rural Ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e Identidade em uma escola do Município De Breves/ Pará” (UFPA/2007)**, Ana Cláudia Peixoto de Cristo investiga o planejamento curricular das escolas do meio rural elaborado com a participação dos educadores rurais ribeirinhos, mas que ainda não expressa os saberes, a cultura, e a identidade dos ribeirinhos marajoaras da Vila Mainardi. Assim, o desafio colocado aos gestores, aos sujeitos sociais e aos educadores é o de vislumbrar o compromisso com uma educação que construa e cultive identidades, valores, memória coletiva e sinalize para a valorização e respeito dos povos que vivem na Amazônia marajoara rural e ribeirinha de Breves.

A Dissertação de Marinete Silva Boulhosa **“Entre a Sela e o Santo: um estudo sobre a identidade do vaqueiro marajoara” (UFPA/2007)** apresenta estudo sobre a identidade do vaqueiro marajoara, produzido a partir da leitura e análise da profissão e no âmbito religioso. Trabalho desenvolvido com base em material etnográfico e dentro de uma abordagem interpretativa da cultura, considerando o caráter relacional, dinâmico e processual do fenômeno da identidade, fundamentado na perspectiva da Antropologia social e cultural.

Agenor Sarraf Pacheco pensou a dissertação: **“À margem dos ‘Marajós’: cotidiano, memórias e imagens da cidade-floresta, Melgaço/PA” (PUC-SP/2006)**, a partir da heterogeneidade do espaço amazônico, uma visão que remonta desde o nascimento até a decadência da cidade marajoara. A pesquisa se reporta não apenas aos aspectos históricos de Melgaço, no arquipélago marajoara, mas sim a um olhar, a uma versão daquilo que diferentes documentos escritos, depoimentos e fotografias permitiram ao autor realizar sua análise. No século XVII, era ainda uma aldeia onde habitavam os padres jesuítas e índios. Depois da expulsão dos religiosos, no final do século XVIII, a aldeia eleva-se à categoria de vila e dá início a um período de desenvolvimento quando passa a exportar produto da região além de

açúcar e derivados, além de produzir madeira e borracha para exportação. O município, foi um polo de borracha, era independente e outrora uma vila que muito contribuiu para o progresso local.

Nas dissertações se traçaram cartografias com ênfase à educação no ambiente rural com a preocupação evidente de que o planejamento curricular das escolas desses espaços seja elaborado com a participação dos educadores locais. Por outro lado, os planos de ação preparados ainda não expressam os saberes, a cultura, e a identidade dos sujeitos na prática de sala de aula. Mesmo com os avanços na educação brasileira nos últimos anos, ainda é possível encontrar grandes divergências entre a oferta à educação das escolas urbanas e do meio rural.

A tese de Sônia Maria da Silva Araújo **“Cultura e escolas de fazenda na Ilha de Marajó, um estudo com base em Raymond Williams” (FEUSP/2002)**, resulta de uma pesquisa empírica, realizada no interior de Soure/Marajó, no extremo norte do Pará, Brasil. O estudo foi realizado a partir uma grande questão base: “Em que complexidade social as escolas-de-fazenda do Marajó, região do interior de Soure, Estado do Pará, se fizeram constituir e instituir?” Elaborada a partir da leitura de Raymond Williams, essa questão acenava para a ideia-chave de que as escolas-de-fazenda, nessa localidade, são um produto cultural, portanto, se pinçadas de seu contexto, tendo em vista a vida dos habitantes locais, trariam à superfície uma trama sociológica capaz de nos fazer pensar, mais amplamente, sobre o lugar que a escolarização tomou no jogo das relações políticas e econômicas no Brasil.

Josebel Akel Fares em sua tese **“Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação” (PUC-SP/2003)** constrói cartografias do Marajó, território situado no extremo norte do Pará, na Amazônia brasileira, baseadas na cultura, oralidade e comunicação. As vozes guiam para a constituição do desenho do texto são as poéticas, predominantemente vocais, recolhidas em pesquisa de campo, em quatro municípios – Cachoeira do Arari, Soure, Breves, Melgaço – dois da região dos campos e dois dos furos e ilhas marajoaras. A maioria dos narradores ouvidos tem mais de cinquenta anos, daí que o “antigamente” da memória recontada reporta-se, aproximadamente, à metade do século XX. A força intervocal ganha a presença da literatura escrita: Dalcídio Jurandir estabelece um diálogo permanente com o oral. Além do registro poético, há uma exaustiva busca bibliográfica sobre a cultura amazônico-marajoara, que inclui textos do século XVIII ao XXI, referências fundamentais na montagem. O trabalho divide-se em duas partes. A primeira parte traz uma visão larga das paisagens amazônicas, como a fisiografia das águas e dos campos; registra e reflete sobre os relatos de viagens realizadas por estrangeiros, no rio Amazonas, séculos XVIII e XIX, e as crônicas das pesquisas em busca do poético, no XXI. Na segunda parte, o rio estreita-se, as cartografias

poéticas baseiam-se nas vozes de Cachoeira do Arari, apresentam os intérpretes; mapeiam os elementos da cultura e da comunicação, indicadas nas falas: os emblemas e os ícones, mostram traços da cerâmica marajoara, da cidade, dos costumes; as mito-poéticas, analisam o tempo mítico, o espaço das encantarias e as metamorfoses.

Em “**El corazon de la Amazônia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras**” (PUC-SP/2009), Agenor Sarraf Pacheco fala, agora, em sua tese de doutorado, de viagens, rotas e raízes de populações de tradições orais marajoaras, detentoras de saberes locais, em mediações com ocidentais conhecimentos letrados. Por dentro de crônicas, memórias e relatórios confeccionados pelos agostinianos em suas experiências pastorais com moradores da região, vislumbram-se edificações, orientações, negociações, solidões e limites que dinâmicas de vida em ambientes insulares desconhecidos impõem à condição humana estrangeira. No âmago desses encontros, universos de crenças, rituais e sabedorias locais são fortemente acompanhados em atividades de trabalho, lutas contra enfermidades, batalhas por vivências frente às adversidades e práticas culturais como festas, rezas, cantos, danças, sem perder de vista astúcias, transgressões, (in)tolerâncias comungadas por homens e mulheres marajoaras na reconfiguração e reafirmação de suas identidades culturais afroindígenas.

Nas teses analisadas se construiu cartografias da cultura do Marajó. Muito se escreveu também sobre relatos de viagens, rotas e raízes de populações tradicionais orais marajoaras, em sintonia com o que se obteve acerca da compreensão dos aspectos singulares da região. Outros estudos permitem a (re)afirmação de identidades e práticas culturais, como a dança do vaqueiro, as manifestações religiosas cujas vozes expressam às dinâmicas de transculturalidade, hibridez e a integração social do vaqueiro do Marajó em seu próprio meio.

O Projeto de Pesquisa “**A épica do vaqueiro marajoara: memória, narrativa e biografia**” é uma extensão do **Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA)** coordenado pelas Professoras Josebel Akel Fares e Venize Nazaré Ramos Rodrigues cuja escolha do estudo da épica do vaqueiro marajoara dá-se por entender a importância fundamental deste profissional para a região, uma vez não ser possível pensar no Marajó sem incluir a presença das fazendas de gado e toda uma cultura decorrente deste espaço. Assim, importa pesquisar o modo de vida do vaqueiro, que inclui, segundo Bourdieu (1996), uma identidade civil, como individualidade socialmente constituída pelas relações familiares e comunitárias, moradia, formas de sobrevivência, alimentação, lazer, atividades no campo, como cuidar do gado, encontros e enfrentamentos com perigos do mundo natural ou sobrenatural, aprendizagem e ensinamentos dos saberes da experiência, entre outros aspectos

cotidianos, aspectos que serão estudados a partir do personagem-sujeito. Esta investigação fortalece a linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação/ Programa de Pós- Graduação em Educação/UEPA. Com a difusão do projeto deseja-se fomentar uma reflexão sobre a importância da recuperação da memória imaterial e revigorar a ideia de que a poesia oral e as histórias de vida são importantes produtores de conhecimentos para as ciências humanas, letras e áreas afins, uma vez que, neste caso, biografar a história de um sujeito torna-se uma atitude interdisciplinar. A biografia sobre o vaqueiro marajoara, urdida pela voz da memória do personagem-sujeito e de outros intérpretes do Marajó, terá os resultados da pesquisa disponível em periódicos acadêmicos de circulação regional e nacional, bem como divulgá-lo em matérias e entrevistas nos veículos de comunicação convencionais e alternativos direcionada ao público acadêmico e demais interessados, em publicações científicas, comunicações e palestras em eventos científicos.

Dessa forma, os saberes em torno do vaqueiro do Marajó costumam se revelar em pesquisas diversas segundo os objetivos do autor e a orientação em relação ao tema. Na intenção de responder aos questionamentos suscitados é natural proceder à descrição e caracterização do universo cultural marajoara e a partir das análises impetradas os autores expressam formas de se pensar e de ressignificar as atividades cotidianas do vaqueiro.

As atuais relações entre as formas de conhecimento precisam contemplar outros modos de conhecer para assumir e reconhecer:

O perfil epistemológico das relações sociais não é fornecido por uma forma epistemológica específica, nomeadamente a forma epistemológica do espaço mundial (a ciência), mas sim pelas diversas constelações de conhecimentos que as pessoas e os grupos produzem e utilizam em campos sociais concretos (SANTOS, 2003, p. 326)

Importa socializar, atrelar a esse conhecimento os saberes, as experiências que revelam outros olhares para a cultura marajoara e se dê um passo para o reconhecimento da identidade local com suas singularidades e similaridades. Como era de se esperar, durante o levantamento da produção acadêmica há muitos trabalhos que tocam a região. Mas o meu objetivo, por ora, não é um levantamento geral da literatura e sim verticalizar os que contemplaram as histórias dos vaqueiros marajoaras.

Então, o jeito é seguir a viagem pelo arquipélago do Marajó, e, durante a travessia, refletir a respeito da capacidade de realização do marajoara, das possibilidades relativas ao seu potencial enquanto indivíduo de força e influência e não se apoiar em conjeturas do que

ele tem de diferente. Na bagagem, o equipamento necessário e a disponibilidade para viver essa experiência com olhos e ouvidos atentos às diferentes aprendizagens que cada indivíduo traz em “um lugar onde todos sabem tudo” (GALLO, 1980, p. 22) e praticar a seleção, dentre os muitos itens que emergirem, segundo a rota de estudo que cabe realizar no percurso traçado.

2.4 A seleção: da liberdade dos campos ao corredor da caiçara²²

Muitas foram as viagens às fazendas do Marajó. Em cada uma delas um aprendizado se retinha por meio das conversas, gestos, produção de imagens, registro gravado e escrito, gravação de vídeos, na observância das vivências do vaqueiro do Marajó. Faço menção à “educação como cultura” de Brandão (2002, p. 24) na possibilidade de que:

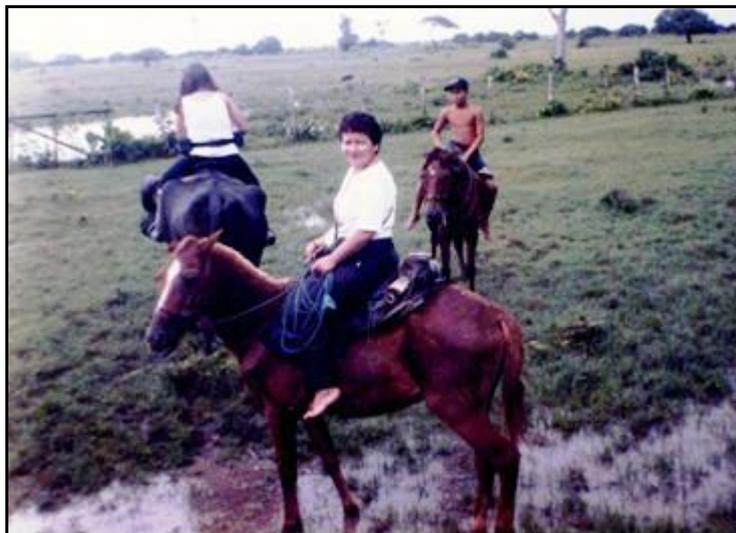
viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis.

Neste cenário a preocupação epistemológica tem a tarefa de examinar o objeto a ser investigado no lugar que se atribui ao sujeito e entender a realidade no momento em que se torna objeto a ser conhecido. A revelação de novos conhecimentos, de novas interpretações, de concepções de realidade me levou, em março de 2004, à Fazenda Tapera, quando já estava em conclusão da pesquisa na graduação, sobre o léxico do vaqueiro marajoara em busca de material de pesquisa.

Desde os primeiros contatos ocorridos a partir de 1994, passei a ter viagens mais frequentes ao lugar para interagir e coletar testemunhos de uma época que me revelaram e ainda revelam sentimentos, valores, costumes, crenças, conhecimento, a vida e as relações culturais que se desenvolvem e se articulam em linguagem diferenciada, elementos condutores das práticas sociais dos habitantes nos campos do Marajó.

²² O sentido de caiçara aqui se refere ao cercado de madeira à margem de um rio ou igarapé navegável para embarque de gado. As reses estão, inicialmente, em um espaço amplo e para embarcá-las passam pelo corredor da caiçara que só comporta um animal de cada vez.

Figura 7 – Às proximidades da Fazenda Tapera.



Fonte: Arquivo da autora.

Uma linguagem que diferente da pesquisa da graduação, abordagem linguística, agora emerge em outro viés vinculado à memória e à história oral, em que coexistem hábitos recém-criados ou que permanecem com estrutura e significados próprios e contribuem para a tessitura de identidades marajoaras.

Outra viagem teve como destino a Fazenda Santo André, em 10 de junho de 2013.

A aventura começou bem cedo, às 5h30min já estávamos a caminho do porto onde estavam abastecendo a canoa. A maré começava a encher e precisávamos sair até às 6h30min para dar tempo de ir e voltar no mesmo dia. Embarcamos na “Canoa Bonsucesso” rumo à Fazenda Santo André onde se faria um embarque de vinte reses.

Navegar pelo Rio Paracauari ²³ com saída de Soure até a referida fazenda durou cerca de quatro horas. No percurso, os ajustes da câmera fotográfica, o bloco de anotações e o sono... Até que a canoa atracou na caiçara. Escalamos o trapiche e seguimos ao encontro do proprietário da fazenda que nos aguardava em um reservado onde ficava a balança onde pesaria o gado.

²³ Rio Paracauari ou Igarapé-Grande “banha a cidade de Soure e Salvaterra tendo como afluente, pelo lado esquerdo geográfico, o rio do Saco, com seus afluentes Amparo, Bom Jardim, Prazeres e São Sebastião; e pela margem direita, os rios Sericari, Caranaoca, Cachoeira e Aturiá” (TEIXEIRA, 1953, p. 4).

Figura 8 – Caiçara da Fazenda Santo André.



Fonte: Arquivo da autora.

As proximidades de onde estávamos nove vaqueiros conduziam a boiada, mas não conseguíamos ver nenhum avanço na caminhada. Indaguei o porquê da demora, uma vez que já estávamos lá havia uma hora e nada de saírem do lugar. O fazendeiro falou da dificuldade de trabalhar com gado branco²⁴ e que era mais difícil reunir todas as reses, pois volta e meia fugiam da malhada, o que não aconteceria se fosse com búfalo, animal mais dócil e de fácil manejo.

De repente, uma rês saiu em alta velocidade e ganhou novamente os campos. Imediatamente, um vaqueiro foi ao seu encalço e a reconduziu à malhada. Quando os vaqueiros tangendo o gado se aproximaram da caiçara, ouvimos seus gritos, o barulho do estalo da muxinga²⁵ para incitarem o gado a caminhar.

Logo à entrada do curral, certos da conclusão do serviço, os vaqueiros liberaram o grupo formado por bois de rede²⁶, mas, novamente um animal fugiu. Dois vaqueiros saem em perseguição, mas não conseguem trazê-lo até que mais dois companheiros levam os bois de rede para ajudá-los.

²⁴ O gado branco ou Nelore é uma raça bovina (Zebu) originária da Índia. Os primeiros exemplares da raça chegaram ao Brasil no final do século XVIII, e rapidamente se tornaram a raça de gado predominante no rebanho brasileiro.

²⁵ Tipo de chicote entrelaçado por tiras de couro ou nylon e, normalmente, usado para tocar ou castigar animais.

²⁶ Indagado sobre o que é boi de rede, Fabrício (5ª geração de vaqueiros da família Vasconcelos) responde: “*boi de rede é boi manso, uns trinta bois, mas tem que ser boi mesmo, animal castrado desde pequeno para esse tipo de serviço*”.

No capítulo destinado às fazendas, Barroso (1953, p. 165, grifo do autor) comenta a precaução dos vaqueiros para que fatos dessa natureza não ocorram, mas basta desviar a atenção, tem sempre um animal querendo voltar à liberdade:

Apesar da vigilância que os **vaqueiros** exercem sobre a **malhada**, algumas **reses** na confusão, conseguem iludir a atenção, pela sua rapidez; saindo em desabalada carreira. Os vaqueiros (quase sempre dois) saem-lhe logo ao encaço. É bonito presenciar-se aquele “galope” doido, nessas perseguições. A **rês** empina a cauda, abaixa a cabeça e vai rompendo o algodoal [...] e tudo o que encontra pela frente, fazendo caminho para os seus perseguidores. O **vaqueiro** joga o laço, mas é infeliz; a corda esbarra num cipó, num galho e desvia-se; não desanima, colhe-a e continua a persegui-la, embora só a alcance a alguns quilômetros. A **rês** vendo que vai perdendo terreno, cansada e levada ao extremo a sua cólera, para bruscamente e enfrenta-os; mas estes sempre vigilantes, mudam também de direção antes que seja tarde. [...]. Lançam-na com duas cordas, um vem na frente puxando-a, outro atrás para que não chifre o seu condutor. E assim é reconduzida novamente à **malhada**.

Ao se aproximarem, com o animal brabo já dominado, pensei em chegar mais perto e gravar a cena em vídeo. Queria registrar os bois de rede conduzindo a malhada. No primeiro momento não foi possível porque, embora fosse gado manso, havia o risco de ao nos aproximarmos os animais ficarem nervosos e de repente avançarem sobre nós. No segundo momento, escalamos os frechais²⁷ da cerca por onde entrariam os animais e lá no alto aguardamos e, novamente, não deu certo, eles só entraram depois que abandonamos o local.

Devido a distância dos animais e o pouco recurso tecnológico, o registro, em vídeo, não está bem visualizado. As reses comercializadas entraram no corredor da caiçara, e seguiram à custa de grito, cutucadas nos quartos até a balança.

A solidariedade entre os vaqueiros implica troca como fator de crescimento cultural e de enriquecimento mútuo, pois o contato nesses ambientes ocorre em meio a muita gritaria, risos, principalmente, nesse caso, quando uma **rês** consegue transpor os cercados e os vaqueiros precisam montar rapidamente e perseguir o animal até conseguir capturá-lo e conduzir o animal fugitivo ao curral.

Conforme a arrumação do gado, eles são pesados em lotes de três, cinco, ou apenas um animal. Como são animais de venda, vão direto para o matadouro. É necessário ferrar o animal antes de entrar na embarcação com a marca do comprador, para que não haja troca no momento da matança. O couro com a marca registrada possibilita a identificação do dono. O árduo trabalho dos vaqueiros e do pessoal da canoa encerrou às 13h10min. Retornamos.

Na volta, duas reses deitaram e exigiram atenção constante da tripulação para que não fossem pisoteadas pelos outros animais. Há uma exigência do matadouro municipal que não

²⁷ Peça resistente de madeira usada em posição horizontal para cercar, nesse caso, currais e caiçaras.

permite a entrada de animais sem perfeitas condições para o abate, o que parece incoerente em vista das péssimas condições de higiene do local. Desembarcamos em Soure às 16h20min.

Em 22 de abril de 2014 estava novamente em campo, desta vez a rota era a Fazenda São Lourenço, onde mora e trabalha Ernani, todos o conhecem por Nandi, da quarta geração de vaqueiros da família Vasconcelos. Lá observei o meu lócus e sujeito de pesquisa e fotografei o cenário, o homem dos campos em atividade, o local de trabalho, o espaço onde vive o vaqueiro marajoara.

Figura 9 – Registro de vaqueiros em atividade com o gado – Fazenda São Lourenço.



Fonte: Arquivo da autora.

É no dia a dia, no embate com os animais, na prática em domá-los, no companheirismo entre os colegas, na consideração com a família, no respeito ao outro, no comportamento, e nos seus inúmeros afazeres que se percebe uma educação pautada na dinâmica do costume e da cultura tradicional, daí a necessidade de registrá-los.

Em meio aos seus afazeres, aproveitei o momento para conversar com vaqueiros que ainda não tivera contato. No dia 23 de abril de abril de 2014 o diálogo se deu com os vaqueiros da fazenda Matinadas que usavam as instalações da Fazenda São Lourenço²⁸ para realizarem o serviço.

²⁸ No dia 22 de abril estava em Soure e aguardei a chegada do proprietário da Fazenda São Lourenço para solicitar permissão e, junto com Erandir Vasconcelos, visitarmos o Ernani e registrar o homem em atividade além das conversas com sujeitos do contexto da pesquisa no seu cotidiano de vida.

Figura 10 – Vaqueiros tangendo gado do curral para a balança.



Fonte: Arquivo da autora.

Durante minha passagem por lá notei que os vaqueiros incorporam suas próprias experiências as do grupo com o qual convivem em lições de solidariedade e companheirismo por meio do ofício que os une. Essa atitude demonstra, segundo Bosi (1994, p. 18) que “há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos ideias e valores que dão identidade àquela classe”. Em conjunto e de maneira descontraída os vaqueiros encerraram o serviço e cientes do dever cumprido posaram para foto com visitantes, tripulantes e quem mais se aproximou para ajudar na tarefa.

Figura 11 – Vaqueiros das Fazendas São Lourenço e Matinadas, tripulação da canoa e visitantes.



Fonte: Arquivo da autora.

Atenta às especificidades inerentes ao vaqueiro marajoara, esta pesquisa se propõe a associar experiências e saberes, herança de seus antepassados, a fim de que possam transmiti-las às futuras gerações. Em Benjamin (1994, p. 211) “a memória cria a corrente da tradição que passa um acontecimento de geração em geração”, e isso abarca uma pluralidade de experiências cotidianas. Zumthor (1997, p. 13-14) compartilha da mesma opinião:

A memória implica um saber coletivo, ligado à preservação de laços sociais atualizados através de rituais para assegurar as tradições, sobretudo as de fatos ligados à cultura oral, visto que para o poeta tradição e memória são da ordem da coletividade na medida em que instituem modelos, padrões de comportamento mantendo a coerência, já que a memória do grupo tende assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida.

Ao transitar pelos espaços de sua memória, o vaqueiro Erandir reporta-se ao saber tradicional das comunidades dos campos do Marajó e entende que a cultura faz parte do seu existir no mundo. Para Silva (2008 p. 55) toda sociedade comporta mecanismos e por meio deles transmite e recria culturas:

Eles constroem, se inserem ou se apropriam de seus ambientes pautando-se por saberes acumulados e configurados por meio do trabalho e de outros significados simbólicos que atribuem a determinados meios e que transcendem a dimensão do trabalho.

Na difusão de suas culturas com matrizes diversas fica implícito que os marajoaras detêm um conhecimento empírico do seu mundo circundante, marcados pelo respeito ao meio ambiente onde adotam um sistema de manejo próprio em relação à pecuária, aos recursos naturais, preocupam-se com o que retiram da mata, a destreza com que remam pelos rios, furos e igarapés, e a maneira como cavalgam pelos campos em busca de recursos para sua subsistência. Estas são práticas educativas voltadas à perspectiva da comunidade tradicional e à luz de sua experiência o eco de suas vozes, ainda que bem suavemente, ressoe em outros setores.

ERA 3²⁹ IDENTIDADES DO VAQUEIRO MARAJOARA: RÉDEAS DE SABERES E VIVÊNCIAS CULTURAIS

Descobrir o Marajó não é somente conhecer a embiara da onça, o siriringo do pirarucu, o sulapo da cobra-grande. Marajó-gente é a experiência de hoje (GALLO, 1980, p. 147).

Figura 12 – Cinco gerações de Vaqueiros da Família Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da Família e da autora.

²⁹ Novilho, touro novo, animal inteiro de pouca idade ou de pequeno porte que ainda não é reprodutor; se for castrado, logo vira boi.

3.1 Mapeamento identitário em contexto histórico-narrativo

A procura por elementos caracterizadores da identidade do vaqueiro do Marajó levou a um recorte de determinado tempo que se inicia com a colonização portuguesa no Arquipélago do Marajó. Não pretendo aprofundar-me em dados históricos, mas apresentar elementos que remontam às raízes marajoaras por necessidade de compreensão do lugar de origem do sujeito da pesquisa em vista de que os termos com os quais se pretende abordar as identidades do vaqueiro do Marajó seguem a tendência de Joel Candau (2012, p. 27, grifo do autor), pois,

as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias –, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas.

Nas peças expostas no Museu do Marajó, por exemplo, o idealizador da obra, Giovanni Gallo, expõe ao público as emblemáticas figuras de quatro tipos de vaqueiros: o nordestino, o do Marajó, o tradicional e o moderno. Considera-se o vaqueiro à moda antiga o mais tradicional, representado pelo traje composto de calça comprida e camisa vermelha e sobre a cabeça o inseparável, chapéu de palha, e preso ao cós da calça a indumentária se completa com um pequeno serrote³⁰. Ainda no piso inferior do museu o visitante se depara com instrumentos específicos do vaqueiro: chapéus, cordas, adornos para arreios dos cavalos, algumas selas e também armas. Há referência também às quatro raças de búfalo criadas no Marajó: Mediterrâneo, Murrah, Jafarabadi e Carabao cujas cabeças, com os chifres que os definem, estão presas em uma esteira à frente do cenário.

A história da chegada do búfalo no Marajó apresenta duas versões: na primeira, os animais tiveram origem em um navio que saiu da Guiana, vindo da Ásia, no final do século XIX. O barco naufragou perto da foz do Rio Amazonas e os búfalos sobreviventes nadaram até as praias do Marajó e de lá se embrenharam pelos campos se reproduzindo aleatoriamente; na segunda, eles foram introduzidos pelo criador paraense Vicente Chermont de Miranda, que importou búfalos da raça Mediterrâneo, em fevereiro de 1895, do conde italiano Rispiogliosi Camilo (MARQUES, 1998). Os búfalos se adaptaram bem ao clima da região e sua carne, leite e derivados são bem apreciados, além de servir como transporte de pessoas (a bufalaria

³⁰ Fiquei intrigada com a imagem do serrote. Mas no embarque feito em 09 de junho de 2013 na Fazenda Santo André, do qual participei, vi sua utilidade quando um boi ficou com o chifre preso entre os frechais da caçara e imediatamente um vaqueiro tirou a ferramenta, que estava presa à cintura, e serrou o chifre do animal livrando-o daquela situação.

da Polícia Militar da corporação de Soure/Marajó faz rondas pela cidade no lombo desses animais), e quando atrelado à carroça é empregado como meio de transporte de cargas e coleta do lixo.

À parte desse cenário há um período da história dos campos onde era tradição dos criadores do Marajó promover caçada aos “Rosilhos” e quando alcançavam seu intento, lá mesmo abatiam os machos e dividiam entre si carnes e vísceras, as fêmeas e bezerros eram poupados e após domá-los tinham utilização nos trabalhos da fazenda. Quando cruzavam com búfalos “Pretos”, surgia uma nova raça de animal mestiço.

A menção aos búfalos se dá em virtude de o Marajó concentrar o maior rebanho bubalino do país, constituído principalmente por três raças: Mediterrâneo, Jafarabadi e Murrah. As espécies Carabao, com chifres maiores, e Baio existem em quantidade bem pequena, por isso, fazem parte do Programa de Conservação de Recursos Genéticos Animais da Embrapa. Ainda que estejam em vias de extinção, capturei a imagem dos animais assim: as duas raças dividindo o mesmo espaço.

Figura 13 – Búfalos Carabao e Rosilho – Fazenda Bom Jesus.



Fonte: Arquivo da autora.

A composição de todo esse panorama dos campos em que tudo se vê e toca está exposto no Museu do Marajó, no município de Cachoeira do Arari, na maquete de uma fazenda marajoara com construções típicas: curral, casa grande, moinho, cercas, casa do vaqueiro, um retiro às proximidades do rio. Mas, no Museu de Cachoeira do Arari, o contato foi uma pequena amostragem, um contato fictício, e é preciso seguir adiante gapuiando a procura de vestígios, de outros elementos circundantes da cultura marajoara.

As notas existentes em cartas geográficas, documentos manuscritos e oficiais sobre a toponímia do arquipélago do Marajó apresentam como primeiro nome Ilha Grande de Joanes, que no decorrer do tempo sofreu modificação. Relata Baena (1969, p. 69):

Deu-se a esta ilha três denominações. A de Joanes nome apelativo de uma das relés Indianas. A de Nheengahibas nome genérico que denota Índigenas de línguas diferentes e dificultosas. E a de Marajó nome privativo da parte mais viçosa e austral da ilha: cujo nome sendo tomado do Rio Marajó-açu, que rega esta parte, o vulgo o faz transcendente a toda a ilha sempre que a enuncia. A segunda denominação caiu em desuso ha muito tempo.

O nome que prevaleceu aponta à etnia marajoara, indígenas (seus antecessores também) que contribuíram para a formação das gentes do Marajó e lá deixaram importante legado impresso nas cerâmicas. Na versão de Miranda Neto (1993, p. 52) os vestígios dessas culturas são o registro da passagem dos indígenas nestas terras:

É através da cerâmica que se tem notícia da existência de índios no Marajó. As cinco fases arqueológicas correspondem a igual número em níveis de ocupação. De todas as fases, apenas a marajoara apresenta considerável evolução cultural, sendo as demais equiparadas ao nível cultural das modernas tribos amazônicas.

Estudiosos da Antropologia acreditam que as marcas existentes nesse artesanato podem estar relacionadas à dinâmica cultural existente entre os povos que habitaram a região, como a hibridização ocorrida desde a colonização portuguesa em contato com os nativos e, posteriormente, com os negros trazidos como escravos da África.

Figura 14 – Tangas de barro - indumentária feminina.



Fonte: <http://modernidadeartes.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html>. Acesso em: 13 jun. 2014.

A “tanga” de barro é triangular, côncava de barro delicado, fina, artisticamente decoradas em várias cores, pintadas com desenhos liniformes ora os traços são vermelhos em fundo marrom, ora são cinzentos no amarelo; ora esses desenhos representam triângulos, losangos, ora outros desenhos, todos simetricamente dispostos e caprichosamente feitos, demonstrando que foi a “**cunhã**”, selvagem sim, mas mulher, que com suas mãos delicadas, as fez para cobrir-lhe o corpo (BARROSO, 1953, p. 101, grifo do autor).

Os traçados, contornos de cada artefato indígena fundam narrativas de “tradições orais” e a cerâmica marajoara contém em suas peças o registro de acontecimentos com sentido histórico-narrativo que denotam a persistência da tradição que subsiste ao tempo. Busco reforço em Zumthor (2010, p. 8) para esse esclarecimento:

Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas. É ainda é mais difícil pensá-las em termos a-históricos, e especialmente nos convencer de que nossa própria cultura delas se impregna, não podendo subsistir sem elas.

A propósito da heterogênea etnia marajoara que difere do olhar pacífico em muitos relatos sobre esses povos, é fato que as incursões portuguesas neste arquipélago sofreram contundente resistência das nações indígenas que se opuseram ao domínio do invasor.

Os encantos locais e a possibilidade de prospecção de expansão comercial, com produtos naturais do arquipélago marajoara, despertaram a intenção de domínio dos estrangeiros que aqui aportaram. O rio grande do Marajó – o Rio Marajó-Açu (no Tupi, malvado) – barreira natural do mar, se constituiu em barreira feita pelos donos do lugar, a saber: Aruãs, Mundins, Maruanazes, Sacacas, Caiás, Araris, Anajás, Camontins e dos Muanás (CRUZ, 1987, p. 55), indígenas especialistas em se refugiarem por entre matas e rios, conheciam o curso das águas, limites, atalhos e como constituí-lo em aliado no enfrentamento e mostra de resistência aos invasores. Imagem que se reflete na obra de Pacheco (2010, p. 16):

[No] labirinto de ilhas, os “Marajós”, e seus habitantes cravados na foz do território a ser conquistado, não assistiram, passivamente, àquelas estranhas chegadas de gentes tão diferentes de suas visões humanas. Experientes em contatos e guerras tribais anteriormente vividas, entre si e com outras nações, Aruãs, Sacacas, Marauanás, Caiás, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Pacajás entre outros e os batizados de Nheengaíbas, enfrentaram as armas portuguesas por quase 20 anos.

Os nativos batalharam bravamente em defesa de seu chão, mas ocorreram massacres em larga escala e muitas nações foram dizimadas. Dos guerreiros sobreviventes parte deles assimilou e adaptou a cultura dos povos de fora, outros foram exterminados e os demais por não aceitarem o regime de escravidão imposto foram expulsos das terras dos seus ancestrais.

Em decorrência da hostilidade com os habitantes locais houve carência de trabalhadores o que determinou a introdução urgente de outros povos na composição da paisagem humana do Marajó. A esses povos se somaram indivíduos de outras nações por diferentes motivos, todavia, ressaltam-se as atividades mercantis. Assim, a população se diversificou com a chegada de escravos africanos o fâcies étnico do marajoara (SALLES 2005, p. 152). Abordagem de igual teor é feita por Miranda Neto (1993, p. 69) e Cruz (1987, p. 41): “primeiro os indígenas, mais tarde os negros africanos e mestiços, muito auxiliaram o colono na pecuária de Marajó, que se torna a maior riqueza paraense na época”.

As mesclas culturais acerca da presença africana na Amazônia marajoara têm marcas explícitas de suas raízes na população local. Uma dessas marcas, com indicativo de origem negra, remete ao vaqueiro Juvêncio Amador (1908-2010), o Preto Juvêncio, um dos sujeitos da pesquisa que realizei em 2004 sobre o “Léxico do vaqueiro marajoara: aspectos do falar regional nos campos do Marajó” e figura central do projeto “A éþica do vaqueiro do Marajó” que consiste no estudo da cultura marajoara, centrado na figura do vaqueiro, particularizado em Juvêncio Amador, trabalhador das fazendas do núcleo da Santa Cruz da Tapera nos campos marajoaras, do município de Soure.

Figura 15 – Preto Juvêncio, Vaqueiro do Marajó.



Foto: Elza Lima.

Para Bezerra Neto (2001, p. 45) o processo de mestiçagem ocorreu:

de forma multifacetada, envolvendo os grupos indígenas em suas diversas formas de contato com os conquistadores europeus e com os seus escravos africanos compulsoriamente introduzidos na região. [...] a mestiçagem envolvia diversos

segmentos sociais e étnicos da Colônia. A constituição de mocambos formados por índios, africanos, colonos brancos e mestiços de todos os tons constituiu-se exemplo desta realidade.

Neste solo, a nação africana formata um novo desenho em diásporas que retomam elementos de sua origem: a dança do carimbó, o gingado da capoeira, os colares com sementes e cipós coloridos, os etnosaberes em recorrentes contatos culturais, um falar associado ao léxico regional, a música ritmada nos tambores, religião invocando os Orixás, as narrativas com expressões da presença negra.

Figura 16 – Dançarinos de lundu da Fazenda Tapera.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

Assim como os índios, os negros que aqui chegaram lutaram contra o regime de escravidão e se evadiram pelos campos e matas e construíram abrigos para os fugitivos, formando os quilombos e mocambos em locais de difícil acesso. Uma cultura que ao longo do tempo dialogou com outras culturas, mas sem perder as suas características.

Os vínculos que surgem com o tema permitem vislumbrar adentrar em novas searas da vida marajoara considerando suas leis costumes, representações e a intenção, por ora, é fazer somente um percurso histórico nas ondas da memória dos que por aqui passaram e deixaram escritas suas impressões sobre o lugar. Mas fica a observação de Joel Candau (2012, p. 87) de que a memória não estabelece datas precisas para delimitar o fluxo do tempo: “verifica-se aqui que o tempo em sua duração remete às representações que fazem os membros de um grupo sobre sua identidade e sua história”.

Assim é que em cada período, histórico os homens constroem explicações sobre o mundo, mudam suas ações, criam diferentes culturas. Foi o que aconteceu desde que se construiu o primeiro curral de gado no entorno do lago Arari dando origem à atividade pecuária na região e, a partir daí, se instalaram fazendas, povoações, vilas, estando o vaqueiro do Marajó no centro desse processo.

Nos tópicos seguintes, um breve histórico da Fazenda Tapera, onde trabalharam vaqueiros da família Vasconcelos; na sequência, a chegada à vila de Soure, que se levou à categoria de município, onde passa a morar o vaqueiro Erandir quando chega o momento da aposentadoria.

3.2 Em solo marajoara o formato de outra paisagem, o desenho de um novo ofício

Em 1680, Francisco Rodrigues Pereira, oficial de carpintaria portuguesa, funda a primeira fazenda pastoril à margem esquerda do Mauá, afluente do Arari. Neste rio instala, posteriormente, outros currais e despertou interesse dos frades mercedários (CRUZ, 1987, p. 34) que se tornariam já em 1696 os maiores incentivadores da criação bovina e cavalar em Marajó. O que seria decisivo para a criação do primeiro curral na região, pois, “soltam-nas, pouco tempo depois, nas campinas marajoaras e esta experiência logo se revela promissora” revela Miranda Neto (1993, p. 66).

Figura 15 – Curral de gado – Fazenda Bom Jesus.



Fonte: Arquivo da autora.

O ano de 1680 constitui, então, um marco para o arquipélago em virtude de que a partir daí “estabeleceram-se as primeiras fazendas na Ilha de Joanes, que veio a ser como ainda é hoje, o centro mais importante de criação de gado” (BARATA, 1915, p. 38).

Ressalta-se que a primeira leva de bovinos na Amazônia ocorreu em 1644 procedentes das ilhas de Cabo Verde. Mas o destino inicial foram os quintais das casas suburbanas de Belém, “foi das ilhas de Cabo Verde que veio para Belém, em 1644, o primeiro gado *vacum*, que aqui se foi reproduzindo nos quintais das casas suburbanas e nas herdades circunvizinhas” (TEIXEIRA, 1953, p. 34; BARATA, 1915, p. 38;). Mais tarde, reses e cavalos seriam remanejados para o arquipélago do Marajó “a fim de que venha a ser povoado de Fazendas de criar animais tão beneméritos; pois que os campos são de tão viçoso pasto que bem podem sustentar numerosas e longas manadas” (BAENA, 1969, p. 132-133).

A afirmação de Barata (1915, p. 38), as considerações de Gallo (1980, p. 261) de o Marajó deter o maior rebanho bubalino do país, despertou-me a curiosidade em saber se o Marajó ainda detém esse índice. Segundo dados do IDESP (2012, p. 10) “Hoje essa atividade está em decadência por falta de modernização e introdução de novas tecnologias”. Uma explicação aceitável se daria em virtude das grandes extensões de terras que impossibilitariam percorrer todas as cercas e mantê-las em perfeito estado o que dificultaria o controle do rebanho e a utilização de técnicas produtivas. Por outro lado, o Ministério da Agricultura (2013) informa que o Pará entra para o RankBrasil com o maior rebanho de búfalos do país.

Dados precisos informam que o Estado do Pará possui 461.275 cabeças, que representa 39% do efetivo bubalino nacional destes, o Marajó/PA tem 320.335 búfalos. Em nível nacional, o rebanho de búfalos é estimado em 1,15 milhão de cabeças, destes, 720 mil animais na região Norte. O Nordeste do Brasil conta com 135 mil e o Sudeste com 104 mil búfalos, segundo dados do Ministério da Agricultura divulgados em 2013. O búfalo se torna então uma opção para a economia do Marajó, devido principalmente à sua fácil adaptação ao ambiente natural do lugar. Entretanto, não se pode esquecer de que para manter esse índice é preciso mão de obra especializada no manejo com esses animais.

Logo, a presença e habilidade do vaqueiro são primordiais para a região visto de o Marajó apresentar evidências de histórico de ocupação antigo na região que se voltou à atividade pecuária extensiva em seus campos naturais, mais especificamente ao rebanho cavalар, gado *vacum* e bubalino e daí as enormes fazendas que aqui se instalaram.

Foi o caso da família Acatauassu que fundou, no Nordeste do Marajó, a Fazenda Santa Cruz da Tapera, de propriedade de Dita e Domingos Acatauassu, situada no município de Soure, na parte central dos campos, diferente da maioria fazendas do Marajó que

normalmente se instalam à margem dos rios, pertenciam a sesmaria de São Luis. A primeira construção da casa-grande foi em madeira, em 1910, e assim ficou por quase meio século, até que cedeu espaço, em 1954, à nova edificação em alvenaria.

Figura 18 – Casa-grande – Fazenda Tapera.



Fonte: Arquivo da autora.

Em dia 5 de maio de 1910, algo em torno de 102 mil hectares de chão marajoara passou às mãos da família Acatauassu³¹, sobrenome que passaram a usar depois da Guerra dos Cabanos. Aqui considero pertinente a nota escrita por Jorge Baleeiro de Lacerda³²,

Na época da cabanagem várias famílias mudaram de nome adotando nomes indígenas e exóticos para esconder a origem portuguesa: Acatauassu, Apinagé, Índio do Brasil, Sozinho, ao invés de Lobato, como foi o caso de meu mestre Waldemar de Pinho Sozinho, que era Lobato.

Em *Marajó, minha vida* Dita Acatauassu (1998) relata episódios por meio das lembranças que se atropelam na mente e recorre à Mnemosyne³³ quando, no ir e vir da cadeira de balanço e de olhos fechados, volta no tempo em que as memórias são empurradas pela angústia do vazio que sente à sua volta. Nesse momento, tão propício às lembranças,

³¹ Dita Acatauassu (1998, p. 72) assim traduz o significado do nome adotado: “Na tradução literal do tupi seria fogo grande. Mas eu hoje traduzo com mais justeza: luz e força”.

³² Jorge Baleeiro de Lacerda é colunista cultural do Jornal de Beltrão desde 2002 e de suas andanças pelo arquipélago marajoara publicou a entrevista “Dona Dita Acatauassu e o Marajó” no referido jornal de onde transcrevi o excerto. Disponível em: <<http://www.jornaldebetrão.com.br/blogs/brasilidade-paranismo-sudoest/dona-dita-acatauacu-e-o-marajo-7904/>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

³³ Mnemosyne é uma titânide deusa da memória e da lembrança e inventora das linguagens e letras. Como filha de Urano (o Céu), Mnemosyne também era deusa do tempo, representando a memorização mecânica antes da invenção da escrita, para preservar histórias e saga de mitos.

Halbwachs (2006, p. 125) assegura: “não deixa de ser verdade que, em grande número de casos, encontramos a imagem de um fato passado ao percorrermos o contexto do tempo – mas, para isso, é preciso que o tempo seja apropriado para enquadrar as lembranças”.

Há muito espaço para as divagações já que Dita chegou ao Marajó em 1934 e dedicou 64 anos de vida à Fazenda Tapera. Durante o tempo em que estava ao lado do esposo a fazenda prosperou, formou imensos rebanhos de bovinos que abasteciam as cidades de Soure e Belém, foram também precursores na criação de bubalinos na Ilha.

Após a morte de Domingos Nunes Acatauassu, terras e gado foram divididos em “dez quinhões³⁴” que, correspondia a 9.337 hectares, uma grade extensão se comparada à dimensão territorial de outras propriedades rurais. Na antiga Tapera havia instalações comuns a todas às fazendas: cercas, currais com mangas de vacinação, currais para bezerros, cochos cobertos para minerais, açudes, barragens e cata-ventos com bebedouros, marombas para proteção do gado no período de inundação, todas necessárias ao funcionamento de uma fazenda. Assim, diz Erandir: “*Na época que eu comecei a trabalhar era uma casa pobre, mas depois foi crescendo, com casa de vaqueiro, casa-grande, capela, a escola que começou no pátio da Dona Dita, depois que construíram aquela escola*”.

Figura 19 – Casa de vaqueiro – Fazenda Tapera.



Fonte: Arquivo da autora.

³⁴ “Domingos dividiu os dez quinhões e cada um de nós seguiu seu rumo, amigos, irmãos, num preito aos pais como já não se vê hoje em dia, terras e gado divididos, nada do que havia a mais interessou” (ACATAUASSU, 1998, p. 72).

Na nova sede da Fazenda Tapera, outras instalações se tornaram indispensáveis: escola, posto, médico, capela, casas de vaqueiros, queijaria, oficina, que, na voz de Dita Acatauassu transcrita por Lacerda (1998, p. 41), se construíram em benefício dos moradores daquele povoado “sem jamais perder o sentido de que é preciso dar dignidade, bom salário, condições de trabalho, saúde e bem estar aos seus empregados”.

O acesso à propriedade dependia da estação: no inverno, período de chuvas abundantes, o transporte era fluvial até o porto do Jenipapo, retiro da fazenda Conceição, às margens do Rio São Lourenço, e de lá até a Fazenda Tapera, que ficava no centro, se ia de carroça puxada por bois ou montado a cavalo; no verão, período de seca, muitas vezes prolongada, se viajava de carro até a sede da fazenda. Nas duas estações se utilizava o avião, isso dependia, é claro, da condição meteorológica.

Vê-se que duas estações predominam no Marajó: inverno e verão. Quando o verão se estende por mais tempo além do previsto, gera uma grande incerteza para os habitantes dos campos, sabem que não podem ir contra a natureza. As altas temperaturas esturricam o solo, formando “terroadas”, as rampas secam, o posto nativo perde o viço, e as reses mais fracas lentamente perdem as forças e se transformam em alimento para urubus e outros animais.

No arquipélago marajoara, a fórmula do poeta grego Eurípedes “O esperado não se cumpre, e, ao inesperado um deus abre o caminho” se mantém bastante atualizada. O marajoara acredita nos deuses que povoam seu imaginário e a eles recorre, principalmente em tempos de aflição e pede ajuda. Quando cai a primeira chuva é só alegria, é motivo de festejo, de comemoração e profundo agradecimento, pois tudo depende da água, o rio é a rua, a trilha, a canoa, o principal meio de transporte, cujo preço da passagem é a paciência.

O clima da região impõe respeito e é decisivo para a sobrevivência do habitante nativo é o que diz Gallo (1980, p. 61) em *Marajó: a ditadura da água*:

quem manda ... não é o Presidente da República, não é o Governador, não é o Prefeito... domina uma ditadura absoluta e incontestável, não baseada na Constituição ou nas Forças Armadas. É um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, à vida da gente. Sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total.

O registro da natureza exposto em um quadro na galeria da cultura amazônica é comentado por Gallo (1980, p. 61-62, grifo do autor) em cada estação:

No inverno o povoado, que parece flutuar nas palafitas, se apresenta como uma nova Veneza, onde as “Gôndolas” deixam o lugar e infinitos “casquinhos”, com toda uma poesia de nomes grandiosos e otimistas. Na boca do verão a água some [...]. No

povoado, os canais, o igarapé, as ruas se transformam numa terruada descontínua e irregular. A terra pipoca se abre em infinitas rachaduras que parecem malhas de uma imensa rede que prende homens e coisas.

A estação chuvosa, entre janeiro e junho, inunda mais da metade da área de campo que fica embaixo d'água durante esse período. O povo dos campos fica completamente isolado, o deslocamento de pessoas somente ocorre em situações de extrema necessidade. Enquanto a área permanece alagada, a canga de bois e rústico cavalo marajoara, que se adaptam a cada período em vista da dificuldade de acesso, são os meios de transporte até o porto. Para seguir viagem só por meio fluvial, que consiste de pequenas embarcações a remo ou motorizadas.

Em *Anfiteatro Amazônico*, o escritor Raimundo Morais (1936, p. 34-35) já comentava sobre as estações que vigoram no Marajó:

No inverno quando Marajó se volve num lago imenso, afogando quase todas as terras, o rebanho vacum de reses sofre muito. O pasto, na maioria submerso, se reduz à canarana que os vaqueiros transportam em canoas para os tesos e marombas onde se acha o gado. A região que era campestre passa a ser lacustre, coberta por um manto verde de capim flutuante.

Ao se referir à estação das secas, continua Morais (1936, p. 35): “o verão, todavia, ao contrário dos sertões nordestinos, equivale na região a um paraíso, tal a abundância de caça, peixe, quelônio, frutos, leite, manteiga, queijo e carne”. O início do verão é tempo de abundância, de renovação, de um novo ciclo que se inicia, dá gosto de ver o gado “alentado”, as vacas leiteiras com as tetas cheias para alimentar os bezerros e também fornecer o leite para preparar queijo e manteiga; dos lagos que estão cheios de peixes e abastecem a mesa do vaqueiro e também propiciam renda extra para o povo dos campos. Muitos fazendeiros proibem a despesca dos lagos exatamente porque é um ganho a mais para a fazenda “nos lagos, próximos onde há peixe, o rifle dos fazendeiros está na mão do vigia atento” denuncia Ramiro, personagem de *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (2008, p. 338).

Mas o vaqueiro resiste a essas imposições e uma forma de se opor ao que sente ser abuso e exploração é pedir as contas, uma reação inesperada que desfalca a mão de obra da fazenda e sentida de imediato pelo patrão. Já dizia Vieira Barroso (1953, p. 203): “o vaqueiro é muito bem mandado, tímido, mas é, sobretudo, amante da liberdade. Só o prende o bom trato. Nada de opressão. Quando sente que está tolhido na sua liberdade, [...] não fica mais”.

Em uma passagem do romance *Marajó* (JURANDIR, 2008, p. 80), o personagem Francisco, filho de Siá Felismina não aguenta mais seguir às ordens impostas pelos mandões do lugar e expõe seus argumentos em indagações ainda que não obtenha respostas “Que faço

aqui? pergunta ele para sua mãe. É só desgosto. Só temos esta miséria”, Francisco saiu de Marajó e foi servir à Pátria.

Para driblar as adversidades, o vaqueiro dependendo do momento, é também caçador, pescador e, atualmente, guia turístico, atividades que sempre o levam ao contato com a água, afinal, está no Marajó. E essa visão da água em primeiro plano, sempre que se refere ao arquipélago, levaria a se pensar no pescador e não no vaqueiro como tipo humano característico da região. Miranda Neto (1993, p. 74) esclarece:

A explicação do muito que existe de peculiar em Marajó, reside no meio ambiente. Numa superfície coberta por extensos campos na zona oriental da ilha, propícios para o criatório, o homem absorveu lição da natureza e implantou um gênero de atividade coerente. O pastoreio foi desenvolvido formulando um processo social próprio, de relações entre os proprietários da terra e os vaqueiros. Daí o fato de, embora represente minoria, o vaqueiro ser o tipo humano característico do Marajó.

A partir das relações que estabelece com sua realidade, ele cria, recria, resolve e atua nestes ambientes onde circula e coopera com algo do qual participa, se insere, e é também autor. O município de Soure, por exemplo, é local onde o vaqueiro passa a morar quando se aposenta e deixa a zona rural e adentra no espaço urbano, já que também “a cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória” (BOSI, 1994, p. 114).

Figura 20 – Seja bem vindo a Soure – a capital do Marajó.



Fonte: Arquivo da autora.

A imagem da cidade e a origem toponímica³⁵ mostram que passado e presente se fundem, mas para acompanhar o andamento da pesquisa é preciso localizar o espaço-tempo da produção cultural do vaqueiro do Marajó que vem desde tempos muito remotos. Numa superfície coberta por extensos campos na zona oriental da ilha, propícios para o criatório, o homem do campo adquiriu lição da natureza e implantou um gênero de atividade corrente – a pecuária.

Em *Alguns aspectos da Ilha de Marajó*, publicado em 1942, Dalcídio Jurandir ressaltava o valor etnológico da cerâmica marajoara, os encantos selvagens da paisagem, a variedade da fauna e flora. Todavia nenhum desses atributos superava as imensas áreas pastoris como notável fator da economia da região e do Estado do Pará. O município de Soure desponta como o que “possui o rebanho de melhor qualidade que os demais centros” (JURANDIR, 1942, p. 202). Somado aos municípios de Chaves e Cachoeira do Arari, formou-se, no Marajó uma crescente indústria pastoril procedente desde o século XVII.

Ainda concentra grande rebanho de bovinos e bubalinos na grande extensão dos campos e, tenta explorar esses recursos na perspectiva turística. Muitas fazendas antigas aderiram ao avanço do turismo se transformaram em hotéis-fazenda. É um ramo de atividade que se encontra em ampla expansão no Marajó e é procurado pelos visitantes estrangeiros e também despertou interesse de brasileiros nos pacotes oferecidos pelas agências de turismo. O vaqueiro não é somente um tratador de rebanhos, é também um guia para conduzir turistas por trilhas, rios, igarapés. Foi o caso da Fazenda Sanjo, onde trabalhou Fabrício Vasconcelos, cujos proprietários investiram no turismo rural e adaptaram suas instalações para receber visitantes.

Desde 1950, Soure já despontava como uma das cidades mais procuradas no verão “para o descanso e a tranquilidade dos que passam o ano no trabalho da capital, metrópole da Amazônia. Nessa época, a cidade transforma-se; toma novos encantos; as praias enchem-se, as ruas alegram-se, enfim, recebe decoração nova; adquire novo ritmo” (TEIXEIRA, 1953, P. 174). O que confirma um relato bem anterior, de 1874, onde Soure apesar das mazelas que já se configuravam no município e permanecem até os dias atuais, também era apontada como um lugar propício ao descanso, ao lazer, ao turismo.

³⁵ O topônimo Soure, nome de uma antiga Vila chamada Concília, em Coimbra, que no tempo dos romanos se chamou Saurium-por existir grande quantidade de jacarés. Em prestígio aos lusitanos mudou de freguesia do Menino Deus para Soure. Junta-se à expressão “a capital do Marajó” exposta na orla do Rio Paracauri em saudação visível de boas vindas; e faz-se também uma referência simbólica à cidade para designá-la como “a pérola do Marajó”.

Do periódico *A Regeneração*³⁶ de 23 de agosto, foi extraído um excerto referente à cidade de Soure, com o título “Um retrato da cidade de Soure, na década de 70 do século XIX”.

VILLA DE SOURE – 1874

Esta pequena vila, situada ao lado esquerdo á entrada, do Igarapé-grande, na ilha do Marajó, ressepte-se infelizmente de muitos males, devido a sua nenhuma importância política, porque apenas da um eleitor. Não há quem tome interesse por essa Villa, aliás, de boa situação topográfica, em lugar alto e seco, clima agradável, ventilação constante e com excelentes banhos.

O mesmo periódico traz a imagem de uma cena de Soure, mais precisamente da Terceira Rua, esquina com a Travessa Quinze, ladeada de mangueiras.

Figura 21 – Vila de Soure em 1874.



Fonte: <<https://pt-br.facebook.com/FamiliaBezerraDaRochaMoraes>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

Em uma passagem de *Marajó*³⁷, Jurandir (2008, p. 416) retrata uma cena da natureza ao descrever a mesma Rua de Soure, exatamente a Terceira Rua no momento em que Manuel Coutinho aguarda o barco para seguir até Belém:

Soure dormia embalada pelo vento, pela voz da baía, num leito de mangueiras. [...] Andava pela terceira rua de Soure. As mangueiras lhe ofereciam uma paz de orvalho e resina, se derramava dos frutos verdes e das folhas. Em ordem na rua, pesadas de sossego e mangas. Com que maternidade, com que força de criação a terra as sustentava e as deixava ao luar, na rua da pequena cidade marajoara.

³⁶ Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/FamiliaBezerraDaRochaMoraes/posts/189843057807663>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

³⁷ Romance publicado originalmente em 1947.

Soure é o espaço urbano onde o vaqueiro Erandir Vasconcelos estabelece relações com outros indivíduos e é atualmente seu ambiente de maior interação social, por isso a necessidade de situá-la na formatação do contexto histórico. “Mas, entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do *caminho familiar*, com marcos onde a significação da vida se concentra” (BOSI, 2003, p. 114, grifo da autora). Uma apreensão do espaço que se percebe não apenas como um lugar para ser um repositório de lembranças, mas como um ambiente que estabelece novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, um lugar gerador de oportunidades que o campo não oferece mais.

Arraigado às tradições, o vaqueiro Erandir se mantém apegado à memória como um dos elementos fundamentais da cultura dos campos, ainda que esteja imerso no contexto urbano, por isso, as atividades que até hoje desenvolve remontam aos antigos afazeres desempenhados na fazenda. Assim, cultura e memória caminham juntas e são recursos dos quais se vale o vaqueiro para a continuidade do fazer profissional que complementa a renda familiar. Dessa forma, o passado coexiste no presente e, como Erandir tem seguidores no ofício, há chances de que continue a ser esta a ocupação de uns tantos Vasconcelos no futuro.

3.3 Cinco gerações de vaqueiros: as histórias de vida constituem o sujeito

Muito mais do que o relato de um fato, as narrativas orais são narrativas da vida e, nesse caso, são também histórias de vida partilhadas pelos vaqueiros dos campos de Soure. Os relatos, a memória e a poesia são contados e cantados pelas vozes poéticas de pessoas simples que contam o que ouviram ou presenciaram, e, nesse contexto, lembremo-nos do narrador benjaminiano de quem somente viveu experiências diversas tem o que contar.

O vaqueiro do Marajó, por meio do ato de contar sua própria vida e as ações que norteiam sua prática profissional constrói um conhecimento a respeito de si mesmo, sobre os outros e sobre o que acontece na sua comunidade em certo momento histórico. Também descreve e caracteriza seu universo cultural com marcas indicativas de um tecido mestiço, híbrido, que forma o marajoara.

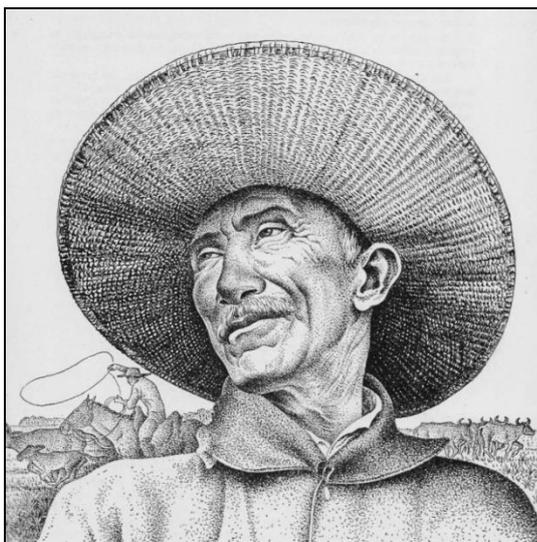
A partir das vozes que permeiam este trabalho, pode-se dizer que a narrativa segue o curso da vida, ela não se explica à parte da vida, simplesmente flui e os fatos surgem acompanhando a memória do narrador que, segundo Benjamin (1994, p. 209), “não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas”. Um modo de pensar que se complementa em Zumthor (1997, p. 13-14):

a memória do grupo tende assegurar a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nesta medida, permite que se mantenha a vida [...] é evidente que cria a história, ata o liame social e confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura.

E exatamente por se encontrar em um espaço privilegiado de observação daquilo “que está na base dessas culturas, na fonte da energia que as anima, irradiando todos os aspectos de sua realidade”, diz Paul Zumthor (2007, p. 12), que esse narrador marajoara dá uma pequena amostra dos ensinamentos e lições de vida que lhes foram repassados de geração a geração por meio da voz ou das vozes poéticas inseridas no centro da cultura marajoara e concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história.

3.3.1 1ª Geração: Luiz Andrônico de Vasconcelos

Figura 22 – Luis Andrônico de Vasconcelos.



Fonte: IBGE (1949).

O vaqueiro do Marajó com seu chapelão de palha de timbó, o rosto expressivo, a manta de baeta sobre os ombros, concorreram para que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Série Tipos e Aspectos do Brasil (1949), selecionassem Luis Andrônico de Vasconcelos com desenho de Percy Lau e descrição de Lúcio Soares, como o tipo humano característico do Marajó:

Os elementos caboclo, mulato e negro constituem maioria da população vaqueira de Marajó, entrando o branco com um coeficiente reduzido. O tipo étnico característico

do peão de Marajó é o caboclo, mestiço de branco e índio, com predominância deste último sangue. A vida do vaqueiro de Marajó está intimamente ligada à vida da fazenda, trabalhando unicamente para o fazendeiro, do qual recebe, além do salário, casa e alimentação. Na sua faina diária o vaqueiro usa uma vestimenta sóbria, composta de camisa e calça de pano claro, que lhe permite liberdade de movimentos e defesa contra o clima quente e úmido. Seu chapéu é feito de palha, de traçado muito unido, de abas largas e planas, tendo a copa achatada como medida de defesa contra a ação dos raios solares e como impermeabilizante à água da chuva. No período das cheias o vaqueiro serve-se do boi como montaria (“boi-cavalo” ou “boi de sela”) para atravessar os alagados, o que constitui uma nota pitoresca dos costumes marajoaras (SOARES, 1949, p. 29).

Não me bastava somente a descrição do vaqueiro “típico” do Marajó, queria saber mais a seu respeito e as representações desse sujeito do universo pastoril nas áreas rurais onde era responsável pela execução das atividades na Fazenda Tapera e anexos. Em minhas indagações ao neto Erandir, ele não titubeou e passou-me às mãos o exemplar *Os Dez Brasis* de Jorge Baleeiro de Lacerda (1998) e nele, informações a respeito desse personagem, se quisesse saber mais alguma coisa podia contar com ele.

Os relatos do autor se complementam aos da família Vasconcelos quando falam da chegada de Luis Andrônico à Fazenda Tapera em 1910 para trabalhar com o Doutor Domingos que iniciava na mesma data a dinastia da família Acatauassu naquela parte do Marajó. Segundo Lacerda (1998) foram cinquenta anos de dedicação exclusiva do vaqueiro às propriedades da extensa fazenda com mais de 40 mil hectares. Ao completar 65 anos recebeu em reconhecimento aos anos de serviço prestados cerca de 300 reses e terras para iniciar a própria criação e ter uma velhice tranquila. Uma forma de vida que se iguala a tantos outros vaqueiros de seu tempo cujo enredo incide no desejo de um dia serem proprietários de suas próprias terras e gado. Entretanto, diz Rosicléia Vasconcelos, sobrinha-neta de Luís:

Agora que tinha o que era seu, terra, gado, não demorou muito e não conseguir administrar o negócio e morreu pobre. Mas isso não o afetou, o que ele se orgulhava de fato era de ter dignidade. Acho que foi a maneira como sempre viveu e a formação que teve como trabalhador da fazenda não teve preparo para cuidar do próprio negócio. Sabia tomar conta das coisas dos outros, com muita competência, porém não conseguiu passar para patrão. Fez dívidas que não pode pagar e isso o levou a vender terras e gado de imediato e com o que sobrou comprou a casa aqui de Soure. Mas ele não ficou aqui, voltou para a fazenda onde novamente ficou como empregado e lá ficou até o fim, até morrer.

Entende-se com esse relato que os saberes e valores tradicionais que nortearam a prática do vaqueiro Luís o embasaram para o mundo de trabalho entre seus pares, ao convívio com os companheiros da profissão e integração com a cultura local onde suas habilidades o

colocavam no topo entre os companheiros. Mas, infelizmente, sentia-se inferior aos patrões quando em posição de igualdade visto que a educação que recebeu no espaço familiar o preparou para atitudes submissas e não de comando, que ao longo do tempo se reforçaram, manteve em vigor e se refletiu na prole que colocou no mundo.

Com essas vinculações, Bosi (2003, p. 170) se posiciona diante de que:

A percepção de uma grandeza não reconhecida, a dos socialmente pequenos, deveria ser ensinada à criança e ao jovem antes que eles comessem a viver o tempo da classe dominante que assume o controle da vida social. Enquanto tal controle ainda não tiver submetido à consciência da criança, ela mergulha os olhos encantados no tempo subjacente aos dominados, onde encontra seus vultos familiares.

Seria uma atitude positiva para mudar a trajetória de um sujeito com poder de fazer e transformar a própria existência, mas esse modo de ser não era condizente aos costumes que vigoravam nos campos por esta época, em que onde homens e mulheres se situavam num contexto geográfico diverso e complexo e as formas de poder se manifestava em diferentes classes. Como se deu, por exemplo, na imposição da autoridade de Luis Andrônico e Madalena no início da relação a dois.

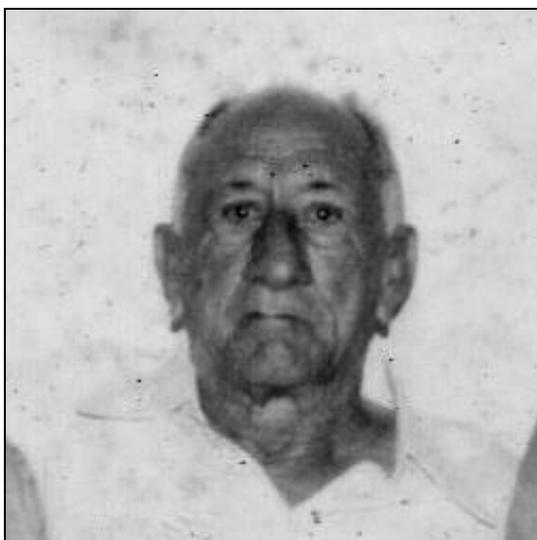
A respeito do casal Andrônico e Madalena, novamente a contribuição de Rosicléa Vasconcelos ao comentar a forma como se deu o romance entre os dois:

Foi assim, a vó Madalena era sobrinha de vô Luis e foi entregue aos cuidados dele para criar e educar. Durante um festejo na fazenda ela, moça bonita, recebeu convite para dançar e aceitou. Os que estavam lá dizem que quando meu avô viu aquela cena ficou fora de si e adentrou no salão, pegou pelos braços dela e levou para casa. Lá, o descontrole foi maior e ele chegou mesmo a agredi-la fisicamente. A explicação para essa atitude decorreu do ciúme que ele sentiu e daí para o casamento foi apenas um passo. Um costume que se mantém na família, dos parentes casarem entre si que permanece até hoje.

Da relação, nasceram 16 filhos que se criaram na sede da fazenda e retiros. Do pai, os rapazes herdaram a profissão e, as filhas, constituíram matrimônio com trabalhadores também da fazenda. A função de feitor Luis Andrônico repassou ao filho Roque Vasconcelos.

3.3.2 2ª Geração: Roque Vasconcelos (1912 – 2002)

Figura 23 – Roque Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

Filho de Luis Andrônico e Maria Madalena Vasconcelos, Roque nasceu em 16 de agosto de 1912. O ingresso na Fazenda Tapera se deu em 15 de janeiro de 1932 assumindo o cargo de feitor, com apenas 19 anos.

Das atribuições do feitor, segundo Miranda Neto (1993, p. 86) “O feitor, administrador da fazenda, é quem vai lidar diretamente com os vaqueiros. A ele pertence o poder decisório de questões relativas ao serviço da fazenda”. Roque já entrou nessa função por herdá-la do pai Luis Andrônico de Vasconcelos.

Nas fazendas, o cargo de feitor requer desse vaqueiro mais experiente, autonomia individual, mas o “branco” que está na cidade não o deixa tão livre assim para tomar decisões, de tudo precisa ser consultado até porque exime do seu trabalhador a responsabilidade de assumir sozinho um risco que pode se voltar contra ele mesmo.

Quando não há possibilidade nenhuma de avisar o patrão, o diálogo com os outros companheiros é fundamental e a decisão tomada busca favorecer a terra onde moram os vaqueiros e os proprietários do lugar. Um modo de compreender o conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer a uma categoria que tem prazer no exercício da profissão.

Roque seguiu os passos do pai e prestou serviço à Fazenda Santa Cruz da Tapera durante 49 anos.

Figura 24 – Carteira de Trabalho de Roque Vasconcelos.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL
DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÃO-DE-OBRA
DIVISÃO DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO PROFISSIONAL

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Série 330

63985

ROQUE VASCONCELOS

ASSINATURA DO PORTADOR

Empregador: *Fazendas Santa Cruz dos Tapera S/A*

Rua: *Tapera, Vila de Uruguaiana* Nº.....
Município: *Uruguaiana* Est.: *Paraná*

Esp. do estabelecimento: *Secunio*

Cargo: *Feitor*

C.R.O. n.º.....

Data admissão: *15* de *Janeiro* de *1922*

Registro n.º.....
Fis/Ficha.....

Remuneração especificada.....

FAZENDA SANTA CRUZ DOS TAPERA S.A.
Domingos Silva Santarini
Diretor Superintendente

1.º.....
2.º.....

Data saída..... de de 19.....

Ass. do empregador ou o cônjuge test.:
1.º.....
2.º.....

(Atestado médico, alteração do contrato de trabalho, registros profissionais e outras anotações autorizadas por lei)

Saiu da Empresa por motivo de aposentadoria em 31/12/1981.

Fonte: Arquivo da Família Vasconcelos.

Em 31 de dezembro de 1981 quando Roque Vasconcelos se aposentou seguiu para Soure onde passou a morar, sempre em companhia da esposa Malena. Diz Erandir:

Ele trabalhava, mas tinha dificuldade pra montar devido a uma queda de cavalo por tempo da ferra, já com uns sessenta anos, e tinha dificuldade pra trabalhar. Na ocasião do acidente não quis ir buscar tratamento e ficou com problemas no lado direito mãos e pernas defeituosos, jogava a perna, não tinha firmeza. No final da vida não movimentava mais nem pernas nem braços. Quando ainda era feitor na Tapera ele, com todo esse problema, ia pra Flecheiras e o Nandi e o Quinta-Feira que iam ajudar abrindo a porteira pra ele. Só andava montado em cavalo mansinho, o corpo já pesava muito. Papai era um herói, foi o gerente lá depois do vovô pra cuidar de tudo. Ele veio da fazenda mais por motivo de saúde da mulher, a Malena. Depois que vieram, ele já estava aposentado e daí eles não voltaram na fazenda nem pra buscar os bagulhos, quem trouxe fui eu. O estado de saúde da Malena não deixou mais ele ir pra lá. E a Malena era gente muito boa, eu podia estar sem nenhum tostão que era só ir lá com ela que "tome", e me dava o dinheiro. Até quando ele existia tinha o hábito de ficar com a carteira de dinheiro no bolso da camisa, acho que queria sentir que estava com dinheiro, só tirava para dormir. E a Malena era usar vestido com bolso e cinto do tecido do vestido. Do meu pai ganhei o São Sebastião de quem ele era devoto.

A filha de Erandir, Edna Vasconcelos, que estava presente durante a entrevista não se conteve e falou: *"herdou também a mania de não gostar de médico. A cuireza, que às vezes, atrapalha pra fazer tudo alvoraçado, rápido, que às vezes, até se fere"*.

Erandir continua a narrativa como se não houvesse interrupção nenhuma:

A parte de vaqueirice foi tudo com ele, tudo me ensinou, como manejar o gado. Minha primeira montaria foi um carneiro, o nome dele era Jasmim, era branco, ele ia comigo pro mato, pegava aquela cambada de maguari³⁸ e eu botava na garupa do carneiro, feixe de lenha. O meu pai era nativo de lá mesmo, nasceu nos Filhos de Eva.

A narrativa de Erandir a respeito do pai, contada em meio às lembranças, recordações, memórias, traz as experiências vividas no campo e se fazem presentes no momento atual por conta da sua própria história que se entrelaça a dos familiares que o antecederam. na profissão. Nota-se na fala de Erandir rupturas e continuidades na inserção de novos sujeitos o que permite sair do terreno individual e alcançar novos significados quando adentra no espaço coletivo.

Interessante é o conselho manifesto na voz da filha Edna que integra o perfil identitário do vaqueiro em práticas ancestrais que ainda sobrevivem no espaço rural marajoara onde o narrador “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201), ou nas palavras de Bosi (1994, p. 85) em que “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam”.

Dar conselhos é uma prática comum utilizada por alguns narradores na velhice e é eloquente em Simone de Beauvoir (2013, p. 161): “seja através da transmissibilidade de suas memórias, das experiências vivenciadas ao longo da vida [tem] consciência de que muito viveu, e muito aprendeu e, por conseguinte, tem muito para contar, para ensinar”.

Os vaqueiros do Marajó detêm conhecimento empírico do mundo onde vivem, marcado pelo respeito ao meio ambiente, pois adotam um sistema de manejo que lhes é próprio. Estas são práticas voltadas à perspectiva da comunidade tradicional e à luz de sua experiência o eco de suas vozes, em versão assim difundida por Zumthor (1997, p. 157):

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanção do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao Homem e a terra (ou aquilo com que o homem os representa

³⁸ Maguari ou cauauá é um tipo de pássaro que habita os campos nas áreas alagadiças e onde tem vegetação mais fechada, o que dificulta a sua localização.

A voz assume um lugar, se insere em seu espaço e adota um posicionamento que evidencia a sua marca identitária. Em *Memória e História* Le Goff (2012, p. 174) explica que: “A memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades do presente, na febre e na angústia”. Nela se reflete as vivências partilhadas com o coletivo, narra a classe dos trabalhadores dos campos. Nesse aspecto, os saberes que emergem da voz do vaqueiro trazem “o prestígio da tradição, e, certamente, contribui para valorizá-lo; mas o que integra nessa tradição é a ação da voz” (ZUMTHOR, 1993, p. 19) sobre os ouvintes.

São frutos de uma experiência de vida e a partir das quais o grupo se identifica como tal, troca informações entre si, interpreta a realidade em que vive e isso exige da pesquisa um debate epistemológico que fundamente a experiência enquanto objeto de estudo.

Por meio dessa voz que é, sobretudo, memória, “a perfeita voz da memória” (ZUMTHOR, 1993, p. 142), pretendem-se trazer para o texto, fatos relacionados ao entorno do vaqueiro marajoara, sejam realidades objetivas ou imaginárias.

3.3.3 3ª Geração: Erandir Vasconcelos (1938)

Figura 25 – Erandir Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da autora.

Neto de Luis Andrônico, filho de Roque Vasconcelos, assim se apresenta o vaqueiro da terceira geração da família Vasconcelos:

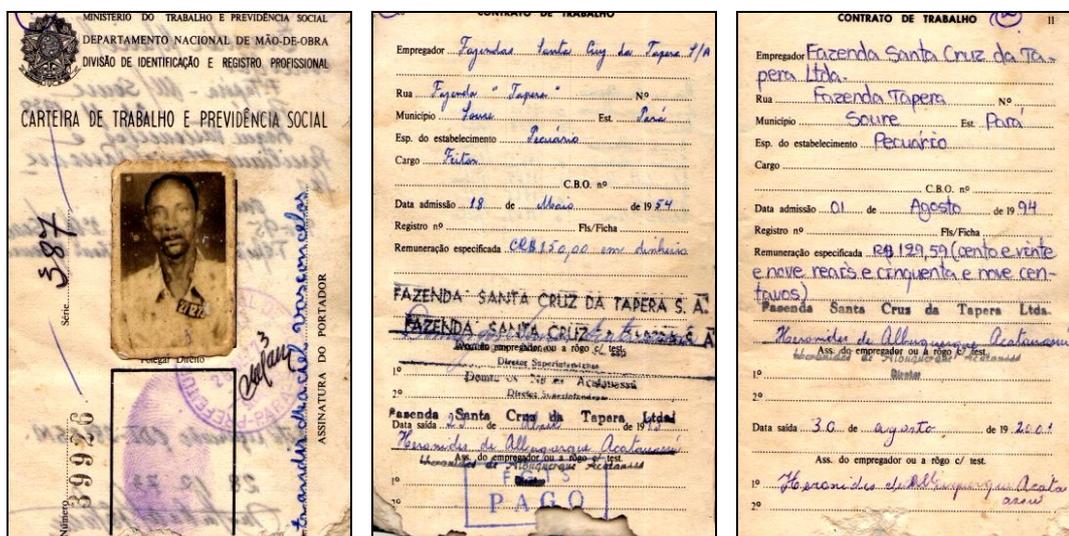
Meu Nome é Erandir Maciel de Vasconcelos, alguns me chamam Tio Iranda, acho que é pelo respeito que tem por mim. Nasci na Fazenda

Tapera, em 21 de novembro de 1938, e só mudei de lá depois de 30 anos para o Retiro das Flecheiras, a mando do patrão, o doutor Domingos. Ele queria que eu fosse pra lá pra pegar iniciativa de mando, pra mim não ficar sob o comando do meu pai, que era feitor, e não esperar por ele, eu tinha que aprender da minha cabeça pra eu poder ensinar a trabalhar, dar ordem... Aí eu mesmo não queria.

Comecei como vaqueiro eu tinha 17 anos, o que eu aprendi vem desde o meu avô, passou por meu pai, amigos, outros encarregados. Aí foi indo, foi indo e eu fui aprovando e hoje eu já me sinto assim como até um professor dentro da minha profissão. Eu ia pro campo, comecei cedo, aprendi a laçar, castrar e tudo o que era necessário, aí eu fui e aprovei. E meu patrão disse: "Tu serves pra cuidar". E lá na Tapera, na sede, eu comecei e tinha os retiros: Flecheiras, Degradados, Filhos de Eva, São Domingos, São Lourenço, Uxi, Aruã, Ilhota, Saudade. Trabalhei em todas elas porque pra onde tinha serviço eu ia, em umas passava semanas; outras, uns dias e assim por diante. Toda minha família trabalhava lá: tios, sogro, primos. O meu avô era gerente, depois meu pai, depois ficou pra mim, a terceira geração.

Funcionário com apenas 16 anos, teve a carteira assinada em 18 de maio de 1954 e por problemas financeiros da empresa saiu em 30 de agosto de 2001.

Figura 26 – Carteira de Trabalho de Erandir Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

A fazenda onde nasceu e trabalhou foi também o local onde contraiu matrimônio com a prima Ana Maria de Vasconcelos e tiveram seis filhos que seguiram a linha dos ancestrais: os homens se tornaram vaqueiros e as filhas casaram-se com trabalhadores também da mesma fazenda. A respeito desse costume, justifica Erandir:

Nenhum fazendeiro gostava que os filhos dos vaqueiros que trabalhassem na sua propriedade fossem prestar serviço em outra fazenda, a não ser em época de ferra. As mulheres tinham que preferir casamento com vaqueiros da mesma fazenda para não se dispersarem. Na minha família foi assim:

Eu casei com minha prima Ana Maria (filha do tio Raulino Vasconcelos - vaqueiro); o Nandi (filho - vaqueiro) casou com Sueli (filha do Vítor Seabra - feitor dos Filhos de Eva); a Edna (filha - professora na Tapera) casou com o Murrão (Raimundo Carlos - bufeiro da Ilhota); a Eida (filha - professora no São Lourenço) casou com o Nico (Manoel Augusto Filho - feitor do São Lourenço); a Beth (filha - caseira da casa-grande) casou com o Lupico (Raimundo Alves - tratorista da Ditosa e da Tapera; O Quinta Feira (Erandidir Filho - vaqueiro da Ditosa e da Tapera) casou com Maria José (prestava serviço na Ditosa); a Eloísa (filha - professora na Tapera) casou com Jamilo (João Barbosa - vaqueiro na Tapera).

O vaqueiro concorda e justifica a atitude dos “brancos” em sua fala:

Era assim mesmo, nem o patrão nem a patroa não gostavam que ninguém fosse pra outra fazenda. Nos dias de festa os “brancos” ficavam aborrecidos se os vaqueiros da fazenda, as filhas ou os filhos, dançassem com pessoas de outras fazendas. E outra, quando um vaqueiro cismava com uma moça da cidade e pedia permissão para ela vir encontrar com ele lá na fazenda, ele não concedia licença porque sabia que a mulher trazia ele de lá. Ao invés de ganhar uma caseira, ele perdia um vaqueiro e isso ele não podia permitir.

Junto a esse costume, outros foram igualmente extintos com a derrocada da Fazenda Tapera. Na virada para o século XXI a Fazenda começou a ter problemas administrativos e as dificuldades financeiras acompanharam o processo de decadência e a venda da propriedade rural foi inevitável, principalmente para pagar indenização aos funcionários que tinham muito tempo de serviço.

Os que se sentiram prejudicados com os valores recebidos recorreram à Justiça que lhes foi favorável. Ao contrário de Erandidir que não quis entrar no processo por acreditar que teria seu trabalho e anos de serviço reconhecidos. Doce ilusão. Assim que começaram as demissões, ele logo saiu por conta do salário que se sobressaía aos demais e um companheiro de serviço o substituiu na função de feitor.

Já na cidade, Erandidir foi pressionado por familiares e amigos a procurar seus direitos. A ninguém ele ouviu e, como chefe da família muito respeitado pelos seus, decretou que ninguém do clã dos Vasconcelos entraria na Justiça. Uma experiência que Joel Candau (2012, p. 64) desconfia “pode estar carregada de impressões insuportáveis, quer dizer, lembranças que não ousa confessar aos outros, e, sobretudo a si próprio, pois elas colocariam em risco a

imagem que faz de si mesmo”, afinal Erandir sempre foi considerado um homem íntegro e quando se permite falar sobre isso, sente-se injustiçado.

Um capítulo de vida que se encerrou, e tanto esforço e dedicação não resultaram em saldo positivo nem trouxeram a comodidade financeira esperada. *Em memórias da morte e outras memórias: lembranças de velhos* Horochovski (2013, p. 158), fala de sujeitos para quem a aposentadoria não trouxe o merecido descanso após uma vida de trabalho:

Seria uma ruptura que promoveria danos irreparáveis, entre os quais, uma crise identitária; ser-lhes-ia difícil administrar a ociosidade, pois não foram preparados para ela. A grande maioria continua trabalhando e/ou desenvolvendo atividades domésticas, artísticas, artesanais ou religiosas; sente-se útil, produtiva e independente, a despeito de diferenças, e, conseqüentemente, ativa e viva. É essa sensação de utilidade que parece motivá-los, dar sentido à sua existência [...], a ocupação é sinônimo de vida.

Por isso, Erandir não para de trabalhar e sempre está envolvido em alguma atividade com o filho e genro que são feitores, companheiros que ainda estão na lida nas fazendas e pedem auxílio ao experiente vaqueiro, fazendeiros que reconhecem sua experiência no serviço da pecuária. Normalmente quando se procura por ele é comum a esposa informar que ele já foi, já viajou a trabalho e não tem dia certo para voltar. Por ocasião de seu regresso, tem-se a impressão de que os dias passados fora, fazendo o que gosta, desencadeiam um processo de afloramento da memória que o rejuvenesce com novas histórias para contar.

Inscrito na categoria de narrador, estipulada por Benjamin (1994, p. 198-199), camponês sedentário (ainda que Erandir seja um homem ativo) constitui o vaqueiro marajoara como “o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”. Um estilo de vida que conservou e modificou algumas características, posto nas narrativas que seguem, e promovem o sentido de pertencimento a uma categoria de profissionais dos campos do Marajó.

3.3.4 4ª Geração: Ernani Vasconcelos

Figura 27 – Ernani Vasconcelos.

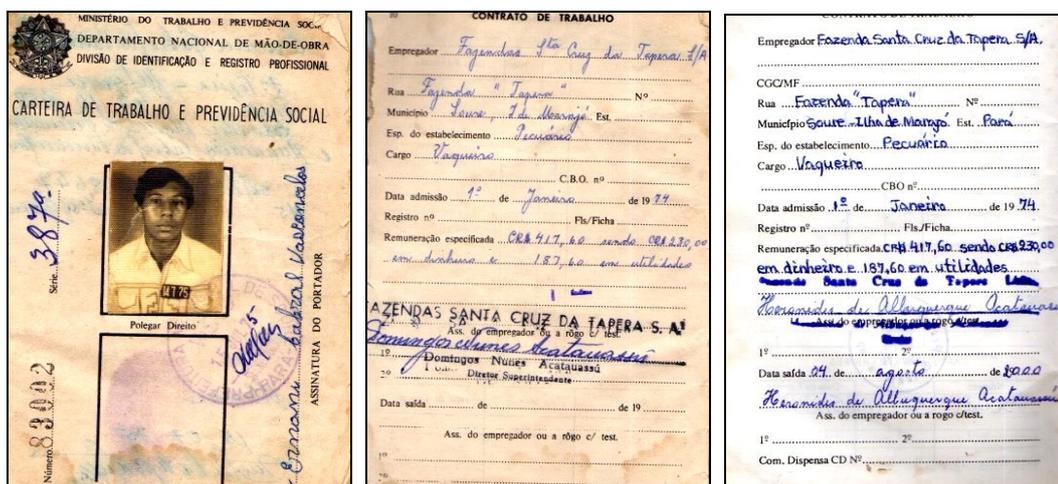


Fonte: Arquivo da autora.

Ernani Vasconcelos nasceu na Fazenda Tapera, em 07 de outubro de 1958, seu primeiro contrato na empresa do núcleo dos Acatauassu ocorreu em 1º de janeiro de 1974, com apenas 16 anos no cargo de vaqueiro, função que exerceu durante 26 anos até 29 de agosto de 2000 de onde saiu por atraso nos pagamentos.

Imediatamente foi admitido em mais uma propriedade dos Acatatussu, na Fazenda São Lourenço de Domingos Acatauassu Sobrinho onde permanece até hoje.

Figura 28 – Carteira de Trabalho de Ernani Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da Família Vasconcelos.

Da Tapera ao São Lourenço Ernani Vasconcelos relata sua trajetória pelos campos do Marajó:

Quando eu tinha quatorze anos, estudava na quinta série, aí o vovô Roque já estava com uma idade avançada e doente e ele mandava eu ir no lugar

dele pros Filhos de Eva, São Domingos [retiros da Fazenda Tapera] e eu passava dias pra lá trabalhando. Quando voltava pra Tapera, ia poucos dias na escola, quando ia, porque eles não davam tempo. Como eu era interessado no serviço, eles [os patrões] me contrataram logo, assinaram minha carteira e lá na firma eu fiquei nove anos nas Flecheiras e dezessete anos na Tapera.

O serviço lá começava cedo: três, quatro da manhã já estava de pé pra tirar leite e passar pro queijeiro. Pegava o cavalo, ia pros Filhos de Eva atrás de gado pra ferra e só voltava de noite; corria cerca; fazia aterro³⁹, uma lida que começou lá nas Flecheiras e depois passou pra Tapera no ano que o tio Moacir chegou lá.

Eu sempre fui vaqueiro e com a chegada do Tio Moacir de feitor na Tapera ele logo quis me tirar da Flecheira e levar pra Tapera pra que quando ele não aguentasse mais eu ficasse no lugar dele, era o que ele dizia. Lá na Tapera eu ficava também de vaqueiro, na mesma função da Flecheira, trabalhei pra firma 26 anos e aí veio a decadência da Fazenda [Tapera] que começou a atrasar o pagamento e, em 2000, eu fiquei uns quantos meses com o salário atrasado aí eu pedi as contas, porque tinha família e não estava mais dando.

O seu Dominginhos do São Lourenço me chamou e eu fui pra lá trabalhar como vaqueiro, já estou lá com ele tem quatorze anos. De uns tempos pra cá eu continuo de vaqueiro só na carteira porque o meu cunhado Nico⁴⁰ saiu de lá e o seu Dominginhos me entregou a fazenda. Ele vem pra cá só uma vez por mês, o resto sou eu quem cuido. Quando tem tiração de bezerro, por exemplo, eu tenho que ir em Belém entregar. Agora eu estou no cargo de feitor de lá, mas o salário continua o mesmo, só a responsabilidade aumentou. O pagamento é comigo, sou eu que venho pra Soure ou Salvaterra buscar e levo pra fazenda pra pagar os vaqueiros; a balança de lá só eu que posso mexer pra pesar o gado da fazenda e o gado de fora; na casa grande, a minha mulher, a Sueli, é caseira de lá e só nós que podemos entrar lá pra ver, pra resolver qualquer coisa, só eu e ela.

Quando eu era mais novo pensei um dia de mudar de profissão, porque eu só vivia nesse serviço até que uma vez deu oportunidade de trabalhar num caminhão de material de construção que andava por lá pela fazenda, só que eu não gostei por causa da vaqueirice mesmo que está no meu sangue, mesmo o salário não sendo bom eu não paro: é Santo André, Prazeres, Carmo, Alegre⁴¹ todos eles eu ajudo. É uma vida de muito trabalho, de liberdade, de diversão porque correr, laçar, essas coisas de vaqueiro é o que eu gosto de fazer.

³⁹ Erandir Vasconcelos interrompe o relato do filho para contar da vez que sofreu um acidente durante a construção de um aterro: “Uma ocasião o pau do banguê entrou na minha mão e eu aguntei, eu fiquei só na pá, não fui mais carregar, mas num larguei o serviço”. (banguê – couro de boi esticado, não podia molhar pra não apodrecer, com dois paus deitado de comprido pra carregar terra).

⁴⁰ Manoel Augusto, o Nico, é filho do ex-feitor da Fazenda Tapera e é esposo de Eida Vasconcelos, filha de Erandir Vasconcelos. Atualmente trabalha como feitor da Fazenda Sanjo.

⁴¹ Santo André, Prazeres, Carmo, Alegre são nomes das fazendas vizinhas às terras do São Lourenço, local onde Ernani exerce o cargo de feitor.

A vaqueirice da qual fala Ernani Vasconcelos é um termo recorrente nas falas dos vaqueiros do Marajó e na literatura de expressão amazônica, Steiner (2006, p. 98) emprega o mesmo termo quando a ele se refere na obra *Da capa das selas aos embalos da rede* aos filhos de Dona Tereza que “depois do aprendizado da vaqueirice, com o avô, pediram as contas e nunca mais deram notícias”.

A arte de laçar referida por Ernani compreende conhecimento do qual demanda habilidade e destreza na forma de manejar agilmente a corda e laçar o animal. Uma perícia digna de nota por Feio Júnior (2004, p. 113):

Na arte de laçar existem várias formas de jogar o laço, longe ou perto, com laço grande ou pequeno, em sentido horizontal ou vertical. O vaqueiro elegante é aquele que abana o laço e joga com precisão com um simples movimento do braço sobre a cabeça, volteando para dar o impulso e jogar sem movimento extensivo do braço nem contorções do corpo sobre a sela.

Quando o vaqueiro alcança seu intento logo de primeira consegue admiração e respeito dos companheiros de profissão. Uma dentre inúmeras atividades do cotidiano do vaqueiro que mostram a capacidade que tem no exercício do ofício que conforme a época se converte em atividade de lazer e por isso executada com prazer diante da liberdade, dita por Ernani, que os campos do Marajó permitem vivenciar.

3.3.5 5ª Geração: Fabrício Vasconcelos

Tetraneto de Luis Andrônico, bisneto de Roque, neto de Erandir, filho de Elizabeth Vasconcelos, Fabrício Vasconcelos, nasceu em Soure, em 08 de junho de 1983, herdou dos antepassados o gosto pela profissão de vaqueiro.

Figura 29 – Fabrício Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da autora.

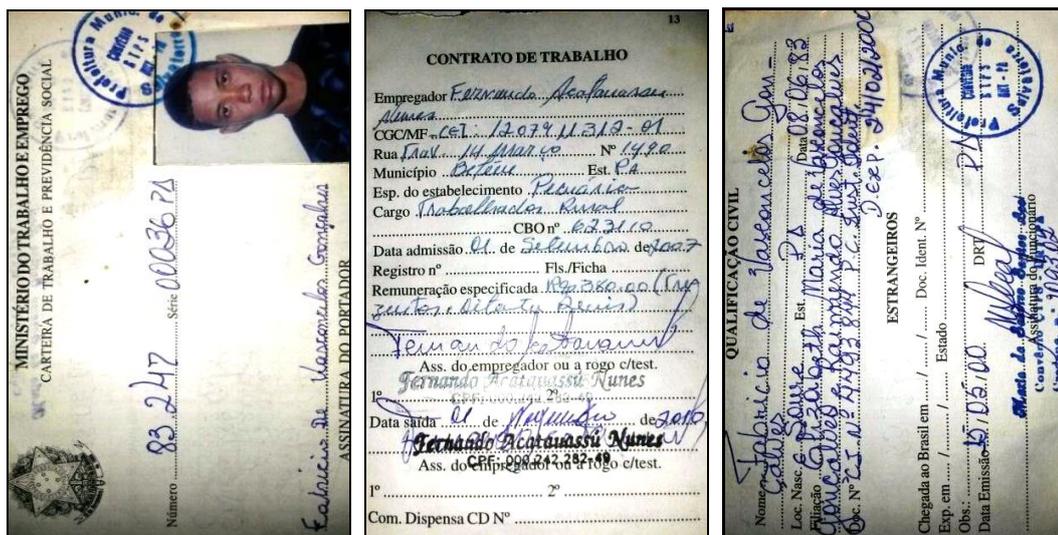
A fala da Beth, mãe de Fabrício, traz as pretensões de Fabrício com 13 anos de idade:

A Dona Dita chamou ele e perguntou o que ele queria ser. Ele respondeu de imediato que queria seguir a profissão do pai: tratorista. Ela disse que não era isso não, que era para ele conversar com a mãe e pedir ajuda. Ao passar pela cozinha da casa-grande, ele confidenciou pra cozinheira Humberta a conversa que teve. Ela deu a opinião: "diz que tu queres ser soldado". Ele deu um tempo e voltou lá com a Dona Dita. Ele disse que queria ser soldado, ela falou que não. Era conversar com a mãe e escolher uma profissão que gostasse. Quando veio conversar comigo ele confessou que gostava mesmo era de laçar. Então é isso: ele queria era mesmo ser vaqueiro, é o que ele é até hoje. E é bom de laço. Um dia caiu um chapéu do turista lá na [Fazenda] Sanjo e ele laçou o chapéu de cima do cavalo. O turista ficou besta, ficou pagando de ver isso! Quem me contou isso foi a Ana Tereza, a dona de lá do Sanjo, que era a patroa dele.

Com 31 anos de idade e dez anos de profissão, Fabrício tem uma trajetória de vida intensa pelos campos do Marajó, seja como vaqueiro contratado ou de carteira assinada. Joana Medrado (2012, p. 138-139, grifo da autora) fala do prestígio de que gozam certos vaqueiros:

É interessante observar que ser um vaqueiro "de toda confiança" fazia do trabalhador um amigo, especialmente se ele tivesse atravessado gerações servindo com lealdade a família do fazendeiro. O fator da antiguidade contava muito para a ascensão ao posto de administrador e era comum encontrar, ao menos, pai e filho sendo vaqueiros.

Figura 3016 – Carteira de Trabalho de Fabrício Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

Ao falar de si, Fabrício confirma as aspirações da lida com o gado, a aptidão para a atividade pecuária:

Minha vida foi sempre na fazenda Tapera, e quando eu já estava na idade de ganhar como vaqueiro a fazenda começou a ter dificuldade, demitir empregado e eu já queria ter meu dinheiro. Então foi assim, através da... como é? Eu pedi pra minha mãe falar com a Dona Ana, a dona de lá. Aí que fui pra lá, pro Sanjo. Foi a primeira vez de vaqueiro de carteira assinada. No Santo André também trabalhei só que foi contrato, fui umas quatro vezes, só pela ferra. No Anjo [Fazenda Anjos] eu trabalhei também, só pra tirar leite pra fazer queijo.

Sempre que é preciso eles me chamam sabem que sou cria da Tapera e lá eu aprendi tudo, papai trabalhou lá dezoito anos (nove anos na tapera e nove anos na Ditosa) como tratorista, eu aprendi tudo lá e quando eu tinha vinte anos fui lá pra Fazenda Santo André. Nessa época a minha família já estava em Soure, aí o tio Nandi [Ernani], que era vizinho do seu Felipe, feitor do Santo André me chamou pra trabalhar na ferra de lá no mês de dezembro de 2004. Toda vez que tinha serviço eles me chamavam em agosto pra assinalação e castração e nesse período nós já tirávamos o gado pra por na cerca de embarque, já é gado pronto pra embarcar, tá selecionado.

Isso ficou uns seis anos mais ou menos até que fui em 2007 pra Sanjo e fiquei lá até 2010 no serviço de campo: dobrar gado, dá rodeador pro pessoal tirar o gado⁴². O gado que sobrar fica no campo assinalado e castrado ou então na cerca de engorda. Nesse tempo fiquei namorando com a Edineida⁴³ até casar que foi em ⁴⁴..., e a família começou a crescer.

⁴² Fechar a malhada e avisar os fazendeiros vizinhos para vir tirar o gado deles.

⁴³ Edineida é filha de Eida Vasconcelos. Fabrício é filho de Elizabete Vasconcelos. Eida e Elizabete são filhas de Erandir.

⁴⁴ Não consegue lembrar a data e chama a esposa. Ela se aproxima, com um bebê nos braços e sorri como se soubesse da incapacidade do marido de lembrar-se da data “foi em 17 de janeiro, Dona Décia, de 2009”.

Pensando em mudar de vida e ter mais condições pra nós todos foi que um dia liguei para o meu outro tio [Erandidir] que mora na estrada [Fazenda Xingu] e perguntei se tinha uma vaga lá pra mim. E ele disse que tinha. Aí eu disse pra Dona Ana que eu ia me embora, tinha arrumado outro emprego e disse pra ela que lá eu ia ganhar o dobro do que estava ganhando lá. Ela concordou e deu baixa na minha carteira. Então eu fui embora sozinho na frente, pra lá, pra São Francisco do Pará, e a mulher foi uns três meses depois.

Logo que cheguei lá senti logo a diferença do trabalho que é diferente da nossa lida com o gado aqui no Marajó. Negócio de castração aqui é laço, lá é no brete⁴⁵, o manejo aqui é tocado, o gado está no campo e, aí tem que correr atrás pra entrar na rede, tirar gado pra embarque, vaca pra amansar pra leite, separar garrote pra parição ser controlada⁴⁶; lá é no curral, por exemplo, mete duzentas reses - cem vacas e cem bezerros - a gente separa por curral, as vacas dos bezerros.

Mas, independente daqui ou de lá ou até em outro lugar, cada dia tem coisa pra fazer que pra mim tem diferença, ainda mais porque agora eu que faço a inseminação nas fêmeas que estão no cio, sou reconhecido no meu trabalho.

Tenho primos da mesma idade minha que se criaram também na fazenda, crescemos todos juntos e eles estudaram e seguiram outra profissão, mas eu não, não estudei muito, só até a sétima série porque eu achava que estava bom mesmo porque eu já sabia que eu não queria outra profissão. Me criei na fazenda, me acostumei, não tive oportunidade de conhecer outra vida, mas gosto e tenho orgulho da minha profissão, o campo me dá liberdade.

Apresentar estes sujeitos como representantes de uma região e foco de pesquisa não se trata de forma alguma idealizá-los em sua rotina cotidiana, mas em dar voz aos vaqueiros e permitir que revelem as experiências singulares constituintes da sua identidade geradora de saberes expressos no empenho, trabalho e nas vivências individuais e em grupo.

Levando-se em conta que as narrativas identitárias consideram os processos de hibridização, não sob o enfoque de traços fixos nem como essência de uma nação, mas entender a identidade vinculada à história de misturas com as quais se formaram os vaqueiros de Soure, no Marajó, é que se partilha dos estudos dos processos culturais impressos em *Culturas híbridas* (CANCLINI, 2008, p. XXIV) por se entender “mais do que levar-nos a afirmar identidades autossuficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações”. Assim, a cultura de acordo com Távora (2008, p. 87) se define como “um lugar onde se articulam os conflitos sociais e

⁴⁵ Brete é um compartimento onde se prende boi, vaca, cavalo ou outro tipo de animal com segurança enquanto eles são examinados, marcados ou recebem tratamento veterinário.

⁴⁶ Um aparte do experiente avô Erandidir Vasconcelos: “Se quiser que nasça animal só no verão, separa o garrote do meio das vacas aí, por exemplo, em agosto, e aí a parição é só de maio pra frente. Quando chega o inverno os bezerros já tão tudo grande”.

culturais, onde se atribuem sentidos às coisas do mundo através do corpo, do imaginário, do simbólico, da participação, da interação, da poesia, do cotidiano. Nela se constituem os sujeitos e a sua identidade”.

Há de se voltar, então, para uma compreensão que se inicia com o respeito ao homem dos campos e seus saberes sem esquecer-se da participação das companheiras de jornada em suas trajetórias.

3.4 Uma voz feminina em relatos de cura

Na dialógica democrática o acesso das mulheres à igualdade com os homens em todo o Ocidente se deu de forma irregular, o mesmo aconteceu no Marajó. Mas há seres destemidos que clamam por liberdade de opinião e de expressão. Foi o caso de Edna Vasconcelos, filha de Erandir Vasconcelos, primeira participante feminina da maratona do cavalo marajoara que põe à prova a habilidade e a resistência do vaqueiro e do animal em um percurso de dois dias. Esta era uma competição, na concepção ideológica da sociedade marajoara, que só poderia ser exercitada por homens.

No entanto, entende-se que a constituição de sociedades de estilo plural e democrático concebe uma educação pautada na consciência de que a continuidade da diversidade de culturas é fundamental. Fato que se deu em conversas com Ana Maria, esposa de Erandir, a respeito dos procedimentos de cura, quando alguém se encontrava acometido por alguma doença na fazenda. O assunto era o mesmo, mas frente à diversidade de culturas um foco diferenciado se deu a cada momento da narrativa. Com a filha Edna, o remédio veio com reza feita por Seu Pedro, o benzedor:

No dia 08 de dezembro era missa de Nossa Senhora da Conceição. A Edna, que nasceu em 06 de novembro de 1960, sem motivo nenhum deixou de mamar e só vivia dormindo. E ela já com febre, desde a véspera da missa, dia 07, à noite. Passou a noite e ela não mamou mais e o dia todinho do dia 08. Batizei logo ela de manhã. Na hora da procissão, umas 4h o papai foi lá e disse para mim: "Anica, tu não queres que eu chame o Seu Pedro pra benzer a Edna?". Eu já estava no desespero e ela sem mamar desde o dia inteiro, desde às 7h da noite passada que ela não mamou mais. Aí o benzedor veio e pediu um pires com água e um ramo de vassourinha, mandou eu tirar ela do berço de vime (que eu não sei que fim levou!) e botar ela no meu colo, deitar de bruços e abrir a camisinha dela nas costas. E a menina naquela sonolência. Quando chegou mais ou menos na metade da reza, do benzimento, ela começou a despertar. Aí ele mandou eu virar ela de peito pra cima e continuo a rezar. Quando foi

terminando a reza ela já estava suando e passando a febre. Aí ele disse: "Dê agora o peito pra ela". Graças a Deus ela mamou e ficou curada.

O curandeiro explicou que era quebranto e a providência da reza no momento certo evitou uma situação de perigo que a família nem podia imaginar: era quebranto, dona Ana confirma:

E era quebranto de três mulheres que tinham se admirado dela [da Edna] e elas estavam com muita fome. E quebranto perigoso é quebranto feito por pessoa que está com fome. Se lá não tivesse uma pessoa pra benzer ela logo talvez até tivesse morrido.

Outra situação de cura, Dona Ana vivenciou na Fazenda Arraial, retiro Cosme Maria, em que o recurso empregado para cura foi a invocação de caruanas por um pajé conhecido que atuava na área:

Eu vi o Pedro Camaleão, pajé-curador muito procurado, fazer uma senhora atacada de asma ficar curada com os poderes dele. Era um rapaz novo, mataram ele. A mulher estava passando mal, eu dizia que ela ia morrer. As filhas, no punho da rede, embalando e chorando. O marido dela é que tomava conta e foi buscar o curador em outra fazenda pro bando do Tocantins, longe, um dia inteiro montado, e eles só chegaram de noite. Na hora que chegou foi ver a doente de nome Firmina, depois foi tomar e trocar de roupa e se preparar, colocar cinta, essas coisas... os preparos dele e, não jantou, foi logo cuidar da pajelança. E eu muito admirada de ver aquilo! Não acreditava que ele ia dar conta de curar ela, a mulher estava muito mal, não abria nem os olhos! Pelo meio da consulta baixou um camarada que tirou um negócio do estômago dela. Ele botou a boca no estômago dela, foi tirar e ficar boa na HORA. Acabou o cansaço, a falta de ar, com tudo... e ela ficou boa na HORA. O marido dela tocava violino, ele era tocador, Cansinha era o nome dele. Quando acabou o trabalho, o pajé chamou o marido dela e disse: "Vá buscar o violino e toque aqui umas partes". Quando ele chegou aí foi e tocou. O pajé pegou a doente e dançou. Quando ela acabou de dançar foi pra cozinha e fez café. Ela ficou BOA, BOA, BOA, só com esse serviço! Essa parada eu vi que até hoje eu conto essa anedota.

Em "*conto e cura*" de Walter Benjamin (1993, 269) a criança está doente e a mãe emprega a performance corporal e a voz para se comunicar com o filho por meio de narrativas e a cura acontece "Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se

apenas deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narraçãõ”. Uma corrente que, por ora, segue o fluxo narrativo de cura na voz de Dona Ana.

O terceiro feito de cura aconteceu com a filha Eida. Nessa situaçãõ o olhar atento da curandeira encontrou auxílio da farmacopeia natural, as ervas medicinais encontradas no próprio quintal:

A Eida estava pequena, tinha dois anos mais ou menos, aí ela apareceu com uma diarreia, deu assadura nela e eu não sabia mais o que fazer, já vinha até pra Soure. Eu fui lavar roupa e apareceu a Maria Gemaque, avó do Mundicãõ lá do Aruã, ela entendia de parto, dessas coisas. Ela perguntou o que a Eida tinha e eu disse que ela não tinha mais nem fezes para colocar, era só aquele catarro com raios de sangue. Ela me disse: “Tu tá vendo aquele matinho⁴⁷ lá na boca do poço velho? Pega um punhado, ferve, põe numa bacia a mistura ainda morna e coloca ela sentada com água do umbigo pra baixo, que é vento caído”. Eu fiz e, com isso, ela ficou boa, só dois banhos, graças a Deus. Nem vim mais pra Soure, e hoje tá a Eida, porruda!

Benza, pajelança, erva medicinal e Dona Ana lembrou-se de quando a Edna ficou doente e ela desesperada clamou a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

A Edna, eu recebi uma graça quando ela tinha quatro anos, daqui (do joelho para baixo) apareceu uma coceira, tipo uma alergia, que ela coçava e sangrava. Tinha a perna horrível, feia, até sangue de urubu eu passei. Tudo o que me ensinavam, eu fazia. Foi quando começou a aparecer os milagres de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e eu me peguei com ela: - Minha Nossa Senhora, socorre a minha filha, me ensine um remédio para ela ficar boa. Aí veio a noite, fomos se acomodar pra dormir. Eu sonhei, e no sonho eu ia pra missa, na igreja dela, em Belém. Quando acabava a missa eu saía, e tinha aquela senhora lá na frente da igreja. Diz que ela vinha e falava comigo: “Você tem uma filha que está doente e precisa de remédio? Eu vou lhe ensinar um remédio, mas eu quero saber se você vai fazer, porque ela vai ficar boa”. Eu dizia: faço. E ela me perguntou três vezes, e eu respondi três vezes. “Você pegue a urina do bacio que foram vertendo de noite, ponha numa vasilha a urina, a cinza do fogão e bote dentro da urina e ferva. Quando ferver, deixa esfriar e sentar a cinza. Com a urina lave a perna dela. Lave três vezes no dia, só que a senhora vai sofrer junto com ela porque ela vai chorar muito, muito, muito na primeira lavagem. Aí você pegue uma rede e arme no canto da sala e embale até ela parar de chorar. Não lave. Quando for na segunda ela vai chorar, só que não igual a primeira vez. Quando for na terceira vez ela já não vai chorar”. E assim foi. Quando foi no final ela se

⁴⁷ Perguntei o nome do matinho e Dona Ana Maria respondeu: Maria mole, não é planta, é mato, mas é remédio. Para vento caído é esse o mato para benzer, ferver pra banho, depende da doença.

despediu de mim e eu dela. Eu perguntei:- Qual o seu nome? Ela me disse: "Você não pediu para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro o remédio? está falando com ela". E saiu e foi-se embora. Quando foi de manhã, eu amanheci contando o sonho, mas não ia fazer. Quando que Nossa Senhora ia falar comigo? Foi aí que a Malena e a mamãe disseram: "Faz, faz, tu não pediu o remédio? faz". E eu fiz. E o que ela disse aconteceu: a Edna gritava, gritava, gritava e eu com pena dela, mas fiz como ela mandou. Taí a Edna com as pernas limpas! Ficou boa só com esse remédio que Nossa Senhora ensinou. E foi mesmo.

Para encerrar essa fala que expressa saberes das mais variadas formas de cura que os moradores dos campos se valem, Dona Ana expressa admiração e apreço a dois jovens médicos que pegaram carona no mesmo transporte que ela e o filho doente.

O Nandi teve pneumomia, eu até desfiz do pai do Iranda, desobedeci ele. O Nandi começou com febre, tinha dois pra três anos, eu estava barriguda da Edna. E ele já estava dias assim. Aí apareceu uma tiração de boi (embarque) dos Filhos de Eva, o Iranda não ficava, todo serviço o pai (Roque Vasconcelos), que era o feitor, avisava e ele ia. Eu fiquei lá com o Nandi ruim, ruim e ele só piorou, piorou. O filho do Preto Juvêncio, o Munguba, morava lá com a gente e o Nandi muito ruim. Seu João Dias, o queijeiro, vinha toda semana pra Soure dar venda do queijo. Aí eu peguei e fui lá pedir uma passagem pra mim e pro Nandi. Saindo de lá eu fui atrás do Antônio, meu primo, pegar um boi manso da sela do Iranda pra vir pro porto do Jenipapo e de lá pra Soure. Malena a mando do Roque, pai do Iranda, me avisou pra eu não sair de lá sem o conhecimento do Iranda. Eu não quis nem saber, me arrumei, peguei o Nandi e saí. Meia-noite foi a hora da viagem e de inverno... Diacho!!! Já pensou o lamaçal? O Munguba resolveu pegar um cavalo também da sela do Iranda e ir atrás dele avisar da minha viagem. Ele saiu de tardinha da Tapera e chegou à noite nos Filhos de Eva. Quando nós chegamos pertinho do Jenipapo seu João Dias disse: "Ana Maria, o Tio Iranda vem aí atrás, estou ouvindo tropel de cavalo". Não demorou muito ele encontrou conosco. Quando embarcamos no bote, o queijeiro avisou que ia encostar no porto do [fazenda] Santo André para pegar dois passageiros que eram os donos da fazenda Ritlândia. "Olha Ana Maria, esses dois são médicos, são doutores". Um deles me perguntou: "O que é que ele tem?" Eu respondi: "Vômito, febre e tosse". - Faz aí a medicação do menino -, um deles falou. Quando chegamos em Soure a farmácia ainda estava fechada. O médico ia viajar, mas queria que atendessem o paciente. O Iranda chamou o dono que veio e nos atendeu e o médico então aplicou uma injeção no Nandi e ele logo melhorou. Nessa época a gente ficava lá na Sociedade⁴⁸, aí o Iranda perguntou quanto era a consulta e o médico disse que não era nada, que só queria que o menino ficasse bom. Eles eram da família Medrado Bezerra. Conclusão: pelo avô, o Roque, o Nandi tinha morrido

⁴⁸ Uma casa na 2ª Rua, perto da Exposição de Feira Pecuária, que tinha muitos cômodos para abrigar os empregados da fazenda Tapera quando vinham à cidade.

porque o Iranda não estava em casa e ele não queria que eu sáísse de casa sem autorização do marido. Mas veja só!

A voz feminina não seria contemplada neste momento, todavia a presença do tema de cura se reiterou nas narrativas de Dona Ana e não se pode negar a contribuição, a compreensão que elas têm do contexto social em estudo. Ainda porque, volta e meia, suas vozes se faziam ouvir durante as conversas travadas com os companheiros. Quando Dona Ana (Tia Nica, Anica, Ana Maria) começou a contar os percalços sofridos com as doenças que acometiam as pessoas nos campos e eles sem recurso médico, apelavam para qualquer forma de tratamento que aliviasse seu sofrimento, não resisti, e coletei as narrativas. Durante a transcrição, percebi que para cada caso contado uma cura fora empregada. E a forma como a narradora conclui suas histórias revela uma atitude destemida, de alguém que se contrapõe à ordem estabelecida “na medida em que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam despercebidas”, assegura Halbwachs (1990, p. 47).

Todavia, a história da colonização no Marajó vem de uma obsessão por conquistas, exploração, relações de poder e não se pretende aqui apenas registrar as dificuldades pelas quais passaram os povos que contribuíram para a formação identitária do vaqueiro do Marajó e seus descendentes, mas apresentá-los com suas idiossincrasias, suas formas de vida que são expressas de forma contundente, embora logo depois do dito se dá outra situação que torna incoerente com o dito anteriormente.

Foi o que se observou neste recorte da fala de Dona Ana:

As mulheres da cidade quando vão pra lá é que elas não se dedicam à criação de animais do quintal, ao bordado, às costuras, a debruar o chapéu do marido, nada, só cuidam da casa e dos filhos e olhe lá. E é só isso, não querem mais nada.

Percebe-se uma atitude avessa ao que Dona Ana disse e fez diante do autoritarismo do sogro que se contrapõe ao colocar a figura feminina relegada às prendas do lar, além da ausência de receptividade com as mulheres que saem da cidade para morar na fazenda por não se adequarem aos afazeres destinados às mulheres que vivem na zona rural. Contrapontos à parte, é inegável a participação das mulheres no âmbito das sociedades rurais no Marajó e muitas delas foram/são dinâmicas na construção de um novo modo de vida em que a presença

feminina busca por transformação do espaço onde vive sem as amarras instituídas por uma sociedade que, em certos lugares, ainda prevalece o sistema patriarcal.

Mas, o que se pretende com as narrativas ora impressas é mostrar a participação efetiva dessas mulheres na construção de narrativas que expressam as diferentes culturas, identidades, costumes e, de certa forma, atuam na melhoria de vida na região dos campos e a superação dos problemas enfrentados por quem mora nesses locais.

Durante as conversas muito se falou em despertar o talento das mulheres com geração de trabalho e ganho financeiro por meio de bordados em ponto cruz, confecção de tapetes, produção de doce de leite, criação de galinha caipira, patos, coleta de ovos e outros afazeres nos quais se empreguem os dons e as aptidões que enaltecem a cultura rural.

Elisabete Vasconcelos, Beth, filha de Erandir, enquanto caseira da casa-grande nas fazendas Ditosa e Tapera, um pouco de tudo aprendeu “*era preciso se ocupar por lá mesmo. Os meninos estavam na escola e o Lupico [esposo, tratorista da fazenda] saía cedo e só voltava no fim da tarde*”. Quando eles saíram da fazenda rumo à cidade os saberes de Beth ultrapassaram as cercas das propriedades rurais e agora, o doce de leite, o frito de vaqueiro, a linguça, assim como as palas de camisas marajoaras bordadas em ponto cruz são o ofício de Beth na cidade, uma complementação de renda em benefício da família. Os alimentos da culinária regional e os bordados tem fácil aceitação no mercado local: “*O que faço de cozinha não sobra nada. As palas de camisa só faço de encomenda, às vezes faço umas a mais e deixo aqui, quando vem gente já tem. As que não vendem logo, ficam por aqui, servem de modelo.*”

Neste momento, ressalto as vozes femininas em vista de que em seu próprio meio há elementos e atitudes que as diferenciam e que, certamente, sofrem diferentes formas de opressão social sob formas distintas contextos. Ao optar por não ignorar essas vozes no contexto espacial e social onde também se inserem as mulheres marajoaras entendo que todas essas vidas se misturam e diante das dificuldades enfrentadas por homens e mulheres na labuta diária, as experiências vividas corroboram para trazer à tona questões sociais e culturais que refletem o sentimento de pertencimento, da identidade e da relação que assumem quanto ao local que fez ou faz parte da vida do cidadão dos campos do Marajó.

Nas trajetórias dos sujeitos da pesquisa o recorte narrativo perpassa pelos caminhos da memória ora individual, ora coletivas dependendo das circunstâncias de fala e lugares ditarem as relações a serem veiculadas. As palavras de Halbwachs (1990, p. 51) sintetizam o exposto: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.

O que se aplica ao contexto das narrativas contadas por Dona Ana e a filha Beth em um reflexo da realidade que vivenciam e demonstram o modo coletivo de agir do povo marajoara, aqui manifesto em suas lembranças.

ERA 4⁴⁹ NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: A VOZ TRADUZ SABERES

Todo o saber que está ali o constitui como indivíduo, as suas memórias o põem no mundo. O estar no mundo é ser vaqueiro (Josebel Akel Fares).

Figura 31 – Erandir Vasconcelos – Vaqueiro do Marajó.



Fonte: Arquivo da autora.

⁴⁹ É a idade do garrote, reprodutor, “ser sadio, vigoroso, órgãos perfeitos, robustos, demonstrar ser potente [...], sobretudo sem defeitos físicos, hereditários e descendentes de animais são” (BARROSO, 1953, p. 169). É o touro, macho adulto, tem a função de cobrir as fêmeas que estão no cio e aumentar o rebanho.

4.1 Contar histórias sobre si: um ato de conhecimento

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Segundo Benjamin (1996, 204-205), “a arte de contar histórias se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”.

Tio Iranda é um homem com muitas histórias para contar. É também uma evocação e um testemunho do vaqueiro marajoara, o homem nativo em seu local de trabalho e posteriormente, já aposentado, conhecedor das tradições, mitos, alguém que viu inúmeros cenários, observou fatos sociais e, agora, vivendo na cidade, passa a narrar a própria vida, como um fator decorrente da necessidade que ele tem de lembrar.

A arte de evocar, de narrar, de atribuir sentidos às experiências permite ao sujeito interpretar suas recordações dá-se, na concepção de Abrahão (2006, p. 144), em duas dimensões:

Primeiro, como uma etapa vinculada à formação a partir da singularidade de cada história de vida e, segundo, como um processo de conhecimento sobre si que a narrativa favorece. O processo de formação e de conhecimento possibilita ao sujeito questionar-se sobre os saberes de si a partir do saber-ser – mergulho interior e o conhecimento de si – e o fazer-saber-pensar sobre o que a vida lhe ensinou.

Esta é uma observação que emerge diante do contato com a experiência de vida do narrador, com as condições de vida em seu *habitat* natural. As entrevistas se deram no intuito de se fazer o registro da manifestação da memória desse indivíduo. Há uma procura em torno de dados para que a voz adentre outros espaços e possa ser útil para a formação de novos olhares para o arquipélago do Marajó e com inclusão da ideia de memória, na articulação de educação e cultura advindas das narrativas orais pertinentes às trajetórias de vida traçadas em torno do vaqueiro marajoara por se entender, na mesma perspectiva de Le Goff (2012, p. 455), para quem “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.

A busca de significados inerentes ao exercício da atividade pecuária e de traçar os saberes do vaqueiro do Marajó, esse profissional dos campos, se deu por meio de levantamento de uma narrativa (auto)biográfica. No capítulo introdutório da pesquisa já se pensava nas trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de

narrativas e, a partir daí, fazer um recorte biográfico das fontes orais por considerar que a vivência se reveste da tradição. Nesse caso, a ação de contar, para Ataíde (2006, p. 313),

é costurada em torno da dimensão temporal que dá significado as fases da infância, juventude, idade adulta, etc. Através da ficção e criatividade do narrador, esta biografia, objetivada pela fala, vai se configurando e ganhando existência própria a partir do amálgama, muitas vezes inconsciente ou não, que representa o conjunto de experiências vividas.

A sugestão investigativa de análise pautada neste modelo se projeta em um procedimento que visa à compreensão dos fatos, às histórias de vida partilhadas e se espera, à luz das trajetórias dos sujeitos, em especial, os vaqueiros marajoaras, o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria. Para isso, conto com as narrativas (auto)biográficas em que estão impressas as histórias de vida de um vaqueiro de Soure, intercalada com outros membros de sua família, cuja marca se registra na análise dos dados por meio de sua trajetória o que implica um processo de compreensão dos fatos, das relações sociais, das possibilidades de imbricar a diversidade de saberes que existem na cultura amazônica.

O questionamento de Bosi (1994, p. 68, grifo do autor) aqui é pertinente:

Qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer a sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoas tem de lembrar. É a *sua* memória.

É um ato importante de interpretação da palavra dita, visto que a voz traz em sua emissão a representação social de uma experiência de vida e a partir das quais o indivíduo se identifica como tal, dá informações de si, promove uma cartografia de saberes da realidade em que vive. As cartografias traçadas por Fares (2004) remetem a um complexo cruzamento de espécies distintas das gentes da região segundo as relações existentes entre os registros da história e os saberes da tradição. O modo de ser e de viver diferenciados dos sujeitos dos campos marajoaras dão indicadores de que:

não existe uma cultura, uma identidade amazônica no singular. A concepção deste espaço é plural. As diferentes manifestações culturais trazem marcas do híbrido e da mestiçagem e reconhecem as presenças indígenas, africanas, libanesas, nipônicas entre tantas outras. São essas vozes poéticas de múltiplos sotaques e línguas que fundam a Amazônia, mesmo sem ser necessário comprovar quais os desenhos mais fortes e os rascunhos mais claros (FARES, 2004, p. 86).

Tal concepção conjuga ideais, regras, valores e atitudes socioculturais na interpretação de uma realidade social que converge para as vivências do entorno e dos ambientes por onde circula o vaqueiro marajoara. Como este estudo aborda a identidade em um processo de abstração de traços da tradição marajoara fundam-se estruturas em torno do vaqueiro em circunstâncias ora individuais, ora coletivas.

4.2 Tio Iranda: um intérprete de sua cultura

O habitante dos campos do Marajó é singular envolvido numa multiplicidade de fatores pertinentes aos afazeres diários, às crenças, ao léxico, à alimentação, aos mitos. Como toda sociedade comporta mecanismos e por meio deles transmite e recria sua cultura, com os marajoaras não é diferente. Tais pensamentos levam a mergulhar na pluralidade cultural amazônica concebida por Brandão (2002, p. 24) que “consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida possível e significativa”.

Desse universo faz parte o vaqueiro, o homem nativo em seu local de trabalho e, posteriormente, já aposentado, vivendo na cidade, onde passa a narrar a própria vida. É um falar envolvente, seguro, em que se precisa ficar atento a cada movimento de voz ou corporal para que a performance do narrador, o seu relato, seja capturado em sua totalidade. Os marcadores discursivos constituem um recurso de função fática para se estabelecer/manter o diálogo, como um testemunho decorrido da necessidade que o vaqueiro tem de lembrar e quer contar, se registre os fatos para ele tão importantes. Diz Benjamin (1994, p. 205, grifo do autor):

a narrativa é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

A forma artesanal para Erandir Vasconcelos que trabalhou como vaqueiro da Fazenda Tapera durante 47 anos se dá no toque das mãos ao fazer a ordenha, ainda de madrugada, ao direcionar o rumo do cavalo com os pés ou as mãos que seguram a corda e a giram à direita ou à esquerda ou sobre a própria cabeça e o animal obedece; ou ainda, ao tecer as rédeas e enfeitá-las com argolas e outros adereços, ao esconder na palma das mãos as pedras de dominó, empunhar com segurança o facão durante a capina, ao destrinchar com maestria a

vaca para a matalutagem, estalar os lábios e agitar as mãos no mesmo ritmo para tocar o gado, e outras atividades que o vaqueiro executa com maestria, ciente de suas atribuições.

Intrigada com o dito por alguns autores de expressão amazônica de que “o vaqueiro do Marajó não tem ambição” indago a esse respeito: “em algum momento da vida de trabalho nos campos, havia intenção de conseguir algum bem além dos que já possuía?”. Ele responde:

Eu trabalhei para conseguir a minha casa aqui em Soure, era uma necessidade, porque eu cansei de vir morar com um e com outro. Achei que a gente tinha que ter o que era da gente. Uma ocasião o papai me mandou um bilhete avisando do terreno com uma casinha de madeira que estava à venda. Foram parcelas que eu paguei com meu salário de vaqueiro.

Com as economias que juntou, comprou uma casa na cidade, em Soure, para dar boas condições aos filhos e aos netos, à esposa e a ele mesmo quando não fosse mais possível viver na fazenda. Logo que se aposentou precisou deixar os campos e toda uma vida de trabalho e seguiu com parte da família rumo a uma nova vida. Lá, longe do seu ofício, Tio Iranda lembra cada fase de sua existência quando andava montado em cavalo “*da sua sela*” e percorria os extensos campos cuidando da malhada. Em seu devaneio, lágrimas escorrem de seus olhos azuis como os céus do Marajó, na estação do verão. Pergunta Bosi (1994, p. 86): “por que chora o narrador em certos momentos da sua vida? Esses momentos não são, com certeza, aqueles de que esperaríamos lágrimas e nos desconcertam”.

Como seria até o final da pesquisa? Ainda havia muito para se conversar e a narração acarretaria uma carga de emoções que perdurariam ao longo do trabalho e isso mexeria com Erandir ao evocar suas lembranças. Os entes queridos que já se foram iriam se presentificar no ato e contar de si e dos outros; a infância, a juventude, a fase adulta aliado à existência do avô, do pai, filhos e netos vivendo na fazenda todos juntos e com apenas as paredes das casa a separá-los e “*hoje está cada um para o seu lado*”; a falência da fazenda que levou cada trabalhador a procurar seu rumo e lutar por seus direitos na Justiça, ficando ele e a família de fora desse processo; por lembrar que um companheiro seu de longa data conspirou contra ele para ficar em seu lugar; por já estar velho e sem forças suficientes para realizar todas as façanhas a que estava habituado nos campos. É uma carga infinda de sensações visto que as histórias por ele contadas são a essência de sua própria história de vida, em que tempo e memória se fundem e as reminiscências trazem à tona o que aparentemente já estava esquecido.

4.2.1 “*Daquele tempo de menino, ainda tenho no meu peito muita saudade*”⁵⁰

O vaqueiro recorda a infância, os tempos de menino travesso, os aprendizados de domar cavalo bravo; subir nas árvores para pegar o esperto camaleão; descobrir onde as jacarés-fêmeas escondiam os ovos para preparar uma deliciosa omelete com limão e farinha; ficar de guarda esperando aprontar o queijo e da sobra que ficava no fundo do tacho juntar a farinha, açúcar e creme de leite fresco e preparar “o choro manso”, depois de pronta a mistura comer com os garotos; brincar de bola improvisada com meia recheada de areia, mas ficava atento para não perturbar o repouso dos mais velhos.

Na minha infância, no tempo da escola, a brincadeira com as outras crianças era de bola, não tinha outra coisa, era o que a gente gostava. Fiquei pouco tempo na escola, estudei só até a terceira série, na época não tinha o que tem hoje. Maria era o nome da professora e era só da 1ª a 3ª série, não ia adiante como essas séries que tem hoje.

Ainda nessa fase, os adultos delegavam aos meninos algumas responsabilidades que eles executam na base da diversão. O trabalho assim praticado inspira a criação e não se configura como servidão, diz Bosi (2003, p. 172), uma vez que “é importante que o jovem assuma pequenas tarefas não como uma carga, mas como um gesto de libertação, de ligação com o todo, um treinamento para levantar voo”. Não incentivá-los a interagir com elementos da sua realidade circundante implica em não disponibilizar oportunidades de estabelecerem contato com sua própria história e cultura do qual fazem parte.

O momento da narrativa é importante para a comunidade de vaqueiros marajoaras e as falas se sucedem naquela “riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares” (BOSI, 1994, p. 415), é esta a impressão que tem Erandir ao dizer que parece ouvir a voz da Malena chamando: “*Menino, vai buscar água para tomar banho, não vê que está escurecendo? Chega de brincadeira por hoje*”. E ele mesmo justifica a atitude da mulher que o criou:

Não era um ralho, era o cuidado que ela demonstrava ter com cada um de nós. Só que na época não se entendia assim, era só olhar para cara de cada um para ver... Hoje já se entende de outra forma. É certo que às vezes o cinto “cantava no couro”, mas a gente esquecia e fazia tudo de novo.

⁵⁰ Fragmento da música “Tempo Bom”, de Chico da Silva. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-da-silva/994708/>>. Acesso em: 21 dez. 2012. Aqui faço uma analogia com as lembranças de Tio Iranda que recorda a infância como “um tempo bom que não volta nunca mais”.

O vaqueiro fica pensativo vasculhando a memória. A infância, segundo Bosi (1994, p 415), “é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nós dá a sensação de que nossos passos afundam”, parece que nessa divisão do tempo ainda há mais para contar e Erandir quer que seja registrado, não quer perder o momento em que narra o tempo de criança.

4.2.2 O difícil transpor da infância à juventude

Acabou a brincadeira. Até as tarefas que lhe eram solicitadas na infância davam brecha para uma estripulia aqui, outra ali. Isso tudo se foi. O moleque cresceu já “*tá taludo*”, conhece os afazeres de um vaqueiro, mas algo era imprescindível nessa caminhada: tinha que saber ler, escrever e fazer conta direitinho, para isso tinha escola na fazenda com professora formada em Belém.

A partir daí, pode-se dizer que “a infância terminou, nem adianta ter saudade, já passou” (BOSI, 1994, p. 416). Começa uma nova etapa em que precisava ajudar nas despesas da casa. Como já tinha seu próprio ordenado podia ir às festas de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião em dezembro e janeiro. Nesses festejos vinha gente de todo lugar, até os parentes que moravam mais longe, Belém, Castanhal, Paragominas, Ipixuna e outras cidades faziam presença.

Era muito divertido. Na hora que tocava uma parte mais romântica a gente aproveitava para cortejar a moça em que se estava interessado. Aí já começava a cisma com a filha de um vaqueiro da mesma fazenda, os “brancos” não queriam saber de nenhuma relação de namoro com vaqueiros ou filhas de vaqueiros das fazendas vizinhas. Isso era mais comum.

Aqui já se passa a entender mais sobre a divisão do tempo, em que o social absorve o individual, e cada geração tem “a memória dos acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças correndo para o mesmo leito” (BOSI, 1994, p. 418). Daí a autora questiona: “será a memória individual mais fiel que a social?”. Sim, pois na memória social “pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo; e em uma correção de relatos individuais e a história salva-se de se espelhar apenas os interesses e distorções de cada um” (BOSI, 1994, p. 420).

4.2.3 “*Naquele tempo... Ah! Naquele tempo*”!

Na idade madura as responsabilidades foram ainda maiores, não era só ajudar os pais, agora tinha que dar conta de sustentar a própria família. “*Na fazenda se casa cedo, faz frio, a gente quer “um lençol de orelha” para se esquentar e os filhos vêm a reboque*”. Observa-se que no último período os verbos estão no presente, em uma demonstração de que o “tempo que o homem considera como seu é aquele onde ele concebe e executa suas empresas. A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos” (BOSI, 1994, p. 421). Quando prossegue a narrativa, há mudança no tempo verbal:

As famílias tinham muitos filhos, quantos Deus mandasse. Eu tive seis, fora os que a mulher perdeu, e criei todos com o suor do meu trabalho. Era tempo de fartura, o rancho vinha da cidade para cada família de empregado, todo mês se tirava uma vaca gorda, para a matalutagem. Todos ganhavam seu quinhão de carne e dava o jeito para conservar: salgava, cozinhava aqueles enormes pedaços que duravam uns quantos dias; fazia o frito de vaqueiro que a gente colocava no surrão⁵¹, prendia na sela e ia embora para o campo, quando batia a fome a gente tinha o que merendar.

Tio Iranda olha para trás e faz essa volta ao passado tão somente para localizar os marcos de seu tempo bibliográfico no tempo solar decorrido. Tal fato incide sobre a memória que “pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. Ela corre o risco de se desviar quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso” (BOSI, 1994, p. 420). Remar contra a corrente para o marajoara não constitui metáfora faz parte da vida do homem marajoara, rodeado de água por todos os lados, e, constantemente, a necessidade o obriga a esse feito, às vezes heroico, pois depende de intensa força muscular e sujeito às mais diversas intempéries até chegar ao seu destino.

Em *Narrativas memorialísticas*, Porto (2010, p. 28) diz que,

por enquanto, nossas reminiscências estão repletas de luz e de trevas, de encantos e desencantos, de sonhos e desventuras, de ganhos e perdas... E são todas essas experiências que compõe a nossa narrativa de vida, a nossa biografia. E é também com elas que compomos nossas memórias.

⁵¹ Saco de couro curtido feito da bolsa escrotal do garrote e que serve para transportar os alimentos dos vaqueiros, normalmente é amarrado na garupa da sela.

As evocações das memórias quando transmitidas oralmente enfatizam o que foi vivido pelo sujeito de uma dada cultura levando em conta o contexto histórico em que são criadas.

4.2.4 A memória para o homem marajoara

Em uma das conversas com Erandir se percebeu a mesma concepção ideológica de cultura vista por Bosi (2003, p. 155-156) em que “existe uma cultura vivida e uma cultura que os homens aspiram”. E assim como as operárias entrevistadas pela autora o mesmo se deu com o vaqueiro que sente “um fortíssimo desejo de instrução, quando não para si, para os filhos”.

Minhas filhas tiveram oportunidade de estudar fora, fizeram todo o segundo grau no “Colégio Antônio Lemos”, no município de Santa Isabel, em regime interno dirigido pelas freiras do Colégio. A “branca” que conseguiu vaga pra elas todas. Quando elas foram pra lá de todos nós preparamos o enxoval que elas tinham que levar. O papai [Roque] deu o da Eida. Todos da família ajudaram. Lá se formaram de professora e quando completaram os estudos retrocederam de volta pra fazenda pra elas já trabalharem na escola, como professoras.

É conversa corrente na classe humilde de trabalhadores do campo que “para ser alguém na vida, é preciso estudar”, e para ter acesso ao conhecimento é preciso sair do lugar de origem. Bosi (2003, p. 163) menciona o quanto “empobrecedora para nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora lições de resistência”. Esta população também se caracteriza pela diversidade sociocultural por envolver um ensino pautado em práticas tradicionais. Mas, um parecer não tão promissor de Bosi (2003, p. 163) se esboça:

essa diversidade caiu no vazio: não há memória para aqueles a quem nada pertence. Tudo o que se trabalhou, criou, lutou, a crônica da família ou do indivíduo vão cair no anonimato ao fim de seu percurso errante. A violência que separou suas articulações desconjuntou seus esforços, esbofeteou suas esperanças, espoliou também a lembrança de seus feitos.

Hoje, já aposentado, Tio Iranda não consegue “deixar o tempo passar” e sempre procura algo para fazer. As pessoas que confiam em seu trabalho de ferra⁵², castração⁵³,

⁵² Ato de ferrar o gado, de o marcar a ferro quente.

⁵³ Ato de castrar, de cortar os órgãos reprodutores; capar.

assinalação⁵⁴ volta e meia buscam seus serviços. Mas isso é passageiro. Sabe que seu lugar é ao lado da esposa, Ana Maria (Tia Nica) que sofre da doença de *Parkinson*, o vaqueiro sabe que “quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia a dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho [...] e nos rouba do convívio mais caro” (BOSI, 1994, p. 417).

As lembranças passam a trabalhar a matéria da memória cuja tendência é deixá-las, segundo Bosi (1994, p. 419) “cheias de sentido e úteis para o presente”. É o sentido para a própria vida que se amarra ao passado e dá-lhe ânimo para viver longe onde não há mais marcas de apoio; é útil para que os filhos, netos e futuras gerações não o vejam como um ser improdutivo, incapaz. Um fator determinante e, conforme a colocação de Bosi (1994, p. 63):

há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente em seu grupo: neste momento de velhice social. Resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Tio Iranda é um homem idoso que se volta frequentemente ao passado e conta com muita emoção sobre os dias vividos nos campos, mas está bem vivo e com força para vivenciar com muita energia, fazendo aquilo que gosta, pois a vida ensinou que “cada coisa acontece no tempo certo”. E para ele o tempo sempre corre a seu favor, não espera acontecer, faz acontecer. Tal atitude é o que Simone Weil (citada por BOSI, 1994, p. 422) chama de “a própria essência da coragem” porque se renova a cada dia, numa clara versão de que na apreensão do tempo passado e presente se fundem com uma riqueza enorme de informações e constituem assim a natureza de um tipo humano característico do Marajó que mostra o apego à memória tão somente como “um tempo bom, que não volta nunca mais”.

4.2.5 Memorabilia de Erandir Vasconcelos: o estar no mundo é ser vaqueiro

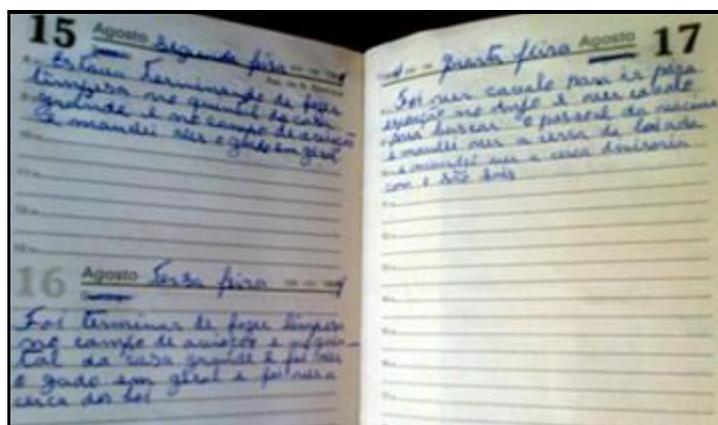
Os sujeitos dessa pesquisa habitaram durante certo tempo o mesmo espaço. A lembrança que eles têm da Fazenda se constitui o espaço que traz impresso neles a marca da memória, principalmente em Erandir, o expoente central da investigação. Em Erandir não são somente os lugares que evocam os acontecimentos vividos nos campos, mas também os objetos que acarretam fatos marcantes e testemunham algo que passou e fazem menção ao ato de lembrar. Um lembrar que para Bosi (1994, p. 55),

⁵⁴ Marcar (o animal) mediante cortes nas orelhas.

não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A memória não é sonho, é trabalho. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Os registros de suas atividades estão escritos em uma agenda, são as suas anotações diárias e as lembranças que ela evoca incidem em uma tentativa de reter o tempo, reter o esquecimento. É também uma amostra do seu ingresso à cultura instruída, e, ainda que não se dê conta disso, demonstra o valor que dá a esse tipo de produção e quis registrar.

Figura 32 – Agenda de Erandir Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

Quando tive acesso à agenda pensei na união desses recursos de investigação: a letra e a voz. Embora a pesquisa se encaminhe pelos campos da oralidade, o objeto descrito traz fatos mediados pela escrita e do espaço que ela ocupa. Ao se referir aos objetos Ecléa Bosi (1994, p. 441) é sensível à coleta:

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam [...] nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.

O caderno de notas funciona como um lugar onde estão as lembranças de um tempo em que anotava as atividades no seu espaço de trabalho e, quando fosse prestar contas das atividades e dos que estavam sob suas ordens pudesse ter a prova material do serviço realizado que podia ter comprovação se assim os “brancos quisessem”. As anotações ajudam a compor o passado na narrativa e são a marca dessas vivências e propiciam o encontro com o presente por meios de objetos que, para Erandir Vasconcelos, têm memória.

Outros objetos o vaqueiro trouxe para compartilhar e, em meio as suas lembranças retira do armário as camisas marajoaras. A esposa faz questão de falar sobre a pala bordada em ponto cruz e de que ela foi ela a primeira bordadeira e costureira da Fazenda a criar esse modelo de camisa.

Figura 33 – Pala da camisa marajoara bordada em ponto cruz.



Fonte: Arquivo da autora.

Intrigada com o desenho que se diferencia do que comumente se vê nas camisas marajoaras, perguntei à Dona Ana se ela sabia a origem daquele motivo e ela me respondeu que foi criação do cunhado Moacir Barbosa, feitor da fazenda Tapera:

Foi o Moacir quem criou o desenho. Quando ele sofreu o acidente, ficou um bom tempo se recuperando e pra passar o tempo ele pegou lápis, borracha e pediu papel quadriculado. Passou dias com isso até que acabou e depois coloriu, são as iniciais do nome dele, pode ver: M, de Moacir e B, de Barbosa. Tudo invenção dele. Eu achei bonito e desenhei uma pala pra botar na camisa do Iranda. Tá o resultado.

Nos motivos ornamentais da cerâmica marajoara, o modelo para o artesanato de hoje. Gallo comenta (1990, p. XI) que quando se quer é possível criar e cabe ao artesão a criação inovadora: “o artesão, quando quer sair da rotina e tentar novos caminhos, muitas vezes apela a uma criatividade nem sempre ortodoxa”.

Dona Ana dá dicas para tecer a pala marajoara: “*cânhamo branco, tubos de linha Âncora (de outra marca, mancha) de algodão, para o ponto ficar bem marcado usa duas pernas de linha, o ponto fica bem cheio*”. João de Jesus Paes Loureiro (1990, p. IX) na nota

de apresentação do livro de Gallo (1990), integra as formas geradas pela cultura tradicional e modalidades atuais de trabalho:

A identidade cultural deve entranhar-se nas camadas da sociedade através das mais diferentes formas, tornando-se uma expressão natural, presente nas cotidianas e diversas atividades dos cidadãos. [...] A delicada e rara tessitura visual da arte decorativa marajoara, fortalecendo a rara e delicada tessitura da sociedade trabalhadora, no Marajó.

O vaqueiro-artesão se tornou raro, são poucos os que ainda tecem seus instrumentos de trabalho, tudo já se compra feito, perdeu-se o hábito de tecer, de criar:

Nem todos sabiam fazer seus arreios, mas tinha vaqueiro bom disso no preparo das cordas, no trançado das muxingas, para confeccionar as cabeçadas, botar fivela, sola, os freios, o ló (tinha que comprar a balança e costurar na sola), o rabicho que só podia com sola fina.

A mostra de objetos que reportam à memória do vaqueiro continua, na última gaveta do móvel, retira uma pasta onde preserva a revista com a reportagem sobre ele e o filho Ernani, primeiro e segundo lugar, respectivamente, na prova de resistência do cavalo marajoara, em 1982.

Da reportagem presente na *Sagriforma* (1982, p. 13) extraí um excerto que corrobora o exposto no tópico do mapeamento da identidade dos vaqueiros:

Irander e Ernani Vasconcelos, descendentes e prosseguidores de uma estirpe de vaqueiros marajoaras, iniciada com Luis Andrônico de Vasconcelos há quatro gerações na Fazenda Santa Cruz da Tapera são os principais vencedores da 1ª Prova de Resistência do Cavalo Marajoara. O velho Andrônico Vasconcelos esteve nos livros do primário durante muito tempo como o autêntico vaqueiro marajoara, com aquele chapéu timbó. Era avô de Irander e tinha um traço marcante: os olhos claros. Irander Vasconcelos 43 anos de idade e 29 de vaqueirice, neto de Andrônico, filho de Roque e pai de Ernani; Ernani Vasconcelos, bisneto de Andrônico 26 anos e vaqueiro desde os 16; juntos, em dois dias percorreram os 130 quilômetros que separam Cachoeira do Arari e Soure, atravessando igarapés, aterros e alagados e chegando bem à frente dos demais concorrentes.

Figura 34 – Pai e filho na cabeça. “Cavalo Marajoara: prova de fogo”.



Fonte: *Sagrinforma*, ano. 2, v. 1, n. 27, p. 13, out. 1982.

A corrida do cavalo marajoara consiste em uma prova de resistência para o vaqueiro e o animal e nesse trajeto o chapéu é um acessório que complementa a vestimenta do vaqueiro com a função protetora contra o sol e as eventuais intempéries da caminhada. Já aposentado, Erandir Vasconcelos ainda o utiliza e o deixa pendurado em uma escápula de maneira a estar à mão ao sair de casa, seja embaixo de sol ou chuva, ou tão somente para cobrir a cabeça. O chapéu, como um objeto de uso diário adquire, à luz de Bosi (1994, p. 441) significância maior, pois “quanto mais voltado ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos”.

Figura 35 – Chapéu do vaqueiro Erandir Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da autora.

O chapéu do vaqueiro marajoara é trançado de palha, as abas largas protegem a cabeça das águas da chuva ou dos raios do sol, é de um modelo simples, alto, de forma a encaixar com precisão na cabeça e tem enorme utilidade na execução das tarefas diárias. Caracteriza-se pela tira de pano que contorna a borda e com o mesmo tipo de tecido se confecciona uma tira para atar ao queixo (barbota), isso ajuda a fixá-lo melhor e impede que voe durante uma atividade mais rápida ou de o vento levá-lo para longe.

Sobre uma prateleira, o livro com textos sobre a Fazenda Tapera, *Os dez Brasis*⁵⁵, e a referência a ele mesmo, Erandir, ao pai Roque e ao avô, Luis Andrônico, e a outros companheiros de trabalho que foram contemplados pelo escritor.

Figura 36 – Capa do livro *Os dez Brasis*.



Fonte: Arquivo da autora.

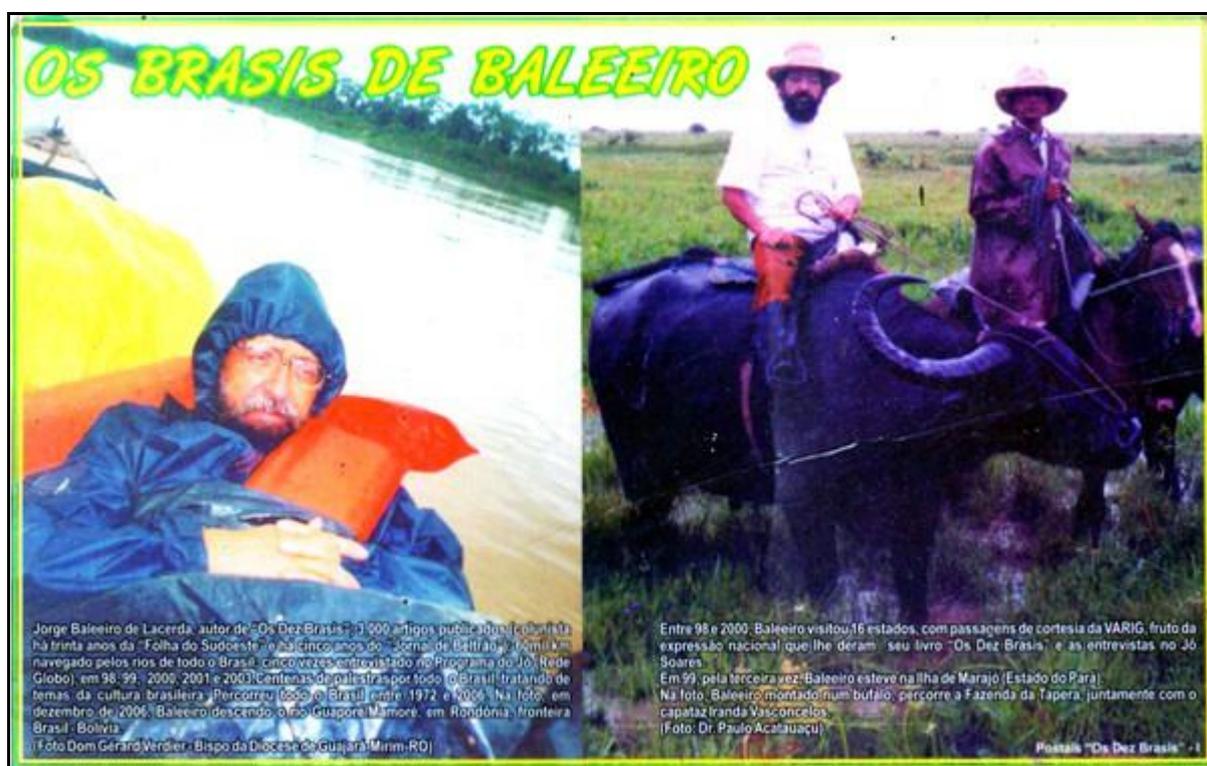
Os poucos objetos que recolheu ao longo de sua vida, seguido das informações explicativas de cada um, o dotam de poder, de uma forma de poder de quem tem domínio sobre os elementos dispostos. Mas, essa autoridade não tem em si o desejo de posse, o narrador é generoso e os disponibiliza para “*ajudar na pesquisa*”, permite que eu os leve para casa e faça bom proveito. Com o livro nas mãos, saio do aposento e aí seu poder se manifesta na firme na recomendação: “*mas traga de volta, esse livro eu guardo faz tempo*”. A esses objetos Violette Morin (citada por Ecléa Bosi 2003, p. 26) chama de “objetos

⁵⁵ Entre 98 e 2000, Jorge Baleeiro de Lacerda visitou 16 Estados, fruto da expressão nacional que lhe deram seu livro “Os Dez Brasis”. Em 99, pela terceira vez, Baleeiro esteve no Marajó/PA, onde conheceu Erandir Vasconcelos que se tornou um grande companheiro de jornada pelos campos do Marajó.

biográficos” que envelhecem junto com seu dono e faz parte de sua vida, pois, “Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador”.

De repente, como se lembrasse de algo importante para o momento, o velho vaqueiro Erandir, em passos ligeiros, segue pelo corredor e chama a mulher: “*Ana Maria onde está aquela carta do escritor do livro?*”. Ela a encontra bem protegida dentro de um envelope e junto a carta acompanhada de um postal de Jorge Baleeiro de Lacerda⁵⁶, o companheiro de jornada no Marajó durante a breve visita.

Figura 37 – O escritor Jorge Baleeiro e Erandir Vasconcelos.



Fonte: Arquivo da família Vasconcelos.

Quando rememora fatos de sua vida, a partir do toque de cada um desses objetos, Erandir divaga e começa a se prender em digressões e memórias individuais sabe que eles representam uma experiência vivida. A pergunta de Bosi (1994, p. 441): “o que pode igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco?”. A resposta imediata da autora espelha o que se percebe em Erandir diante da coleção de objetos biográficos que, de certa forma “dão a pacífica impressão de continuidade”.

⁵⁶ Na foto, Baleeiro montado num búfalo percorre os campos do Marajó, juntamente com o então capataz da Fazenda Tapera Erandir Vasconcelos. A imagem ao lado retrata a viagem.

4.3 A movência da narrativa: eco de vozes se propaga e ressoa na educação

De cunho oral, a narração tem estreita relação com o pertinente ao cotidiano do vaqueiro é o que o move, o toca, o aproxima das trocas de saberes com seus pares. Narrativa que no próprio sentido etimológico dá ideia de movimento, ato de mover o que Zumthor (2010, p. 292) denomina movência: “o texto oral pede uma interpretação também movente”.

A energia que o sustém e compõe suas formas, a cada performance, recupera a experiência vivida e a integra a seu material”. O termo “movência”, nesse caso, ocorre em vista do processo sucessivo ocasionado pelas vozes que se presentificam na memória do sujeito e na do grupo no qual se inscreve e podem transpor os marcos estabelecidos no próprio ambiente e se mover em direção a outros espaços até com novo sentido, mas em aprendizado constante que advém da tradição. Entendendo-se que,

O sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele. Nessa percepção, o sujeito que narra literariamente num determinado Tempo e Espaço, dilatado ele também como um coletivo de vozes, um ser plural, uma legião, pois dele ouviremos e/ou leremos as ressonâncias de um ou vários grupos sociais com os seus mais distintos signos, toada uma poética que singular, é plural. (PORTO, 2010, p. 40)

As tradições orais se desenvolvem e perduram, observa Zumthor (2010, p. 282) na forma como o grupo social assimila percepções, costumes e ideias e consente o que é conveniente saber e como saber. O aprendizado que vem da tradição pelas vozes dos velhos vaqueiros marajoaras se imprime na história de quem viveu a experiência e agora o próprio sujeito tem a oportunidade de narrá-la em espaço diferenciado: não mais nos campos do Marajó, o espaço rural, mas na cidade, o local urbano onde mora atualmente. A voz de Erandir, um velho vaqueiro, o escolhido desta pesquisa que, em virtude de suas experiências vividas, tem o que contar. E como um elemento de movência, a intervocalidade se aplica ao espaço-tempo da narrativa oral visto que a voz carrega a tradição que se modifica ao longo do tempo.

Por isso é questão fundamental para a educação conhecer os problemas universais, mas também as realidades inerentes a cada local. O Marajó, em particular, é composto por dezesseis municípios e em cada um desses lugares há uma cultura tradicional, com sua marca da expressão e, de maneira geral, faz parte de uma civilização mais ampla. Esse é um pensamento compartilhado com Fares (2003, p. 77) para quem “o Marajó não é uma

paisagem, mas muitas paisagens, não é uma ilha, mas um arquipélago, não é uma civilização, mas civilizações sobrepostas umas as outras”.

Neste cenário multifacetado e polissêmico deve-se pensar a educação em seu contexto para que as informações lá veiculadas adquiram sentido e possam ser socialmente compartilhadas. É um saber que tem sim uma cultura local e se constitui como expressão de uma sociedade global de onde se assimilaram determinados hábitos que acabam por influenciar o papel social, histórico, econômico, religioso e cultural da comunidade. Alguns fenômenos, entre eles o da globalização que instiga o consumismo, estão influenciando no comportamento do homem marajoara em vista de, atualmente, haver uma maior facilidade de acesso à zona urbana. Com isso, passaram a consumir os produtos das cidades como o álcool, por exemplo, que chega a ser proibido em algumas fazendas.

Muitos deles atraídos pela sociedade global moderna deixam de lado a própria cultura, como os ensaios ao entardecer do cadenciado Lundu, do ritmo mais agitado do Carimbó, da interação das partidas de dominó, em prol da audição dos CDs das músicas de aparelhagem, o que predomina principalmente entre os mais jovens. Essa cultura de fora assimilada pelos moradores tradicionais vai lentamente se infiltrando e contribui para uma gradual transformação de valores, atitudes, compreensão, o clima de camaradagem, especialmente porque “os contatos entre as culturas, sendo cada vez mais intenso, fazem com que estas percam gradualmente a sua integridade, a sua singularidade” (SANTOS, 2000, p. 134).

Os mais “antigos” ficam surpresos com as atitudes agora praticadas pelos familiares e amigos de longa data como as “obrigações que anteriormente levavam à renúncia aos desejos individuais, quando se opunham à vontade dos pais ou cônjuges. Hoje a incompreensão deteriora as relações pais e filhos, maridos-esposas” (MORIN, 2007, p. 97). Antes não era assim, quando os filhos, por exemplo, começavam a trabalhar, o que ganhavam era entregue aos pais para ajudar no sustento de todos. Essa concepção suscita reflexão e aprendizagem que ocorre em todas as dimensões da vida, pois,

a aquisição e produção de conhecimento não acontecem somente nas escolas e instituições de ensino superior, mas nas moradias e locais de trabalho, nas cidades e no campo, nas famílias, nos movimentos sociais, nas associações civis, nas organizações não governamentais e em todas as áreas da convivência humana (BRASIL – PNEDH, 2009, p. 43).

Daí pode-se entender que pela diversidade da cultura local, os objetivos e dimensões do saber, como produto de relações epistemológicas, estão intimamente ligados principalmente porque dentro da cultura do povo há um saber vivo e continuamente

transmitido entre pessoas e grupos, portanto, há uma educação. Quando não há diálogo se impede a capacidade natural que o indivíduo tem de contextualizar.

O habitante dos campos do Marajó é ao mesmo tempo singular embora envolvido numa multiplicidade de fatores pertinentes aos afazeres diários, às crenças, ao léxico, à alimentação, aos mitos. Diante dessa dimensão cultural há um alerta de Morin (2007, p. 57): “é apropriado conceber a unidade que assegure e favoreça a diversidade que se insere na unidade”, ou seja, são esses elementos que mantêm certa coesão e colaboram para impedir a manifestação de conflitos.

Não se tem com isso a pretensão de estabelecer por princípio uma sociedade igualitária, mas a consciência da diversidade que se dá por meio de culturas. Isso não quer dizer que o Marajó não comporte em si outras culturas, pois há exemplos de mestiçagens bem sucedidas como a dança do Carimbó, do Lundu e Siriá, e outros ritmos e manifestações diversas inseridas na cultura local.

Apesar de exercícios excludentes frente a práticas de negros e antigos escravos, que passaram a habitar o Marajó das Florestas e se mesclar com nações Nheengaíba, Mamaianá, Chapouna, expressões de culturas afroindígenas enraizaram identidades e se expressam, ainda hoje, de variadas formas. É possível considerar que os “Marajós” estão enroscados com viveres e saberes africanos e ameríndios em seu jeito de comunicar, dançar, cultuar santos ou entidades do rio e da floresta, acreditar em narrativas fantásticas, realizar festejos juninos, pressentir a vida e a morte (PACHECO, 2012, p. 215, grifo do autor).

No percurso histórico do povo amazônida a mestiçagem é evidente, mas costuma levantar proposições conflituosas. Seja pela afirmação de identidade, seja pelas relações entre culturas os fenômenos de hibridização cultural (CANCLINI, 2008) existem e por isso vale também ressaltar a premissa de Montaigne (citado por GRUZINSKI, 2001, p. 53): “um homem distinto é um homem misturado”. As misturas sociais fornecem possibilidades para se analisar as identidades a partir de relações e interações múltiplas, princípio adotado por Morin (2007, p. 57): “é a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno”.

Consciente da unidade e da diversidade presente nas culturas e em cada ser humano deve-se manter na retaguarda para evitar a tendência do pensamento único com incidência de outro olhar sobre o objeto em que se dê ênfase também ao contexto cultural. Este, uma vez instituído, se estabiliza, adquire legitimidade social e chega a transformar uma realidade que não costuma ser questionada e que pode utilizá-lo para melhor condução da própria vida.

Na época de ferrar o gado, em praticamente todas as fazendas do Marajó, é chegada a hora de o vaqueiro mostrar suas habilidades como bom profissional que é. Além de executar as tarefas em sua fazenda de origem, nesse momento, assume sua identidade. Como é um momento de interação, participação, solidariedade, é preciso seguir um ritual em que é reconhecida sua identidade social e ele se veste a caráter, cela o animal, capricha nos arreios, pega seu material de trabalho e sai dos marcos estabelecidos dessa propriedade e avança em direção a outras fazendas para ajudar os companheiros de profissão.

É um grande mutirão que envolve toda a comunidade de vaqueiros, para eles ser solidário é uma grande virtude para os habitantes dos campos, onde, necessariamente, um depende do outro e não há uma escala diferente. Os mutirões acontecem no ápice do verão, entre os meses de agosto a novembro, época propícia para ferrar, assinalar e castrar os animais porque o sol evita que as feridas abertas, por conta desses procedimentos, inflamem e sejam depósitos de ovos de varejeira⁵⁷.

Como é característica deles serem silenciosos, acabrunhados, um tipo de comportamento herdado dos índios que assim procediam torna-se difícil saber se sofrem opressões ou dominados de alguma forma, à exceção, quando chega a aposentadoria. Nesse momento da vida, o vaqueiro sente um forte abalo emocional e precisa de força, incentivo e solidariedade da família e dos amigos. Morin (2007) indica que o ser humano está diante do complexo da crise planetária que marca o século XX, para o vaqueiro, a época em que se aposenta e da mesma maneira que ele, outros companheiros se deparam com o conflito da finda dos trabalhos nos campos “mostrando que todos os seres humanos confrontados de agora em diante aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham um destino comum” (MORIN, 2007, p. 16).

Tem-se a impressão que a visão de paraíso que tinham dos campos, das fazendas era uma miragem. Há um grande problema a se enfrentar e este não é nada fácil. A crise que marca profundamente a vida do vaqueiro não é a aposentadoria, mas estar ciente de que deve desocupar a casa onde morou e dizer adeus aos campos, às plantações e a tudo aquilo que construiu durante toda sua vida naquele lugar, e ir embora.

Como o aposentado não exerce mais as funções de responsabilidade não há mais motivo para sua permanência na fazenda. Só resta então reunir seus pertences, recolher os animais que pode levar e ultrapassar mais uma vez a porteira que sempre esteve aberta e agora se fecha, talvez não para sempre, quem sabe ele ainda apareça em uma breve visita que o

⁵⁷ A varejeira é um tipo de mosca de cor azul ou verde-metálico, que produz bicheiras e deposita seus ovos diretamente sobre feridas expostas.

tempo e as dificuldades de locomoção se encarregarão de eliminá-las de uma vez. Um destino em comum e, infelizmente, partilhado por todos os que exercem a atividade de vaqueiro no Marajó, salvo raríssimas exceções.

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos. Aqui cabe o ditado popular de “não desejar para os outros, o que não deseja para si” uma lição de conhecimento geral, intrínseco ao conhecimento do vaqueiro do Marajó e nisto, de acordo com Freire (1993, p. 19 e 21), está presente na ação educativa:

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. E ensinar e aprender cortando todas estas atividades [...]. O ser humano jamais para de educar-se.

O vaqueiro do Marajó se apropria do seu espaço de aprendizagem e também de educar no sentido da realização como sistema original de viver e de pensar o conhecimento de forma contextualizada levando em conta sua cultura. O porto onde vamos desembarcar já está próximo, é uma parada indispensável por conta da necessidade de (re)abastecer as máquinas e outros instrumentos de navegação mas, tendo em mente que “É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já” (José Saramago).

ERA 5⁵⁸ DESEMBARQUE

Chegando ao fim deste exercício, vamos voltar ao princípio. Tudo começa numa afinidade, numa simpatia do sujeito da percepção e da ação pelo seu objeto [...] motivado por uma percepção venturosa em busca do conhecimento (Ecléa Bosi).

Figura 17 – E o Marajó abre suas porteiras.



Fonte: Arquivo da autora.

⁵⁸ É a idade do boi, nome dado ao bovino macho castrado e, “pelo fato mesmo engorde e amacie sua carne para o curro. [...] Muitos desses animais ‘castrados’ os vaqueiros tiram para sua sela” (BARROSO, 1953, p. 168, grifo do autor). Eles ficam mansos e é mais fácil de adestrar e pode ser utilizado no trabalho de carga e alimentação.

5.1 Das experiências e saberes do vaqueiro do Marajó: novo olhar, outros campos

No cotidiano das fazendas de gado nos campos do Marajó os saberes estão nos ambientes de trabalho e moradia e lá se constroem relações de experiências (com)partilhadas que (re)afirmam a identidade do vaqueiro do Marajó em adesão ao instituído por Freire (2000, p. 64), mesmo que não se tenha consciência do fato:

estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

Incentivo para aprender a ler, escrever e fazer conta, era difícil encontrar, principalmente para crianças e jovens que estudavam de manhã e de tarde, havia outros atrativos que as janelas abertas permitiam ver e desviavam a atenção do quadro negro: cavalo pastando, bezerro atrás da mãe mugindo sem parar, a poeira que levanta como sinal de alguém se aproximando, o barulho ao longe de um transporte que vem no rumo da fazenda, a porteira, o infinito... E o estudante lá, preso, sem poder mudar o cavalo para outro pasto onde há mais capim, conduzir a vaca e acalmar o bezerro, tirar a sela do animal do visitante que apeiou, subir no ponto mais alto e levantar hipóteses para saber qual veículo, quem vem lá ou se está só de passagem, correr a frente dos colegas para chegar antes e abrir a porteira.

Verifica-se que no tocante à educação na zona rural marajoara, há uma relação intrinsecamente ligada ao mundo do trabalho, em que os saberes da tradição ainda permanecem infiltrados nas atividades rotineiras das fazendas, seja inverno ou verão. A manifestação dos saberes se dá a cada momento e se constitui em práticas culturais vivenciadas no interior do Marajó e privilegia o saber local. Nos mesmos moldes de ensino descrito por Leite (2012, p. 171, grifo do autor):

a educação não possui caráter institucional, subordinado aos procedimentos da escola. Ela manifesta-se de forma empírica e pragmática, pois o “currículo” está assentado em nas tarefas do cotidiano que integram o núcleo das *matérias* indispensáveis para a existência do futuro trabalhador rural.

Poucos aprendizes de vaqueiro querem o banco da escola, o que se aprende no campo é mais interessante, foi assim com toda a geração de vaqueiros da família Vasconcelos. Um ensina ao outro o que é preciso para ser um bom vaqueiro, outros saberes (com)partilham

enquanto cavalgam lado a lado e trocam saberes da terra, das matas, dos campos. Ofícios tradicionais, cultura oral, transmissão de ideias, saberes que vão além da educação formal e caminham para a formação do sujeito em ambientes informais em que as atividades do cotidiano traçam o seu estar o mundo, sua identidade.

A formação ao longo da vida é que enaltece o profissional dos campos e os modelos atuais de escola precisam incorporar esses saberes nos currículos elaborados pelos intermediadores do processo de ensino e de aprendizagem. Pautar os saberes empíricos e pragmáticos é condição indispensável para fixação do trabalhador nos campos do Marajó com suas matizes e vivências culturais.

A cultura amazônica está presente na vida dos sujeitos desta pesquisa, repassada pela cultura de conversa, nos ambientes familiares e comunitários, visto que todo saber é transmitido na convivência em presença e na prática cotidiana, cujo aprendizado também se constitui como atividade educativa. Os saberes interagem na salutar consciência de que é híbrida, multicultural, mas a mente aberta para receber o novo sem abrir mão da transmissão do antigo. Nessa vertente, a educação confere ao homem dos campos um saber, porque há um compartilhamento de experiências com produção de sentido uma vez que se volta ao exercício da cidadania, expressas em ações coletivas do cotidiano.

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber que não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam estar sendo (FREIRE, 2000, p. 40).

A história de vida de Tio Iranda representa a história conjunta de um grupo social cujos componentes participam com recortes de lembranças que, aos poucos, vão desenhando o mapa cultural do espaço geográfico de Marajó que na narrativa (auto)biográfica do vaqueiro, mesclam-se trabalho e memória. Uma fonte de cultura que traz algumas reivindicações:

o mais importante talvez, nessas preocupações é que as necessidades a que o aprendizado responde sejam algo ainda desconhecido: algo a descobrir, algo a decidir depois. Como se o conhecimento fosse uma negação daquilo que se é e uma contínua descoberta no que poderia ser. Um “poderia ser” que conservasse dentro de si os mesmos traços da vida experimentada no bairro, na família, na oficina, na roça (BOSI, 2003, p. 157, grifo do autor).

Uma compreensão da educação ao longo da vida, a construção conceitual de autores, uma educação humanística como pontua Freire (1993, p. 20) ao longo de sua história de vida,

“não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim saber que podia saber mais”. Como afirma Brandão (1982, p. 7) “ninguém escapa da educação [...] Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação”.

Prioriza-se uma educação para sensibilização, a consciência da dignidade de toda pessoa humana e a promoção de uma cultura de direitos. Desta forma, considera-se que a temática dos saberes do cotidiano dos vaqueiros e a produção de narrativas (auto)biográficas no âmbito da educação como propiciadoras de aprendizagens. Quando envolve consciência e sensibilização se pensa realmente em promoção da cidadania, mas para isso, é necessário respeitar e trabalhar a educação em uma abordagem que favoreça os sujeitos e dotá-lo de instrumentos e mecanismos que possam atuar em sua defesa e proteção.

Apesar da complexidade da temática é fato que a sensibilização à diversidade é de extrema importância pelas possibilidades de dar a conhecer o mundo e o outro e a educação, uma educação voltada à valorização da diversidade cultural. Transformar o cotidiano com empenho na preservação da natureza, no trabalho digno do vaqueiro atentando às dimensões da sua experiência, que a divisão social tem separado, foi a intenção deste texto.

É necessário, então, mergulhar nessas águas que produzem novas dimensões da produção do conhecimento, e “abrir-se à ‘alma’ da cultura é deixar-se ‘molhar’, ‘ensopar’ das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência.” (FREIRE, 1991, p.110, grifo do autor). O fio que tece a vida do homem marajoara permite que se estabeleça estreita relação entre todas as sociedades, em especial, das sociedades marajoaras que têm um tipo humano característico cujo modo de vida, a indumentária, as lendas, os mitos, os rituais, dentre outros, constituem instrumentos e artifícios de sua própria educação, de sua sabedoria.

Significa dizer que existem diferentes formas de produzir conhecimento com maneiras distintas de ver o interpretar o mundo. Novas formas de conhecimento começam a surgir e para “navegar por mares nunca antes navegados” é preciso, então pensar estratégias que permitam enfrentar os imprevistos, lembrando-se sempre de que todo desafio comporta riscos e oportunidades. Dar abertura a novas dimensões na produção do conhecimento. Essa é a intenção quando se estuda e vê a relação expressa na pluralidade cultural do povo amazônida que consiste em uma riqueza de saberes voltados às experiências desses indivíduos.

Assim, esta produção, calcada na oralidade, como marca de expressão de um coletivo, é traduzida por uma só voz, a voz do narrador. Este narrador oral, presente ainda em algumas sociedades, é capacitado para representar o saber de seu povo, seus costumes, sua

história e, conseqüentemente, sua identidade cultural. Além disso, neste narrador oral, em sua performance de transmissão de histórias e fatos, é percebida uma memória individual e coletiva. Voz que, ao utilizar a linguagem, não fala apenas sobre algo, mas se inclui naquilo que diz, dispondo-se como presença e performance.

Por meio da poética das vozes buscou-se inscrever as relações existentes entre os relatos de memória e sua inserção no processo de educação não formal do Marajó para compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro marajoara. As narrativas tem estreita relação com as experiências vividas, com as atividades de trabalho, lazer, religiosa, familiar e demais práticas do cotidiano do vaqueiro do Marajó onde os narradores contam histórias acontecidas com ele mesmo ou com membros da sociedade do qual fazem parte.

Por isso, destaca-se em cada ERA a cultura expressa através da oralidade transmitida através das gerações em espaços diferenciados, onde seja possível a transmissão dos saberes, dos valores e da tradição social que é fundamental no processo de formação social dessas comunidades. Aliado aos múltiplos cotidianos a partir dos quais o homem marajoara constrói o seu saber está um cidadão com valores que transitam por meio da solidariedade, consciência, compreensão, responsabilidade que pense global e aja localmente, sendo capaz de intervir e modificar a realidade social excludente a partir de sua comunidade, assumindo, à maneira de Freire (2007), a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História cuja presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere.

Espera-se contribuir para a caracterização do homem local, com vistas à promoção dos sujeitos dos campos, em que se valorizem as práticas produtivas, a recuperação da memória imaterial e das histórias de vida como produtoras de conhecimento. Ressalta-se que este estudo se deu como um processo de cunho investigativo em que desde o início se pretendeu delinear a educação, as narrativas traduzidas por uma voz que “se encaminha para o universo dos movimentos percorridos pela memória” (PACHECO, 2006, p. 91), e marcaram o cotidiano da vida de uma comunidade em seu *habitat* natural.

Diante dos fatos, que a voz, possa ser útil socialmente para a formação de novos olhares para o arquipélago do Marajó e com inclusão da ideia de memória, na articulação de educação e cultura advindas das narrativas orais que permeiam o universo do trabalhador dos campos de forma a permitir que outras culturas tenham acesso ao conhecimento que o povo dessa região possui. Ciente de que o profissional vaqueiro é elemento de grande significância

no contexto não somente marajoara, mas universal, é que sua voz ecoa em diversas áreas do conhecimento e viaja nos estirões imensos dos nossos rios e desemboca em outros afluentes.

Como “a audição da fala do vaqueiro [...] continua a ressoar” (FARES, 2003, p. 2110) transmitindo saberes, valores, usos e costumes como forma de expressar a sua vivência, deixo aqui a sinalização impressa para novas pesquisas a serem desveladas nesse campo.

E o Marajó abre suas porteiras...

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ACATAUASSU, Dita. **Marajó, minha vida**. Belém: Cejup, 1998.

ALVES, Darcel Andrade. **A Educação n'O Museu do Marajó: ver – tocar – contextualizar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém/PA, 2009.

AMARAL, Sônia Maria Pereira do. **Memórias, cotidianos e escritas às margens dos Marajó navegando entre o saber e o poder**. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém/PA, 2012.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. **Cultura e escolas de fazenda na Ilha de Marajó: um estudo com base em Raymond Williams**. Tese (Doutorado em Cultura, Organização e Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ARROYO, Miguel. A Educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel G. & FERNANDES, Bernardo M. **A Educação Básica e o movimento social do campo**. Por uma educação básica do campo. Brasília/DF: EDITORA, 1999.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. História oral e construção da história de vida. In: SOUZA, Eliseu Clementino & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **Compêndio das eras da Província do Pará**. Belém/PA: Universidade Federal do Pará, 1969.

BARATA, M. **A Antiga Produção e Exportação do Pará**. Estudo Histórico-Econômico. Belém/PA: Gillet de Torres, 1915.

BARBOSA, Maria José de Souza (Coord.). **Relatório Analítico do Marajó**. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br/download/ra/ra129.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2014.

BARROSO, Antônio Emílio Vieira. **Marajó: estudo etnográfico, geológico, geográfico da grandiosa ilha da foz do Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1953.

BENJAMIN, Walter. Imagens do pensamento. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II – Rua de mão única**. 3. ed. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BEZERRA NETO, J. M. **Escravidão negra no Grão-Pará** (séculos XVIII-XIX). Belém: Paka-Tatu, 2001.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOULHOSA, Marinete da Silva. **Entre a sela e o santo: um estudo sobre a identidade do vaqueiro marajoara**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **A educação como cultura**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Trad. de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDAU, Vera Maria. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In: SILVEIRA, R. M. G. et al. **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p. 399-412.

_____. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Revista Educação e Sociedade, LOCAL**, v. 33, n. p. jan-mar 2012.

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. **Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2007.

CRUZ, Miguel Evangelista Miranda da. **Marajó, essa imensidão de ilha**. São Paulo: MEM, 1987.

_____. **Soure: pérola do arquipélago do Marajó**. Belém/PA: Empresa Jornalística; Editora Gráfica M. M. Lima Ltda, 1999.

FARES, Josebel Akel. **Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. Cartografia Poética. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.) **Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sociais sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

_____. Por uma cartografia da cidade: hologramas teóricos. In: MARCONDES, Maria. Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elisabeth (Org.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

_____. A épic do vaqueiro marajoara: (auto)biografia de Juvêncio Amador e cartografias de saberes do Marajó. In: ANTUNES, Helenise Sangoi & OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Diversidades: culturas, ruralidades, emigração, formação e integração social**. Porto Alegre: EDIPCURS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 2. ed. Trad. de Leonardo Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Presença, 1985.

FEIO JUNIOR, Júlio Tavares. **Ferra nas fazendas**. Belém/PA: Smith Produções Gráficas Ltda, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Sônia. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa oficial do Estado, 2002.

GALLO, Giovanni. **Marajó; a ditadura da água**. Belém/PA: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1980.

_____. **Motivos ornamentais da cerâmica marajoara: modelo para o artesanato de hoje**. Cachoeira do Arari: Museu do Marajó, 1990.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. **Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

IBGE. **Censo Demográfico 2010. Sistema IBGE de Recuperação Automática**. 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 19 de março de 2013.

IDESP. **Indicadores de Qualidade Ambiental dos Municípios da Região de Integração Marajó**/ Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará. Belém: IDESP, 2012.

JURANDIR, Dalcídio. Velho Mané Grigório. **Jornal Cachoeira Nova**, Cachoeira do Arari, 25/12/1932.

_____. Alguns Aspectos da Ilha do Marajó. **Revista Cultura Política**, ano 2, n. 14, Rio de Janeiro, 1942.

_____. **Marajó**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

LACERDA, Jorge Baleeiro de. **Os Dez Brasis**. 3 ed. ampl. Francisco Beltrão/PR: Gráfica e Editora Grafit, 1998.

_____. **Dona Dita Acatauassu e o Marajó**. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalbeltrao.com.br/colunista/brasilidade-paranismo/7904/dona-dita-acatauacu-e-o-marajo>> Acesso em: 19 jun. 2013.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 2012.

LEITE, Eudes Fernando. **A vida e o trabalho: camaradas e peões em fazendas de gado no Pantanal**. In: LEITE, Eudes Fernando & FERNANDES, Frederico. **Trânsitos da voz: estudos da oralidade e literatura**. Londrina: EDUELL, 2012. p. 163-187.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Nota de Apresentação. In: GALLO, Giovanni. **Motivos ornamentais da cerâmica marajoara: modelo para o artesanato de hoje**. Cachoeira do Arari: Museu do Marajó, 1990. p. IX.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1996.

MARQUES, José Ribamar. Coleção Criar. **Criação de búfalos**. Serviço de Proteção e Informação. Brasília, DF-SPI; Belém: Embrapa-CPATU, 1998. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/handle/doc/100667>. Acesso em 10 de julho de 2014.

MAUÉS, Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesial**. Um estudo antropológico numa área no interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

MENEGAT, Rualdo. Por que epistemologia? Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Disciplinas/Previous/FuncionamentoCienciaEcologia/PQEpistemologia_2008lck.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2013.

MIRANDA NETO. **Marajó: desafio da Amazônia**. 2. ed. Belém: Cejup, 1993.

MIRANDA, Henrique R. Pai e filho na cabeça. In: **Revista Sagrainforma**, Belém, Ano VI, n. 27, out. 1982, p. 13.

MORAIS, Raimundo. **Anfiteatro amazônico**. São Paulo: Melhoramentos, 1936.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

OLIVEIRA, Ivanide Apoluceno; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobar dos. A Entrevista na Pesquisa Educacional. In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação**. Belém: EDUEPA, 2010. p.

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. **O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos espetaculares da Dança dos Vaqueiros do Marajó, em Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2004.

PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazón de la Amazônia: Identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras**. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **À margem dos Marajós: cotidiano, memórias e imagens da “cidade floresta” - Melgaço/PA**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

_____. Paisagens enegrecidas 1: linguagens e vivências afroindígenas em narrativas marajoaras. **Asas da Palavra**. Belém/PA: Unama, v.13, n. 26, p. 2010/ 2011.

_____. Cosmologias afroindígenas na Amazônia marajoara. **Projeto História**, São Paulo, n. 44, p. 197-226, jun. 2012.

POMBO, Délcia Pereira & AZEVEDO, Vaneida Chagas. **Léxico do vaqueiro marajoara: aspectos do falar nos campos de Soure**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Pará, *Campus* do Marajó / Soure, 2004.

POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. [Trad. do ing. The logic of scientific discovery por L. Hegenberg e O.S. da Mota, ed. 1972]. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1989 apud MENEGAT, Rualdo. Por que epistemologia? Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Disciplinas/Previous/FuncionamentoCienciaEcologia/PQEpistemologia_2008lck.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2013.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História** 15, PUC/SP: Educ, abr. 1997, p. 13-33.

PORTO, Patrícia. **Narrativas memorialísticas: por uma arte docente na escolarização da literatura**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

RODRIGUES, Denise Simões. Identidades culturais na contemporaneidade: contribuições ao debate teórico-metodológico. In: RODRIGUES, Denise Simões & FARES, Josebel Akel. **Memória, imaginário e educação na Amazônia**. Belém: Eduepa, 2013. p. 9-36.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3. ed. rev. e ampl. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2012.

SANTIAGO, A. A. **Introdução dos búfalos no Brasil**. Disponível em: <http://www.bufalo.com.br/info_criador/historico_bufalos.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2014.

SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Maria da Graça. Meio ambiente: múltiplos saberes e usos. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: EDUEPA, 2008.

SOARES, Lúcio de Casto. Vaqueiro de Marajó. In: IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**. 5. ed. Brasília, DF: IBGE, 1949.

STEINER, Rodolfo. **Da capa das selas aos embalos da rede**. Belém: Smith, 2006.

TÁVORA, Maria Josefa de Souza. Cultura: cultura primeira, cultura de massa e cultura elaborada. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: EDUEPA, 2008.

TEIXEIRA, José Ferreira. **O arquipélago do Marajó**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953.

THOMPSON, **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. Cultura, memória e história como substratos na construção identitária. In: FECHINE, Igrid & SEVERO, Ione (Orgs.). **Cultura popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Introdução à Poesia Oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1997.

_____. **Tradição e Esquecimento**. Tradução do original francês de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance Recepção Leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

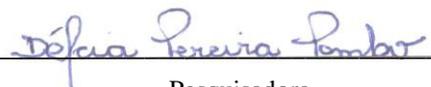
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel de sujeito de uma geração de vaqueiros, vimos convidá-lo a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros de profissão.

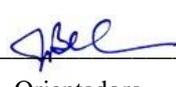
Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

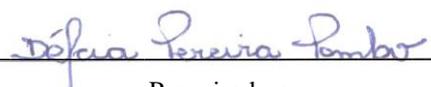


Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

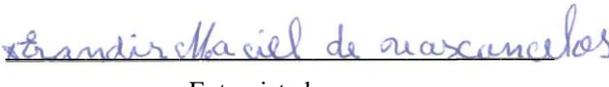
Eu, Erandir Maciel de Vasconcelos, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informado sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soure/Marajó/Pará, 24/07/2014.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com



Entrevistado

Erandir Maciel de Vasconcelos
Vaqueiro do Marajó

APÊNDICE B – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ERANDIR MACIEL DE VASCONCELOS, **Nacionalidade:** Brasileira, **Estado Civil:** Casado, **Profissão:** Vaqueiro (aposentado), **Local de Nascimento:** Fazenda Santa Cruz da Tapera, **Portador da Cédula de Identidade RG nº:** 4080945, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliado** na Travessa 14 entre 4ª e 5ª Ruas, **Bairro:** Centro; **Município:** Soure/Marajó/Pará, **CEP:** 68870-000.

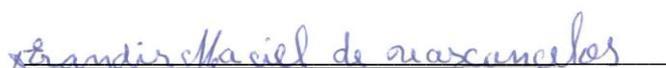
CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18ª, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro, Centro, Município: Soure//Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitado.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Erandir Maciel de Vasconcelos

APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

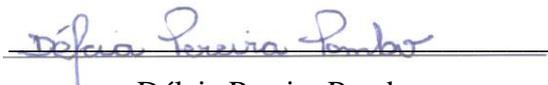
Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas do Sr. Erandir Maciel de Vasconcelos na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.


Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE D – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO: TIPO DE ENTREVISTA: (X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: ERANDIR MACIEL DE VASCONCELOS
LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO:
TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com o Sr. Erandir Maciel de Vasconcelos, nascido e criado na fazenda Tapera/Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.



Erandir Maciel de Vasconcelos

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Nome: Décia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18 nº18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000

Telefone: (91) 96237007 / 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

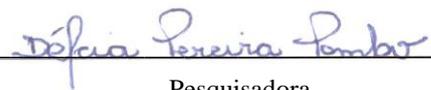
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel de sujeito de uma geração de vaqueiros, vimos convidá-lo a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros de profissão.

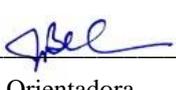
Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

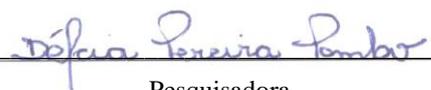


Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

Eu, Ernani Cabral de Vasconcelos, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informado sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soure/Marajó/Pará, 24/07/2014



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com



Entrevistado

Ernani Cabral de Vasconcelos
Vaqueiro do Marajó

APÊNDICE F – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ERNANI CABRAL DE VASCONCELOS, **Nacionalidade:** Brasileira, **Estado Civil:** Casado, **Profissão:** Vaqueiro **Local de Nascimento:** Fazenda Santa Cruz da Tapera, município de Soure, **Portador da Cédula de Identidade RG nº:** 4493852, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliado** na Travessa 14^a, entre 4^a e 5^a Ruas, **Bairro:** Centro; **Município:** Soure/Marajó, **CEP:** 68870-000.

CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18^a, nº 18, entre 4^a e 5^a Ruas, Bairro: Centro, Município: Soure/Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitado.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Ernani Cabral de Vasconcelos

APÊNDICE G – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

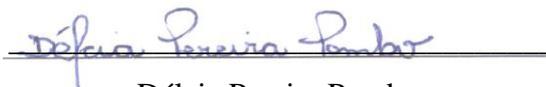
Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas do Sr. Ernani Cabral de Vasconcelos na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Soure/Marajó/Pará 24 de julho de 2014.


Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE H – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO: TIPO DE ENTREVISTA: (X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: ERNANI CABRAL DE VASCONCELOS LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO: TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com o Sr. Ernani Cabral de Vasconcelos, nascido e criado na fazenda Tapera/Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.



Ernani Cabral de Vasconcelos

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Nome: Délcia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18ª n°18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000.

Telefone: (91) 96237007 / (91) 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

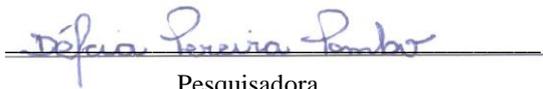
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel de sujeito de uma geração de vaqueiros, vimos convidá-lo a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros de profissão.

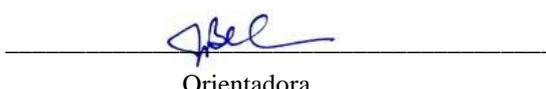
Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

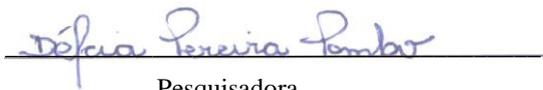


Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

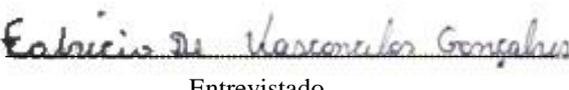
Eu, Fabrício de Vasconcelos Gonçalves, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informado sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soure/Marajó/Pará, 24/07/2014



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com



Entrevistado

Fabrício de Vasconcelos Gonçalves
Vaqueiro do Marajó

APÊNDICE J – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: FABRÍCIO DE VASCONCELOS GONÇALVES, **Nacionalidade:** Brasileira, **Estado Civil:** Casado, **Profissão:** Vaqueiro **Local de Nascimento:** Fazenda Santa Cruz da Tapera, município de Soure, **Portador da Cédula de Identidade RG nº:** 4493844, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliado** na Travessa 14 entre 4ª e 5ª Ruas, **Bairro:** Centro; **Município:** Soure/Marajó, **CEP:** 68870-000.

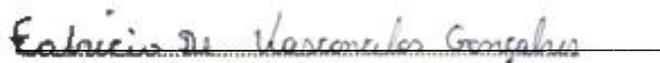
CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18ª, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município: Soure/Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitado.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Fabrício de Vasconcelos Gonçalves

APÊNDICE K – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

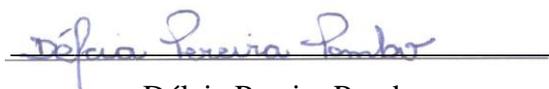
Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas de Fabrício de Vasconcelos Gonçalves na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.


Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE L – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO: TIPO DE ENTREVISTA: (X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: FABRÍCIO DE VASCONCELOS GONÇALVES LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO: TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com Fabrício de Vasconcelos Gonçalves, nascido em Soure e criado junto aos familiares na fazenda Tapera/Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.

Fabrício de Vasconcelos Gonçalves

Fabrício de Vasconcelos Gonçalves

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

Nome: Délcia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18ª n°18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000.

Telefone: (91) 96237007 / (91) 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br

APÊNDICE M – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

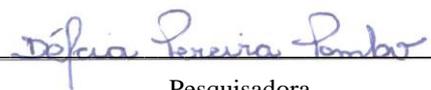
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel como integrante da família de cinco gerações de vaqueiros, vimos convidá-la a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros da trajetória de vida de Erandir Vasconcelos.

Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

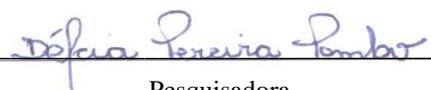


Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

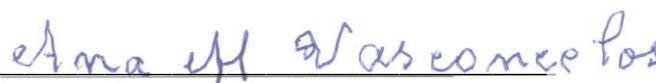
Eu, Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informada sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soare/Marajó/Pará, 24/07/2014



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com



Entrevistada

Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos
Dona de casa

APÊNDICE N – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ANA MARIA VASCONCELOS DE VASCONCELOS
Nacionalidade: Brasileira, **Estado Civil:** Casada, **Profissão:** Dona de casa, **Local de Nascimento:** Fazenda Santa Cruz da Tapera, **Portadora da Cédula de Identidade RG nº:** 4080937, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliado** na Travessa 14^a, entre 4^a e 5^a Ruas, **Bairro:** Centro; **Município:** Soure/Marajó/Pará, **CEP:** 68870-000.

CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18^a, nº 18 entre 4^a e 5^a Ruas, Bairro: Centro, Município: Soure/Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitada.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos

APÊNDICE O – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

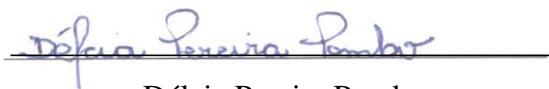
Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas da Sra. Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.


Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE P – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO: TIPO DE ENTREVISTA: (X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: ANA MARIA VASCONCELOS DE VASCONCELOS LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO: TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com o Sra. Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos, nascida e criada na fazenda Tapera/Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.



Ana Maria Vasconcelos de Vasconcelos

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido desta voluntária para a participação no presente estudo.

Nome: Délcia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18 nº18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000.

Telefone: (91) 96237007 / (91) 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br

APÊNDICE Q – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

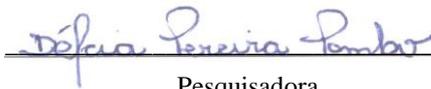
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel como integrante da família de cinco gerações de vaqueiros, vimos convidá-la a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros da trajetória de vida de Erandir Vasconcelos.

Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

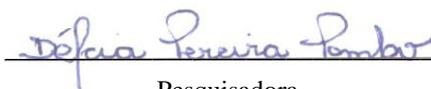


Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

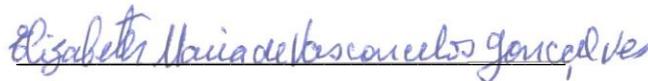
Eu, Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informada sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soare/Marajó/Pará, 24/07/2014



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com



Entrevistada

Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves
Dona de casa

APÊNDICE R – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ELIZABETH MARIA DE VASCONCELOS GONÇALVES, **Nacionalidade:** Brasileira, **Estado Civil:** Casada, **Profissão:** Dona de casa, **Local de Nascimento:** Fazenda Santa Cruz da Tapera, **Portadora da Cédula de Identidade RG nº:** 1380835, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliado** na Travessa 14^a, entre 4^a e 5^a Ruas, **Bairro:** Centro; **Município:** Soure/Marajó/Pará, **CEP:** 68870-000.

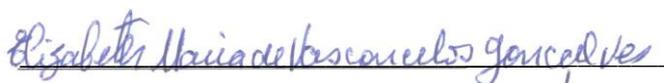
CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18^a, nº 18 entre 4^a e 5^a Ruas, Bairro: Centro, Município: Soure/Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitada.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves

APÊNDICE S – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas da Sra. Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

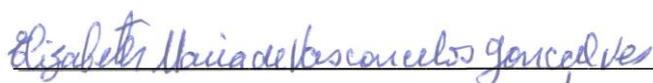
Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE T – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO:
TIPO DE ENTREVISTA:
(X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: ELIZABETH MARIA DE VASCONCELOS GONÇALVES LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO:
TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD
NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com o Sra. Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves, nascida e criada na fazenda Tapera/Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.



Elizabeth Maria de Vasconcelos Gonçalves

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido desta voluntária para a participação no presente estudo.

Nome: Délcia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18 nº18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000.

Telefone: (91) 96237007 / (91) 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br

APÊNDICE U – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

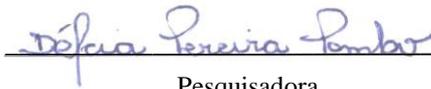
Título do projeto: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa da Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA/Mestrado em Educação (2012-2014), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares. O objetivo é compreender, a partir dos conceitos de cultura, memória, oralidade e educação, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes, assim como o efetivo reconhecimento da sociedade em geral sobre a importância do papel social dessa categoria.

Ciente do seu papel como integrante da família de cinco gerações de vaqueiros, vimos convidá-la a participar desta pesquisa de dissertação de mestrado por meio de entrevistas e com sua permissão se fará uma gravação em áudio com posterior transcrição. Para o registro, também se utilizarão vídeos e imagens fotográficas tiradas no decorrer deste trabalho a fim de evidenciar aspectos ligados à atividade pecuária e em outros momentos de interação com familiares e companheiros da trajetória de vida de Erandir Vasconcelos.

Conforme previamente solicitado, informamos que os nomes verdadeiros dos sujeitos da entrevista serão utilizados na dissertação, além da utilização, divulgação e publicação, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

A qualquer momento você pode desautorizar os pesquisadores de fazer uso das informações utilizadas. Não há despesas pessoais para você em qualquer fase do estudo.



Pesquisadora

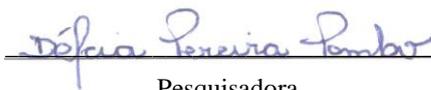
Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Josebel Akel Fares
belfares@uol.com.br

Eu, Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento declaro que compreendi as informações sobre o trabalho em questão. Ressalto que tive a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer minhas dúvidas, e acredito estar suficientemente informada sobre os procedimentos a serem realizados e dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Ressalto que minha participação é voluntária e posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Ciente e de acordo com o que foi para mim exposto, concordo em participar de espontânea vontade desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Soure/Marajó/Pará, 24/07/2014



Pesquisadora

Délcia Pereira Pombo
delciauab@gmail.com

Entrevistada

Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima
Professora

APÊNDICE V – TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: ROSICLÉIA DO SOCORRO DE VASCONCELOS LIMA, **Nacionalidade:** Brasileira, **Estado Civil:** Casada, **Profissão:** Professora, **Local de Nascimento:** município de Soure, **Portadora da Cédula de Identidade RG nº: 2202423**, emitida pela Polícia Civil do Estado do Pará, **Residente e domiciliada** na Travessa 09, entre 4ª e 5ª Ruas, **Bairro:** São Pedro; **Município:** Soure/Marajó/Pará **CEP:** 68870-000.

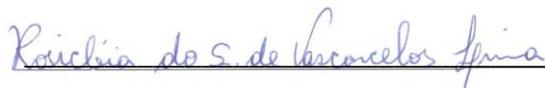
CESSIONÁRIA: Délcia Pereira Pombo, discente do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Cultura e Memória na Amazônia (CUMA/UEPA), residente na Travessa 18ª, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município: Soure/Marajó/Pará. CEP: 68870-000.

OBJETO: Gravação exclusiva para o registro da entrevista e posterior transcrição sobre a trajetória de vida de Erandir Maciel de Vasconcelos.

DO USO: Declaro ceder a Délcia Pereira Pombo a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico, cultural, social e documental que prestei a pesquisadora, no município de Soure/Marajó/Pará sempre que fui solicitada.

A pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autoria.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima

APÊNDICE W – TERMO DE COMPROMISSO DE USO

AUTORIZADO:

Délcia Pereira Pombo

Formação Acadêmica: Especialista

Endereço: Travessa 18, nº 18 entre 4ª e 5ª Ruas, Centro, Soure/Marajó/Pará.

Telefone: (91) 96237007 – 80305760

Tipo de trabalho: Dissertação de Mestrado

Título provisório do trabalho: **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS.**

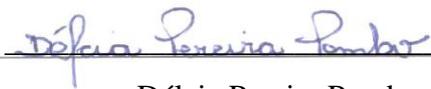
Instituição responsável: Universidade do Estado do Pará/Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA/CCSE).

Comprometo-me a utilizar cópias das entrevistas da Sra. Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima na pesquisa **EDUCAÇÃO, MEMÓRIAS E SABERES AMAZÔNICOS: VOZES DE VAQUEIROS MARAJOARAS**, realizadas no decorrer desse estudo, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas de citação estabelecidas pela ABNT.

Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização da qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.02.1998), ficando, portanto, sujeita às penalidades por ela previstas.

Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo a UEPA/Mestrado em Educação o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Soure/Marajó/Pará, 24 de julho de 2014.



Délcia Pereira Pombo

APÊNDICE X – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES

PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL CATÁLOGO DAS COLEÇÕES
COLEÇÃO: TIPO DE ENTREVISTA: (X) história de vida () história temática: () depoimento individual () depoimento coletivo
NOME DO ENTREVISTADO: ROSICLÉIA DO SOCORRO DE VASCONCELOS LIMA LOCAL DA ENTREVISTA: SOURE/MARAJÓ/PARÁ DATA DA ENTREVISTA: DURAÇÃO: TRANSCRIÇÃO: (X) sim (.) não () manuscrita (X) impressa () em disquete (X) em CD NÚMERO DE SÉRIE:
RESUMO: Entrevista com o Sra. Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima, nascida no município de Soure/Marajó/Pará. Nesse trabalho, pretendem-se compreender, os processos de construção identitária do vaqueiro e contribuir para estimular a reflexão sobre os aspectos ligados aos seus saberes. Para tanto, utilizo as trajetórias de vida como procedimento metodológico, pautado no emprego de narrativas, o que a memória como objeto da história oral propicia, fazendo um recorte (auto)biográfico das fontes orais, por considerar que são instrumentos relevantes de análise e assim identificar os fenômenos intrínsecos à atividade pecuária, sejam eles reais ou imaginários. Palavras-chave: Memórias. Saberes Amazônicos. Vozes. Vaqueiros do Marajó.



Rosicléia do Socorro de Vasconcelos Lima

Declaro que obtive de forma apropriada e de espontânea vontade o Consentimento Livre e Esclarecido desta voluntária para a participação no presente estudo.

Nome: Délcia Pereira Pombo

Endereço: Travessa 18 nº18, entre 4ª e 5ª Ruas, Bairro: Centro, Município de Soure/Marajó/Pará, CEP: 68870-000.

Telefone: (91) 96237007 / (91) 80305760

Endereço eletrônico: delciauab@gmail.com

Dados do CEP responsável pela autorização da pesquisa: 66113-010

Endereço: Trav. Djalma Dutra s/n

Telefone: (91) 40099552

Endereço eletrônico: gabccse@uepa.br



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém – Pará – Brasil
www.uepa.br